

UT SCIENTIFIQUE DE RECHERCHE PARANATURALISTE

upokrinomenes

7

MONOGRAPHE

NOMIE AIRES HYPERCRIO

OTIQUE upokrime prog

TOPIE KADAL

OPSIS MORPHOPROPHASISME

CE VAMPYROPTUSSE P

0/3/86 ZOOSYS

VILÉM FLUSSER

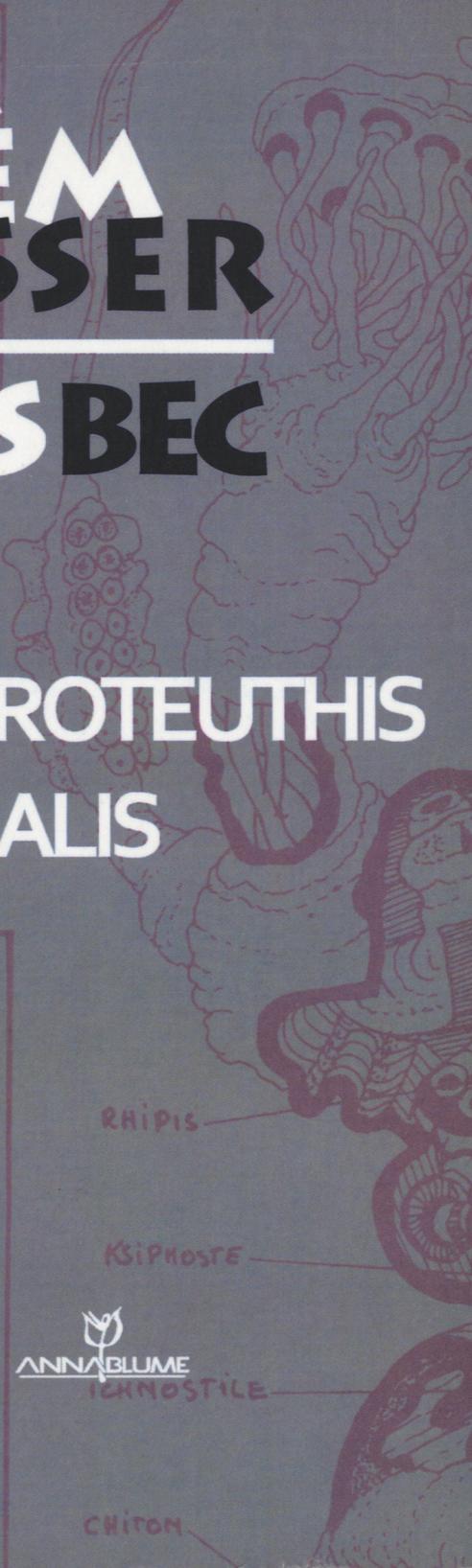
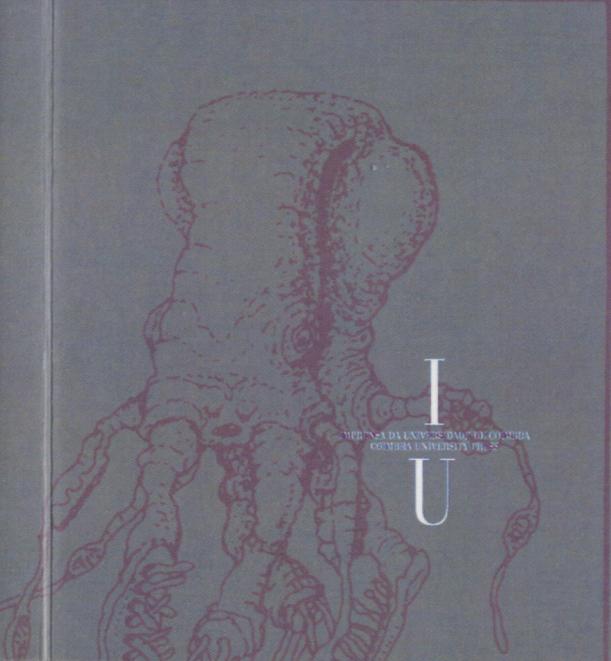
LOUIS BEC

VAMPYROPTUSSE

IKILONE

VAMPYROTEUTHIS INFERNALIS

LE VAMPYROPTUSSE
RTIENT A L'ORDRE DES VAMPYRO-
YA
EST MORPHOPROPHA
UNE VARIABILITE DE
EN SE PLIANT, EN SE DE PLOYANT



I
U

REPUBBLICA ITALIANA - ROMA - EDIZIONE
CONVEGNO UNIVERSITA' DEL '85

ANNABLUME
TEKHOSTILE

CHITON

VAMPYROTEUTHIS
INFERNALIS

**VILÉM
FLUSSER
LOUIS BEC**

VAMPYROTEUTHIS
INFERNALIS



COEDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

URL: http://www.ue.pt/imprensa_uc

ANNABLUME editora . comunicação

www.annablume.com.br

PROJETO E PRODUÇÃO

Coletivo Gráfico Annablume

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

LinkPrint

ISBN

978-989-26-0254-7 (IUC)

978-85-391-0315-7 (Annablume)

DEPÓSITO LEGAL

348949/12

© JUNHO 2012

ANNABLUME

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Sumário

Um espelho retorcido - Gustavo Bernardo	7
1. Octopoda	13
2. A génese do <i>Vampyroteuthis</i>	21
O filo dos Mollusca	21
A classe dos Cephalopoda	28
A espécie <i>Vampyroteuthis infernalis</i>	36
3. O mundo do <i>Vampyroteuthis</i>	47
Seu modelo	47
O abismo	52
Sua existência	66
4. A cultura do <i>Vampyroteuthis</i>	79
Seu modo de pensar	79
Sua vida social	95
Sua arte	108

5. A emergência do <i>Vampyroteuthis</i>	125
6. <i>Vampyroteuthis infernalis</i> em imagens	137

Um espelho retorcido

Vampyrotheutis infernalis, a fábula de Vilém Flusser, foi publicada em alemão, em 1987. Mas, como em todos os textos do filósofo, foi escrita e datilografada também em português. A versão em português é segunda e difere em alguns pontos importantes da versão alemã. É esta versão que finalmente se apresenta aos olhos do leitor brasileiro, graças ao esforço associado da editora Annablume, que vem publicando toda a obra de Flusser no Brasil, e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro - FAPERJ, que apoia, através do programa “Cientista do Nosso Estado”, o projeto que desenvolvo, chamado “A filosofia da ficção de Vilém Flusser”.

Vilém Flusser fala, neste livro, de uma espécie rara do gênero octopodal que pode chegar a 20 metros de diâmetro, mas da qual poucos indivíduos foram encontrados em regiões abissais do Mar da China. O animal é raro,

mas existe. Ele serve a Flusser para construir uma sofisticada fábula filosófica, que olha tão intensamente o totalmente outro que de repente se espanta olhando o próprio olhar. Na verdade, esse animal tão diferente, em ambiente tão hostil a nós, é convocado a nos olhar, permitindo-nos uma perspectiva que de outro modo não teríamos.

Flusser escreve para estabelecer distância da condição humana. Segundo Abraham Moles, trata-se do livro que melhor realiza a ficção filosófica de Vilém Flusser, mostrando-se Sciencefiction, sim, mas no sentido inverso àquele que os seriados de televisão nos habituaram. O texto de Flusser é acompanhado por 15 pranchetas, carimbadas pelo igualmente fictício Institut Scientifique de Recherche Paranaturaliste, do biólogo e artista plástico Louis Bec.

Vampyrotheutis infernalis é considerado o único romance do filósofo que se esmerou em escrever filosofia como ficção. Aqui ele faz ficção como filosofia, reconhecendo no seu animal vários traços da nossa própria existência no mundo. Suas sentenças fazem um jogo com espelhos deformantes, um oposto ao outro. Esse jogo reflete reflexões, mas de fora para dentro, em reviravoltas aninhadas, levando-nos a descobrir nossa própria estrutura existencial pelo ponto de vista mais distante possível. O filósofo-ficcionista pretende criticar a nossa existência vertebrada, mas do ponto de vista molusco.

Ele classifica ironicamente os animais em apenas duas categorias: os que evoluem em nossa direção, “homens imperfeitos”, e os que divergem de nossa direção, “homens degenerados”. Mamíferos são homens imperfei-

tos enquanto que aves, répteis e moluscos moles representariam a degeneração do humano. Sua hipótese é a de que o nojo recapitula a filogênese: quanto mais afastado um animal do homem, tanto mais nojo lhe causa. Quando a vida esmagada sob o nosso sapato é mole, sentimos nojo.

O *Vampyrotheutis* é um animal mole, lento e viscoso, sim, mas de estrutura complexa: “a espiralidade é o tema fundamental do organismo molusco” porque são animais retorcidos sobre si mesmos, tendendo a aparente involução em todos os detalhes e como um todo. No *Vampyrotheutis*, a tendência para a retorção é tão violenta que seu corpo se retorce até que a boca devore a cauda, como se o uroboro estivesse vivo o tempo todo no fundo do mar.

O oceano, habitat do *Vampyrotheutis*, pode ser visto por dois modelos. Como a maior parte da vida se encontra no mar, pode-se vê-lo como um paraíso tridimensional e fluido repleto de sons e luzes, noite eterna iluminada pelos raios emanados de seres vivos: “um jardim que susurra, brilha e dança”. Mas, como nós não nos encontramos no mar, de nosso ponto de vista vemos um abismo, ou melhor, o inferno: “buraco preto e frio, sob pressão achatadora, repleto de temor e tremor, habitado por seres viscosos e repugnantes que se entredevoram com alicates e dentes”. Ambos os modelos são verdadeiros, mas ambos os modelos não podem dar conta do que descrevem. É preciso passar de um modelo a outro, suspendendo crenças e forjando, no lugar e como jogo, outras crenças.

O organismo do *Vampyrotheutis* espelha o abismo, do mesmo modo que o abismo oceânico espelha o seu

organismo. Ao encontrarmos esse animal e seu abismo, saltamos de repente para um outro mundo. Este salto é a metáfora que constitui a ficção filosófica. Essa ficção mostra que a arte humana não implica apenas, como fazem crer burgueses bem-pensantes, a fabricação de objetos belos, mas também e talvez principalmente o gesto pelo qual o homem imprime sua vivência sobre o objeto a fim de nele se realizar e se immortalizar: “todo objeto destarte informado é obra de arte, seja ele equação matemática, instituição política ou sinfonia”. Toda vivência implica simultaneamente conhecimento, valor e sensação. Toda obra humana é arte.

A existência do Vampyrotheutis é retorcção que visa a abrir-se para o mundo. Se para os homens o espaço é extensão inerte sustentada por esqueleto interno cartesiano, para ele o espaço é tensão retorcida sustentada por concha em espiral externa. Se para os homens a distância mais curta entre dois pontos é a reta, para ele a distância mais curta é a mola que faz coincidir os dois pontos quando retraída. Em consequência, sua geometria é dinâmica: ele não pode ser platônico, mas sim orgástico; sua atitude não será a da contemplação filosófica, mas sim a da vertigem filosófica.

Tentando estabelecer a relação entre os dois seres, Vilém percebe o Vampyrotheutis, de nosso ponto de vista, como existência odiosa, assim como supõe que, do ponto de vista vampyrothêutico, o homem é existência chata. Se para nós ele é horroroso, para ele nós somos insípidos e indigeríveis. Não adianta querer minimizar, alerta:

o Vampyrotheutis é o nosso inferno. Por isso, seu nome é Vampyrotheutis infernalis. Toda a fábula é um convite ao inferno. Ao inferno do nosso desconhecimento, que travestimos de conhecimento.

Vampyrotheutis surge sob a forma de esparsos cadáveres no mar da China, de serpentes devoradoras de navios nos mitos da humanidade, de ornamentos nos vasos fenícios e gregos, de ideologias sangrentas nos programas políticos da direita, de anseio de orgasmo permanente, de revolução permanente, nos programas políticos da esquerda. Em todos esses lugares, Vampyrotheutis surge como nosso próprio espelho. Precisamos contemplá-lo a fim de nos reconhecermos nele. Esse reconhecimento é o propósito dessa fábula, como de toda fábula.

Gustavo Bernardo

1. Octopoda

O gênero octopodal é representado por 140 espécies, o gênero humano por uma única sobrevivente: liquidamos com as demais. Determinadas espécies octopodais são petiscos: *Octopus vulgaris*. Outras alcançam mais de 10 metros de diâmetro e são temíveis: *Octopus appolyon*. Suas presas formidáveis, seus dentes pontudos reversíveis, seus braços potentes, munidos de órgãos de sucção, e seu olhar feroz lhes conferem aparência diabólica. Outras espécies são praticamente desconhecidas: habitam as profundezas dos oceanos. Podem ultrapassar os 20 metros de diâmetro, sua capacidade cranial pode ultrapassar a nossa, e surgem raras vezes à tona. Outro dia foram pescados no mar da China três exemplares desta quase desconhecida espécie: *Vampyroteuthis infernalis*.

A classificação taxonômica da espécie é difícil. É difícil captarmos o *Vampyroteuthis* nas redes de pesca e nas

do conhecimento. Vivemos separados por um abismo, nós e ele. A pressão que ele habita nos achata, e o ar que respiramos o asfixia. Se conseguimos encerrar parentes seus em aquários a fim de observar seu comportamento, eles tendem a suicidar-se devorando os próprios braços. Ignoramos o nosso próprio comportamento, se ele conseguisse arrastar-nos na profundidade e encerrar-nos em suas redomas, a fim de observar-nos.

A despeito da barreira que nos separa, o Vampyrotheutis não é incompreensível. Não nos é estranho. Não o é como o são os seres extraterrestres imaginados pela ficção científica e procurados pela astrobiologia. Somos, os dois, variações do mesmo jogo com as pedrinhas da informação genética que programa toda a vida terrestre. A mesma estrutura fundamental informa nossos dois corpos. O seu metabolismo é o nosso. Ele ocupa uma das pontas da mesma árvore filogenética da qual nós ocupamos a outra ponta. Nossos antepassados comuns dominavam as praias primordiais por incontáveis milhões de anos. Separamo-nos deles relativamente tarde, quando a vida se separou em dois ramos, para conquistar a terra firme e os abismos dos oceanos. Os nossos dois destinos estão co-implicados. As nossas duas memórias abrigam os mesmos dados em suas camadas profundas. Podemos reconhecer nele parte do nosso próprio estar-no-mundo.

Se avançarmos ao longo da árvore da vida, partindo dele e buscando as raízes, nosso caminho obedecerá aproximadamente ao seguinte itinerário: o Vampyrotheu-

this é uma espécie do gênero Octopoda, embora esta não seja ainda perfeitamente classificada pela zoologia. O gênero dos Octopoda pertence a uma ordem mais vasta, chamada, ela também, Octopoda, como se a nossa própria ordem fosse chamada Homines, e não Primata. Tal confusão terminológica, desnecessária, ilustra a confusão geral que se apodera de nós quando enfrentamos o *Vampyroteuthis*. A ordem dos Octopoda é composta de 36 gêneros de animais com oito “braços”. Os Octopoda pertencem a uma subclasse dos Cephalopoda, chamada Metacephalopoda. A própria classe dos Cephalopoda reúne animais cujos pés se confundem com as cabeças. O “rabo” devorou a cabeça, e esta se encontra no centro do pé, de modo que os oito ou dez “braços” (“Octopoda ou Dekapoda”) cercam a boca. Tal classe faz parte do enorme filo dos Mollusca, animais moles que secretam conchas. Exemplo: ostras. O *Vampyroteuthis*, por incrível que isto pareça, evoluiu de bichos semelhantes a ostras. Pois, o filo dos Mollusca é ramo de um grupo de animais, chamados Eucoelomata, um dos quais é o homem. Somos, o *Vampyroteuthis* e nós, Eucoelomata. São eles que interessam, se quisermos reencontrar o que nos é comum. Os Eucoelomata são animais que seriam inacreditáveis, se não fôssemos nós próprios Eucoelomata. São compostos de três tecidos: do ectoderma, que os envolve e os define do mundo; do endoderma, que secreta líquidos que digerem o mundo; e do mesoderma, localizado entre a camada definidora e a camada absorvedora do mundo, que permite ao animal orientar-se no mundo e

agir sobre ele. Os Eucoelomata são animais que se distinguem do mundo, que se orientam no mundo, que agem sobre o mundo, e que o absorvem.

Há outros animais que procuram fazer o mesmo, com êxito duvidoso. Tais animais formam, junto com os Eucoelomata, o grupo dos Bilateria. Os Eucoelomata se distinguem dos demais Bilateria por cavidades entre o mesoderma e o endoderma, pelo “coeloma”. Graças a tal cavidade, têm eles uma “verdadeira cabeça” e um “verdadeiro ânus”. Os demais Bilateria, sejam eles Acoelomata ou Pseudocoelomata, não têm pé nem cabeça.

Todos os Bilateria são vermes, inclusive o homem, e nisto a teologia medieval não está enganada. Isto é: eles têm um eixo longitudinal, um “eixo monumental”, um lado direito e um lado esquerdo. Estas características os distinguem dos Radiata, nos quais vários eixos irradiam de um centro. Para nós, os Bilateria, o mundo é bilateralmente simétrico: “a” ou “não-a”, e o terceiro fica excluído. É a dialética do verme.

Os Bilateria e os Radiata formam juntos o grupo dos Eumetazoa. São animais compostos de órgãos, “verdadeiros organismos”. Os demais animais podem ser compostos de várias células e vários tecidos (os Parazoa e os Mesozoa), mas não têm órgãos. Somos tão chauvinisticamente Eumetazoa que negamos a tais animais o direito à animalidade: desprezamos a animalidade das esponjas. A grande maioria do reino animal é composta de animais unicelulares, os Protozoa, mas como não somos capazes de percebê-los sem microscópios, não os “admitimos”, em-

bora saibamos que vivemos às custas deles, e que acabaremos sendo comidos e absorvidos por eles.

Vampyroteuthes e homens são organismos, seres com dignidade animal indiscutível. São Bilateria, vermes dialeticamente organizados. São Eucoelomata com cabeça e ânus, que distinguem, portanto, entre “progresso” e “recúo”. Não obstante tal parentesco existencialmente decisivo, as diferenças entre os dois são profundas. O Vampyroteuthis tomou um caminho diferente do nosso para realizar-se. O seu caminho é relativamente mais aventureiro, de maneira que é mais cômodo esboçar primeiro o caminho humano.

Os Eucoelomata poderiam evoluir em duas direções: desenvolver o endoderma ou o mesoderma. O desenvolvimento simultâneo dos aparelhos digestivo e nervoso era impraticável. É notável que somos o resultado do desenvolvimento dos Eucoelomata rumo à digestão, e do Vampyroteuthis rumo ao enervamento. Os Eucoelomata que se dirigiam rumo ao homem tiveram um instante de hesitação curiosa, pois procuraram despir-se de sua bilateralidade, e optar pela radialidade. Os Echinodermata, por exemplo, as estrelas do mar, são exemplos de tal tentativa fracassada. Verificaram que tal caminho não tem saída, e enveredaram vários avanços em direções divergentes, das quais a dos Chordata, dos animais com espinha dorsal, se revelou a mais produtiva. Os Chordata se transformaram, em linha direta, em Vertebrata como Peixes, Amphitia, Reptilia e Mammalia, deixando de lado um ramo divergente, as Aves.

Mais dramático é o caminho seguido pelo Vampyrotheutis. Os Eucoelomata que optaram pelo desenvolvimento do sistema nervoso passaram a dividir seu corpo em anéis, os Annelida. Tais vermes em forma de cadeia continuaram a desenvolver-se em linha reta, pelos Arthropoda, os Crustácea, as centopeias, as aranhas, e acabaram evoluindo para insetos. Não há dúvida de que tal desenvolvimento representa o avanço central da vida rumo à “inteligência”, ao sistema nervoso superdesenvolvido. Os demais desenvolvimentos vitais, inclusive o nosso e o do Vampyrotheutis, não passam de caminhos laterais relativamente malsucedidos. Os participantes de tal evolução central são animais cobertos de uma couraça que os protege do mundo, e podem fazer avançar nervos através das fendas da couraça, as antenas que lhes permitem entrar em contato direto com o mundo. São sistemas nervosos protegidos e palpitantes. Os insetos mais evoluídos, os Hymenoptera, conseguem evoluir em sociedades (colmeias, formigueiros) que ultrapassam, de longe, a cerebração humana e vampyrotêutica, e acabarão conquistando o domínio sobre a Terra.

Mas o Vampyrotheutis não seguiu tal caminho vitorioso. Os Annelida não optaram, todos, pela passagem rumo aos Arthropoda, alguns ensaiaram outra alternativa, ainda não bem compreendida pela zoologia. Voltaram a ser sacos moles, como os Eucoelomata primitivos, mas conservaram a segmentação no estágio embrional. Tal aparente recaída dos Mollusca é, no entanto, enganadora. Ao terem abandonado a couraça e optarem pela concha,

os Mollusca abriram campo para uma evolução revolucionariamente nova. Tal evolução será esboçada no parágrafo seguinte. O que importa aqui é a visualização da ascendência do *Vampyroteuthis*. Suas conchas são nossos peixes, seus caramujos são nossas aves, seus Cephalopoda são nossos mamíferos, e os vários Octopoda, comestíveis ou não, são nossos Neanderthal e Heidelberguenses. E há, na memória profunda de *Vampyroteuthis*, a lembrança da tendência segmentadora rumo ao formigueiro, que nos faz falta.

O propósito deste parágrafo não é esboçar a zoologia vampyrotêuthica no significado corrente do termo, mas captar a estrutura biológica fundamental da existência do *Vampyroteuthis*. Nela, reconhecemos vários traços da nossa própria existência no mundo. Outros traços nossos, embora reconhecíveis, são nele curiosamente deformados. Destarte podemos iniciar um jogo com espelhos deformadores, um oposto ao outro. Um jogo de reflexão, durante o qual vamos descobrindo nossa própria estrutura existencial de um ponto de vista que nos é muito distante. Trata-se, no entanto, de reflexão não-transcendente. Embora o *Vampyroteuthis* esteja muito afastado de nós, está não obstante conosco no mundo. Trata-se de um “ser-conosco” (*Mitsein*). De maneira que nos convida à reflexão imanente ao mundo. O resto deste ensaio será “fábula”; tentativa de criticar a nossa existência vertebrada do ponto de vista molusco. Como toda fábula, esta também tratará, sobretudo, do homem, embora um “animal” lhe sirva de pretexto. De tefábula narratur.

2. A gênese do Vampyroteuthis

O filo dos Mollusca

Pertencemos ao filo dos Chordata, dos animais dependurados sobre um cabide interno. Isto se manifesta existencialmente em todo encontro nosso com outro animal: quando esmagamos sob nosso pé qualquer vida que contenha ossos que se partem, identificamo-nos com tal vida. Quando a vida esmagada é mole, sentimos nojo. Pode imaginar-se a fenomenologia do nojo que defende a hipótese de que “o nojo recapitula a filogênese”: quanto mais afastado um animal do homem, tanto mais nojo lhe causa. Os Chordata primitivos, os Acrania, são vermes munidos de espinha dorsal, e causam-nos nojo levemente menor que vermes moles. Peixes, anfíbios e répteis são nojentos, na medida em que sua epiderme viscosa escapa ao nosso gesto acolhedor de irmãos vertebrados. As aves

são exemplo de quanto o “coletivo inconsciente” se lembra da filogênese: a vida que pulsa no pássaro segurado na mão é nojenta, na medida em que diverge lateralmente da nossa. Vivenciamos tal “recapitulação do nojo” mais violentamente no caso do Chimpanzé: este se separou de nós muito tardiamente. A nossa posição na hierarquia vital não é posterior à sua descoberta científica, mas inscrita em nossos “instintos”.

A massa viscosa que cobre o globo (a tal “biomassa”) é, pois, instintivamente, para nós, correnteza vital cujos propósitos são produzir-nos e sustentar-nos. Se racionalizarmos tal instinto, podemos classificar os animais em duas categorias: os que evoluem em nossa direção (“homens imperfeitos”) e os que divergem de nossa direção (“homens degenerados”). Darwin levou tal racionalização de instintos à perfeição, e pode ser considerado, politicamente, de “direita”. S. Francisco conversava com aves, os “homens degenerados”, e não com lagartixas, “homens imperfeitos”, venceu o instinto pelo espírito e pelo amor, e pode ser considerado, politicamente, de “esquerda”. Esta fábula seguirá o exemplo franciscano, e procurará ultrapassar o antropocentrismo durante a sua contemplação da correnteza da vida. Procurará captar a evolução do ponto de vista do Vampyrotheutis. Opor ao Darwin humano um Darwin vampyrotêutico.

O Vampyrotheutis pertence ao filo dos Mollusca, de animais moles, lentos e viscosos. E filo antiquíssimo: há fósseis do pré-cambriano. Não obstante sua antiguidade, são animais complexos. Os zoólogos humanos classificam

os Mollusca como o 14° filo entre os 23 existentes. Sua complexidade sugere, ao classificador menos preconcebido, colocar os Mollusca no primeiro lugar entre os fila.

Fundamentalmente, todos os Mollusca têm simetria bilateral, mas várias espécies têm abandonado um dos dois lados, e passaram a ser “metades de animal”. O corpo dos Mollusca consiste de duas partes: um saco para os intestinos, e um manto. Tal manto, que caracteriza os Mollusca tanto quanto o esqueleto caracteriza os Vertebrata, é um dos triunfos da vida. Sua simplicidade estrutural e complexidade funcional não têm paralelo entre os órgãos evoluídos alhures. Na sua parte anterior, o manto forma um órgão musculoso, o “pé” molusco. Esse pé representa a massa do corpo, exemplo: caramujo. O pé, por sua vez, evolui para uma cabeça extraordinariamente móvel e sensível, munida de órgãos sensoriais e de tentáculos articuláveis. Trata-se provavelmente da cabeça mais inteligentemente desenhada no reino animal. Outra parte do manto secreta uma concha em espiral, cuja forma nos é familiar no caramujo, e cujo material apreciamos na pérola. Outras partes ainda do manto evoluem para órgãos de respiração, de locomoção, de digestão, de ataque e de defesa. A versatilidade do manto é a base da compreensão da existência molusca.

O saco intestinal é composto de três partes: de boca com faringe e esófago, de estômago com fígado e dos intestinos. A boca contém a famigerada língua molusca, a “rádula”, munida de dentes quitinosos. Tais dentes evoluem em alicates e mandíbulas formidáveis, que superam, em ferocidade, o dente do tigre e a mão humana. E tais dentes móveis

se propagam da língua corpo adentro, até o esôfago. Nos Mollusca mais evoluídos, nos Gastropoda (caramujos), e nos Cephalopoda, há, além do estômago, órgão cristalino em espiral, o coecum, que secreta enzimas, e que evoca os instrumentos precipitadores de ouro dos alquimistas.

O manto cerca o saco com força tamanha que, nas espécies mais evoluídas, o saco é forçado a erguer-se do solo. “Barriga para cima, cabeça para baixo!” A parte dianteira do manto adere ao saco, a parte traseira flutua livremente. Destarte surge nas costas do animal uma espécie de cavidade, graças à qual o animal pode se abrir ao mundo. É a caverna libidinosa. Nela estão localizados os órgãos genitais, e nela os moluscos copulam. Mas, nas espécies menos evoluídas tal libido não é muito impressionante. Nelas, os genitais não estão separados dos rins, e nossa admiração do orgasmo é limitada, se não conseguirmos distingui-lo do urinar. No entanto, nas espécies evoluídas os rins são separados. Esta fábula falará ainda, e longamente, da vida sexual admirável e vertiginosa do *Vampyrotheutis*.

Os dois sexos são praticamente sempre divididos, e o hermafroditismo é raro. Os ovos são fertilizados no interior da cavidade feminina. Verdadeira copulação ocorre apenas nas espécies evoluídas. As espécies primitivas botam ovos individuais, as mais evoluídas recorrem a estratégias mais refinadas. Os Gastropoda dão à luz filhotes, como o fazem os mamíferos, mas por método diferente. Os Cephalopoda botam ovos em forma de cachos, mas não os largam. A fêmea secreta uma concha em espiral por um de seus braços, e guarda nela os ovos até o nascimento

dos filhotes. Tanto a mãe quanto o pai protegem e nutrem os ovos em gestação, e o pai ajuda os ovos a respirar. Tais ovos são excepcionalmente ricos em gemas, e dividem-se em espiral, como o Tao se divide em Yin e Yang nos ideogramas chineses.

De resto, a espiralidade é o tema fundamental do organismo molusco. São eles animais retorcidos sobre si mesmos. Tendem a involuções em todos os seus detalhes, e como um todo. Tal tendência para a retorção é o “élan vital” molusco. Isso se manifesta mais violentamente no *Vampyroteuthis*. Seu corpo se retorce até que a boca devore a cauda. Mas nos *Gastropoda*, o “élan involuto” não é menos impressionante. Seu corpo, com exceção do pé e da cabeça, se enrola na casca até formar uma rosca que perde uma das suas metades: a metade direita se vê obrigada a assumir as funções da metade esquerda perdida.

O sangue frio, que contém hemoglobina, pulsa num sistema vascular munido de lacunas. É propulsionado por um coração de três compartimentos, e oxigenado no manto. O tecido do manto é munido de cílios em todos os moluscos, salvo os *Cephalopoda*, os quais respiram por método sem igual no resto do reino animal. Quanto ao sistema nervoso, trata-se, do ponto de vista cibernético, da organização mais complexa conseguida pela vida. Seus elementos básicos são, como no nosso caso, um centro ganglional e órgãos perceptivos. Com a diferença de que o centro ganglional não é hemisférico, mas esfera, cérebro duplo. Consiste de duas metades, acima e abaixo da boca, e duas cordas nervosas partem dos pontos de fu-

são entre as duas metades. Tais cordas se encontram uma com a outra às costas da barriga, isto é na parte “superior” do corpo, e formam círculo em torno do corpo. São elas análogas à nossa medula. O sistema nervoso é pois “central” num sentido mais radical que o nosso: um círculo cerebral, outro, nervoso. Da “medula” partem nervos para o manto e o saco intestinal, para transformar o organismo em sistema centralmente programado e controlado. Os órgãos sensoriais partem da boca, e estão ligados ao cérebro de maneira direta. Tudo isto garante inigualadas rapidez, exatidão e coordenação das ações e reações. O cérebro dos Cephalopoda, e em grau menor dos Gastropoda, é de complexidade incompreensível. Isto obriga os Cephalopoda a protegê-lo com o crânio, coisa inaudita em moluscos, os quais não têm esqueleto no seu programa; a vida se vê obrigada a recorrer a estratégias vertebradas para resolver tal problema.

Os órgãos sensoriais são banais no caso dos moluscos primitivos. Órgãos químicos, de equilíbrio, de tato, e dois olhos. Órgãos que orientam o animal nos campos químicos, gravitacionais e eletromagnéticos que o cercam. O caso dos Gastropoda é outro. Dispõem eles de cabeça articulável que lhes permite mover sistematicamente os olhos e demais órgãos dentro dos campos, a fim de captá-los. O seu mundo ambiental possui, portanto, dinâmica correspondente às intenções do organismo. Quanto aos Cephalopoda, e sobretudo quanto ao Vampyrotheutis, sua sensibilidade é tão rica e tão diferente da nossa, que exige maior consideração ao longo deste livro.

Os Mollusca são originalmente habitantes do mar, como o são os Vertebrata. No Devoniano, avançaram até a água doce, e no Carbono, conquistaram os continentes. Mas os Cephalopoda tomaram o caminho inverso. Deram as costas aos continentes (se é que têm “costas”) e dirigiram seus passos rumo ao abismo. Buscavam água cada vez mais salgada, e não mais toleravam baixa salinidade. Tal preferência sua por profundidade e por sal é biologicamente inexplicável. Sua alta mobilidade e ferocidade deveriam tê-los incentivado a conquistar e dominar os continentes. A explicação de sua tendência abismal não deve ser buscada na zoologia, mas no seu estar-no-mundo, na sua infernalidade.

Os Mollusca são cosmopolitas no sentido horizontal e vertical do termo. Habitam todos os mares e todos os continentes, desde o Antártico até o Ártico, desde o Oriente extremo até o Wild West. Navegam pelas superfícies do mar como parte do plâncton e escondem-se em profundezas além de 5.000 metros. De um modo geral, são animais lentos ou imóveis. Suas conchas impedem movimentos, e numerosas espécies vivem enterradas. Vivem na defesa. Coisa surpreendente em animais com força vital tão grande. Considere-se, no entanto, a energia necessária para perfurar o solo rochoso dos oceanos. Mas nada disto vale para os Cephalopoda: são os animais mais rápidos e ferozes que existem. É como se o filo gigantesco dos Mollusca todo tivesse acumulado a energia necessária para expelir o Vampyroteuthis.

O filo dos Mollusca é composto de organismos muito diversos. Ostras não se parecem com caramujos ou com

lulas, mas na realidade trata-se de um filo estruturalmente melhor unido que o dos Vertebrata. Todos os Mollusca têm saco e manto. Todos eles têm a tendência para secretar concha, e superam tal concha nas evoluções mais avançadas, sem jamais perderem vestígios da concha. Há, no entanto, dois ramos nitidamente distintos nos Mollusca. Um deles leva rumo aos Gastropoda, que são animais-roscas. O outro, rumo aos Cephalopoda, que são animais-palmas de mãos abertas. Trata-se da dialética inerente da espiralidade.

Se considerarmos a evolução vital como um todo, podemos distinguir nela três direções divergentes. Uma direção principal, que passa pelos Annelida rumo aos insetos. Uma direção lateral, que se separa da principal antes dos Annelida, e que avança rumo ao homem. E, outra direção lateral, que se separa da principal depois dos Annelida, e avança rumo ao Vampyrotheutis. Se visto assim, é ele o nosso antípoda, não apenas de maneira geográfica e existencial, mas também filogeneticamente.

A classe dos Cephalopoda

Suponhamos o desafio de descrevermos o essencial nos mamíferos: não nos seria possível fazê-lo “objetivamente”, já que a “mamiferidade” a ser por nós definida é também parte integrante do esforço definidor por nós empreendido. A clássica definição de que “mamíferos são animais que nutrem os filhotes com secreção específica” é falha, não por ser imprecisa (há animais que o fazem sem

serem mamíferos, e há mamíferos que não o fazem), mas por ser falsamente objetiva. Esconde que o propósito da definição é a tentativa de demonstrar a superioridade dos mamíferos. Assumir um ponto de vista objetivo com relação a vacas, tigres ou chimpanzés exigiria dos zoólogos ter superado a condição mamífera humana. Outras disciplinas, como a antropologia e as ciências humanas, se dão conta mais claramente da problemática da objetividade, mas ela vale para toda ciência: o homem é ente mergulhado no mundo e condicionado pelo mundo, e não pode pois falar sobre o mundo.

Por certo: a objetividade pode ser concebida sem transcendência do mundo. Quanto mais afastado está determinado fenômeno do nosso centro de interesse, tanto mais objetivamente podemos estudá-lo. Vacas, tigres e chimpanzés são objetivamente pesquisáveis, na medida em que se encontram em lugar do mundo diferente do nosso, na medida em que se “distinguem” de nós. Vacas permitem uma objetividade maior que chimpanzés, e Cephalopoda objetividade maior que vacas. Isto permite construirmos a hierarquia da objetividade: determinada ciência é mais objetiva que outra, se o objeto do seu estudo estiver mais afastado do centro do interesse existencial humano. A astronomia é quase inteiramente objetiva (astros são objetos afastados), e a psicologia jamais será objetiva (o seu objeto está tão próximo que nem sequer merece ser chamado “objeto”). Pois tal hierarquia da objetividade sugere que a zoologia dos Cephalopoda pode ser altamente objetiva: o seu objeto está muito afastado, e

o fato dos Cephalopoda estarem conosco no mundo não nos impede de considerá-los objetivamente.

No entanto, o problema da objetividade não pode ser resolvido tão elegantemente. Pergunta: “Por que faço zoologia dos Cephalopoda?” Resposta: “Porque os Cephalopoda me interessam, já que estão comigo no mundo”. Faço zoologia, não por poder assumir um ponto de vista objetivo com relação aos Cephalopoda, mas pelo contrário por considerá-los parte da correnteza vital que me arrasta. Pretendo conhecê-los, a fim de orientar-me no meu mundo. A ciência é interessante, precisamente porque me diz respeito. É ela função humana, tanto quanto a respiração: interessa existencialmente. Uma ciência integralmente objetiva seria desinteressante, desumana. A busca da objetividade científica está se revelando, sempre melhor, não como busca de “pureza”, mas como loucura perniciosa. O presente exige que abandonemos o ideal da objetividade em prol de métodos científicos outros, intersubjetivos.

Tais métodos novos não excluem que nos aproveitemos dos conhecimentos da ciência precedente, pretensamente objetiva. Por exemplo: é útil sabermos que os Cephalopoda são moluscos que habitam exclusivamente os oceanos. E que a zoologia objetiva distingue entre duas subclasses: a dos Protocephalopoda e a dos Metacephalopoda. Os Protocephalopoda são antiguíssimos e dominaram o cambriano. Os Metacephalopoda constituem duas ordens: a dos Octopoda e a dos Decapoda. Há 150 gêneros, e todos são animais rápidos e ferozes. Libertaram-se

da concha molusca e podem alcançar um tamanho apreciável. *Architeuthis princeps* é um dos maiores animais da história da vida. Nutre-se de crustáceos e peixes, e as espécies maiores podem matar baleias.

Como todos os Mollusca, possuem saco e manto. O pé do manto se retorceu, de modo que a boca se encontra no seu centro. Não pode, pois, mais servir à locomoção, e vai se desdobrando em vários tentáculos que irradiam da boca e servem de “pernas”. Mas andar destarte sobre oito ou dez pernas se revela locomoção insuficiente. Em consequência, desenvolve-se outro órgão de locomoção na proximidade da boca, que é um órgão extraordinário: o jato. Esse órgão funciona como em aviões: expelle violentamente massas de água que propelem o animal para trás com grande velocidade. Além disso, parte do manto pode se expandir e contrair-se em movimentos nadadores, e está munida de barbatanas. Determinadas espécies de Cephalopoda podem expandir o manto até voarem pelo ar por curtas distâncias, quando acontece de caírem sobre navios. Cephalopoda andam, se projetam, nadam e voam: não há outro animal com variedade de locomoção comparável.

Quando o pé se fundiu com a cabeça, o manto pressionou sobre o saco e a barriga se ergueu. O eixo de simetria girou em 90°, e as “costas” passaram a ser a parte dianteira do corpo erguido. A cabeça passou a ser a base e o sustento do organismo. Trata-se de uma inversão do eixo idêntica à nossa própria inversão vertical, a qual fomos obrigados a realizar quando abandonamos as copas

das árvores em prol da tundra, mas de inversão em sentido oposto à nossa. Quando erguemos nosso corpo, libertamos os olhos para os horizontes, e as mãos para a apreensão de objetos. Quando os Cephalopoda se ergueram, os seus órgãos de percepção, de locomoção e de ataque se deslocaram rumo ao chão, cercaram a boca, e entraram em contato imediato com o cérebro que cerca a boca. São suas verticalidades antipodais contrapostas à horizontalidade “normal” dos organismos.

A anatomia dos Cephalopoda é outra anomalia molusca. Superaram a concha tipicamente molusca, salvo vestígios com funções novas. Em compensação, eles evoluíram para espécies de esqueleto secundário, inteiramente diferente do esqueleto vertebrado, mas análogo a este. Há estruturas ossificadas internas que sustentam os “braços”, a “nuca”, as barbatanas, mas sobretudo há o crânio esférico: os Cephalopoda “imitam” os vertebrados. E que a vida dispõe de um número limitado de modelos para resolver determinados problemas, e recorre ao modelo vertebrado para resolver o problema da complexidade da organização Cephalopoda.

São animais dentudos. Os dentes são onipresentes: na boca, onde formam alicates e mandíbulas, na língua, no esôfago, que pode ser projetado para servir de arma formidável, e em torno dos órgãos de sucção ao longo dos braços. Os dentes têm origem diferente dos nossos: são facas articuláveis e reversíveis.

São animais cujo aparelho digestivo tem funções inesperadas. Já foi mencionado o coecum espiral e cristã-

lino. Há uma glândula próxima ao ânus, o diverticulum, que expele tinta, a “sépia”, que forma nuvens que flutuam na água e cujos contornos são modelados pelos Cephalopoda. Há uma glândula na boca que secreta um veneno paralisador de toda a vida nas redondezas. Há uma glândula que secreta massa gelatinosa que pervade o organismo e o torna praticamente transparente. Há glândulas no manto que irradiam raios de cores e intensidades variáveis. E há glândulas na epiderme que secretam tintas e cores na pele com desenhos variáveis.

O aparelho circulatório e respiratório é igualmente complexo. O sangue é propulsionado pelo coração rumo a órgãos plumados na boca. O manto se contrai ritmicamente para inundar tais órgãos com água e oxigenar o sangue. Tal água circula na boca, enquanto os vestígios atrofiados da concha se fecham como zíper em torno da boca. Surge então um redemoinho hermeticamente fechado, e o animal vai formando um vórtice centripetal que aspira o ambiente. Tal vórtice se abre explosivamente, quando o jato vai expelir a água. Os Cephalopoda são animais-redemoinhos, cuja respiração e locomoção são sincronizadas.

O sistema nervoso é dirigido por um cérebro circular composto de duas metades: a “anterior” ou “superior”, e a “posterior” ou “inferior”, com a boca no centro. O corpo é circularmente inervado, e o cérebro controla o sistema nervoso circularmente. Os órgãos de percepção não são todos bem compreendidos pela zoologia. Há dois olhos cuja organização é idêntica a dos nossos olhos até

os mínimos detalhes. Trata-se de uma convergência da evolução, o que é surpreendente, já que nossos próprios olhos captam os raios solares refletidos por objetos, e os olhos dos Cephalopoda captam, sobretudo, raios emitidos pelos próprios órgãos e refletidos por objetos. Há múltiplos mecanorreceptores: órgãos tácteis, órgãos para a percepção das correntezas na água, para a percepção do campo gravitacional, e órgãos de função ignorada. Igualmente variados são os órgãos quimiorreceptores: órgãos para a percepção da salinidade e do conteúdo ácido da água. Há órgãos perceptores de temperatura, da pressão, dos processos osmóticos e do campo eletromagnético imperceptível aos olhos. Há protorreceptores que informam o cérebro sobre processos no interior do organismo. Há órgãos secundários emissores de luz que permitem ao animal perceber objetos na escuridão eterna que o cerca. Parte dos órgãos está localizada nos braços, e pode ser, pois, articulada segundo a atenção e intenção deliberada. Como se tivéssemos órgãos de percepção, e não apenas nervos tácteis, nas pontas dos dedos. A sensibilidade dos Cephalopoda é mais evoluída que a nossa.

A fêmea é maior que o macho. Seus ovários estão localizados na cavidade entre o saco e o manto. A copulação é interna, complexa e longa. É precedida e seguida de ritos nupciais prolongados. O macho dispõe de três tipos de pênis. O pênis verdadeiro é um tubo flexível contendo o esperma, e é este que penetra a caverna feminina. Lá sua ponta se separa do pênis, avança ao longo dos ovários, deposita o esperma, e morre. Tal ponta é regenerável. O se-

gundo pênis, em forma de colher, penetra durante o coito até a boca feminina, passa por entre os dentes na língua e excita a fêmea a secretar hormônios determinados. O terceiro pênis, em forma de polegar, apalpa durante o coito a barriga feminina, e sua função fisiológica é ignorada. Este terceiro pênis serve, fora da copulação, como órgão apalpador de objetos. Como se nós, os homens, apreendêssemos o mundo não apenas com os dedos, mas também com um pênis.

Os ovos fertilizados se dividem em um segundo eixo em espiral, como nos Annelida. O embrião desenvolve, como primeiro órgão, o manto, e como último órgão, o jato. Indício importante para a filogênese dos Cephalopoda. A fêmea dispõe de órgãos homólogos aos pênis secundários, graças aos quais secreta conchas em espiral para nelas guardar os ovos fertilizados. Tais conchas são filogeneticamente independentes da concha molusca superada. Os ovos são conservados na concha até a sua maturidade, e a concha é segurada permanentemente por um dos braços. A mãe nutre os ovos sem se alimentar, e a morte por inanição durante a gestação é frequente. O pai dança em torno dos ovos e os oxigena com seu jato. Não há paralelo de tal dedicação dos pais à geração futura.

A epiderme é cinzenta e lembra os pneus de automóveis. No entanto, é munida de cromóforos que secretam cores, e que podem ser contraídos individualmente ou em sincronia. A coloração da pele não é consequência de estimulação externa, mas de processos no interior do organismo. O animal muda de cor para “exprimir determinada

interioridade”. A coloração da pele constitui um código: os demais participantes da espécie decifram o significado da mensagem. Os Cephalopoda “falam pela pele”. Durante a mudança da cor da pele, o organismo pode secretar uma massa gelatinosa que o torna transparente. Passa a ser, para os demais participantes da espécie, mera superfície informadora. Trata-se de um processo de comunicação interespecífica extremamente “opaco”.

O feixe básico dos Cephalopoda é a espiralidade. São roscas. Mas são roscas que tendem a desenroscar. São molas que tendem a esticar-se, punhos que tendem a abrir-se em palma. Com todo passo que dão em linha reta, seu centro gravitacional vai se deslocando em direção do solo. São animais que tendem para a cabeça. Ao se desenrolarem, liberam a energia acumulada na mola. Isto pode explicar sua extraordinária ferocidade.

Os Cephalopoda evoluem nos abismos dos oceanos. São os que avançaram mais radicalmente rumo à cabeça e à ferocidade. O Vampyrotheuthis é a ponta de tal evolução da vida. Devemos acompanhá-lo em direção ao abismo e rumo à cabeça, se quisermos reconhecer nele nosso próprio caminho.

A espécie *Vampyrotheuthis infernalis*

A classe dos Cephalopoda é composta de quatro ordens, das quais uma é a dos Octopoda. Tal ordem é dividida em 36 gêneros, dentre os quais um é igualmente chamado “Octopoda” (tal confusão terminológica já foi

mencionada). O gênero dos Octopoda é dividido, por sua vez, em aproximadamente 140 espécies, embora se deva supor que há ainda espécies ignoradas. Em tal lista não se encontra o nome da espécie *Vampyroteuthis infernalis*, embora devesse figurar nela. A razão é que vários aspectos do *Vampyroteuthis* evocam traços dos Decapoda, animais pertencentes a ordem diferente. Isso não nos deveria surpreender indevidamente: *Vampyroteuthis* é uma espécie extraordinária, como o é a humana, e a inclusão do homem na lista dos Primatas é igualmente duvidosa. Em tais espécies, o terreno classificatório passa a ser escorregadio, e se quisermos recorrer ao método de pesquisa recomendado por Leonardo, da “fantasia exata”, é mais sobre “fantasia”, e menos sobre “exata” que deveremos basear-nos.

Todas as espécies do gênero Octopoda são animais ferozes e de mandíbulas potentes. Possuem oito braços vindos de duas fileiras de órgãos de sucção. Nutrem-se de crustáceos que paralisam com veneno. Na parte traseira do manto, possuem vestígios da concha superada, os quais formam um órgão composto de rosca e porca que pode fechar-se e transformar o organismo em vácuo hermeticamente selado.

Vivem no fundo dos oceanos. As espécies mais evoluídas dispõem de órgãos luminosos no manto, os quais emitem raios de coloração e intensidade variáveis. Tais órgãos podem ser controlados pelo cérebro individualmente e podem projetar feixes em várias direções que podem entrecruzar-se. A emissão luminosa se dá, sobretudo, durante o coito e o ataque. A nuvem de sépia expelida

pelo “diverticulum” flutua na água e é manipulada pelos tentáculos para adquirir contornos variados e, sobretudo, os contornos do próprio corpo do animal. Há curiosos órgãos em forma de renda, cuja função é ignorada.

O aspecto mais característico dos Octopoda é, no entanto, a extraordinária complexidade de sua vida sexual. Pouco sabemos a respeito de seu rito durante o coito, de maneira que ignoramos muitos aspectos do processo. Sabemos, no entanto, que o ato do coito ocupa grande parte da vida, que é composto de gestos variados (movimentos dos braços, da barriga, emissão de raios, coloração da pele, emissão de secreções químicas), e que tais gestos constituem verdadeiros “espetáculos públicos” afinadamente estruturados. O orgasmo forma o ponto máximo da exibição, mas não a encerra. O macho continua dançando em torno à fêmea, enquanto esta vai colocando os ovos fertilizados na concha secretada para isso, e o rito sexual vai progredindo por semanas a fio, até a maturação dos filhotes.

As espécies mais evoluídas podem alcançar a idade de 80 anos. Os filhotes formam grupos sociais estruturados por hierarquia, em consequência do cacho no qual os ovos foram botados. Os Octopoda são monógamos, a sua vida social é caracterizada pela tendência ao suicídio e ao canibalismo. Ambas as tendências são não-econômicas, isto é: são independentes de alimentos. Os Octopoda devoram seus próprios braços, e devoram parceiros, até se o ambiente estiver repleto de crustáceos facilmente disponíveis. A infraestrutura da sociedade octopodal não é a economia, mas o sexo.

Tudo isto se refere aos Octopoda em geral, e não especificamente ao *Vampyroteuthis*. Dele quase nada sabemos. Querendo estudá-lo, estamos na situação de um antropólogo que dispõe de dados quanto a lêmures, gorilas e chimpanzés, de fósseis de *Pitecanthropos* e de três cadáveres humanos. Não obstante, feita tal descrição do gênero octopodal, os contornos do *Vampyroteuthis* começam a desenhar-se contra o fundo da noite eterna que habita. Basta recolhermos os vários fios da descrição precedente, para deles reconstituir a existência vampyrotêutica, a fim de compará-la com a existência humana.

Os dois, o *Vampyroteuthis* e o homem, somos seres erguidos: assumimos posição vertical no mundo. A nossa verticalidade é consequência da virada da coluna vertebral com o crânio erguido, o que libertou a vista para a teoria, e as mãos para a práxis. A sua verticalidade é consequência do desenroscar da espiral molusca em palma aberta com crânio no chão, o que libertou o pé para o apalramento e para a sucção do mundo. Ambos superamos, por tal verticalidade, a nossa “animalidade”, já que ambos passamos a existir no mundo, em vez de simplesmente sermos mundo. E ambos estamos pagando um preço alto por isto. Não se supera o programa vital sem castigo.

Nós, os homens, perdemos a estabilidade animal quando abandonamos o suporte que nos foi fornecido pelas extremidades dianteiras. Nossa barriga passou a ser desprotegida. Nossos “instintos” vitais enfraqueceram, e nosso comportamento passou a ser menos bem programado. Quanto ao *Vampyroteuthis*, perdeu ele sua con-

cha protetora. Pode se manter apenas graças à pressão da água que sustenta seu organismo. O preço que estamos pagando, nós, os homens, é o da perda do solo. O preço pago por ele é seu exílio no abismo. Somos, os dois, seres “alienados”: nós, alienados do chão, ele, alienado do céu. Alienações “análogas”, as nossas.

Determinado órgão é dito “análogo” quando exerce funções idênticas de outro órgão com origem filogenética diferente. Os olhos do *Vampyrotheutis* são análogos aos nossos: exercem a mesma função, embora se tenham originado por evolução diferente. Os dois olhos “convergem”. Tais convergências não são um fenômeno raro na evolução da vida. Embora se possa crer que a informação genética contém, como virtualidade, um número grande de modelos para olhos, de fato conseguiu ela elaborar apenas dois modelos: o fotográfico (o nosso e o do *Vampyrotheutis*) e o de mosaico (o dos insetos). De maneira que os vários olhos “primitivos” tendem a convergir sobre um dos dois modelos disponíveis. Prova da pobreza criativa e imaginativa da vida.

Determinado órgão é dito “homólogo” quando exerce funções diferentes de outro órgão, embora sua origem filogenética seja a mesma. As asas das aves são homólogas aos nossos braços. A homologia é, igualmente, fenômeno comum na evolução. Há uma série de homologias no organismo vampyrotêutico, se comparado com o nosso. A sua emissão de luz é homóloga à nossa secreção de suor. Tais homologias são prova da origem comum, mas pouco ajudam para que nos reconheçamos no *Vampyrotheutis*. São as analogias, as convergências, que são as mais interessantes.

Por exemplo: dizer que o *Vampyroteuthis* é uma palma de mão aberta é falar por analogia. Do ponto de vista filogenético, não se trata de 'palma', mas de pé molusco, isto é, de manto subdividido. Mas a relação entre analogias e homologias pode complicar-se. O cérebro vampyrotêuthico é, nas suas camadas inferiores, homólogo ao nosso, tem a mesma origem filogenética, e guarda as mesmas informações profundas. Na sua parte mais evoluída, o cérebro do *Vampyroteuthis* é análogo ao nosso. Embora tenha origem filogenética diferente, e embora guarde lembranças diferentes das nossas, isso faz com que *Vampyroteuthis* pense como nós em muitos aspectos. As homologias do cérebro não são decisivas. É banal constatarmos que o *Vampyroteuthis* pensa, "no fundo", como um verme, exatamente como nós o fazemos. O que importa é que, embora sua origem seja diferente da nossa, ele pensa de maneira análoga ao nosso próprio pensamento.

Não receamos admitir que *Vampyroteuthis* pensa de maneira análoga ao nosso pensamento. Não receamos admitir que tem "espírito" ou "mente". Toda tentativa de limitar a mentalização à espécie humana é condenada ao fracasso. Não apenas porque é desmentida pelo comportamento animal, mas por razão mais convincente. O homem repete, na evolução embrional, de forma esboçada, os estágios da evolução da vida. Seria absurdo querer fixar, em tal evolução embrional, determinado estágio como "origem da mente", por exemplo o estágio da passagem do verme para o *Chordatum*. Devemos admitir que a mentalização está no programa da vida desde a sua origem, desde os pro-

tozoários, e que vai se realizando passo por passo, como o fazem as demais virtualidades da vida. Não é de surpreender que a mentalização se realize, nos homens e nos Vampyrotheutes, por convergência, pelo método da analogia.

A evolução rumo à mentalização se manifesta, como toda evolução vital, por complexidade crescente de órgãos (no caso: do cérebro e do sistema nervoso). Mas não devemos esquecer que tal manifestação é meramente “fenotípica”, isto é, uma manifestação observável nos organismos. Pois os organismos são apenas “fenômenos superficiais” da vida. O suporte essencial da evolução não é o organismo, mas o ovo. E ele que contém o programa vital, e é ele que é “imortal”, isto é, transferido de organismo para organismo, deixando os organismos mortos como meros vestígios para trás em seu caminho rumo à evolução das suas virtualidades. O ovo, ao migrar de organismo para organismo, sofre modificações na “mensagem” que carrega. Trata-se de um jogo permutatório das virtualidades contidas no programa do ovo. Uma das virtualidades que destarte se realizam, “ao acaso”, é a mente. Foi feito um cálculo, segundo o qual o número de tais permutações possíveis ultrapassa o número das moléculas no universo. O jogo permutatório do programa vital é, pois, praticamente ilimitado: jamais será esgotado. O que surpreende, pois, se observarmos os “fenótipos” já realizados (os organismos extintos ou vivos), não é a riqueza de suas variações, mas pelo contrário, a sua relativa pobreza, se comparada com as virtualidades realizáveis. O jogo da vida se revela estupidamente repetitivo. Se Vampyrotheutis tem

mente análoga à nossa, se a evolução rumo à mentalização está convergindo (como será mostrado em seguida), isto é mais uma prova da estratégia cega, automática e casual, pela qual a vida vai se desenvolvendo.

Dada a automaticidade inimaginativa da evolução, parece que há um método óbvio, “estruturalista”, para reconstituirmos ponto por ponto a existência do *Vampyroteuthis*. Bastaria para tanto remontar até os Annelida, estes ancestrais comuns a homens e *Vampyroteuthes*. Neles está contido o programa todo do *Vampyroteuthis*, tal como diverge do nosso e converge para o nosso. Se fornecêssemos tal programa implícito nos Annelida a um computador, e se lhe déssemos instruções de computar as suas possibilidades, teríamos o programa do *Vampyroteuthis*. Mas tal método não funciona. E isto não por uma razão “transcendental” qualquer (os mistérios da vida são insondáveis), mas por razão muito prosaica: no jogo permutatório da vida, a enorme maioria dos lances (das “mutações”), provavelmente 99,99%, são lances “errados”. Isto é: resultam em organismos incapazes de viver, em “monstros”. A evolução toda se dá com base no 0,01% de “mutações viáveis”. O computador teria que eliminar os lances errados, antes de computar o mecanismo da evolução dos Annelida rumo ao *Vampyroteuthis*. Isto o computador não pode fazer, porque seu próprio programa é mais limitado que o programa cretino da vida. De modo que não podemos computar a existência vampyrotêuthica, devemos “intuí-la”. E podemos fazê-lo graças às analogias que descobrimos nele, graças às tendências pelas quais ele converge conosco.

Ao fazê-lo, não podemos cair no erro de “admirar” tais convergências, como se fossem parte de um “projeto” qualquer. Devemos admitir que tais convergências são coincidências que simplesmente ocorrem ao acaso. Aliás, se consideramos a existência humana e a vampyrothêutica, passa a ser óbvio que ambas são o produto do puro acaso, do método da “tentativa e erro”. Tanto no nível biológico como no “espiritual”, somos os dois resultados de um acaso estúpido, seres imperfeitos cheios de defeitos. “Construções” pouco inteligentes. Por sermos imperfeitos, visamos a completar-nos um pelo outro. Ainda assim: se conseguíssemos sintetizar homem e Vampyrotheutis, não teríamos conseguido a construção de uma existência perfeita (como o parece ter acreditado Platão no seu mito do “ser esférico”), mas apenas uma existência um pouco menos imperfeita que a nossa. Na realidade, contemplar o Vampyrotheutis é contemplar não uma perfeição perdida por divisão, mas um espelho que nos mostra as nossas próprias imperfeições em aspectos distorcidos. Olhemos para tal espelho:

Vemos barriga voraz erguida, que pensa de maneira análoga ao nosso pensamento, e que habita o outro lado da Terra. Somos, os dois, exilados: ele no abismo, nós em terra firme. Vivemos, os dois, “situações de limite”. “Existimos”. Somos, os dois, pseudópodes que a vida expeliu do seu corpo, a fim de superar-se a si própria, somos, os dois, pontas da vida. Seres pensantes.

A ponta que somos nós supera a vida em direção vertical rumo à terceira dimensão, a do “espaço”. A ponta

que é ele supera a vida em direção vertical rumo à quarta dimensão, rumo à multidimensionalidade do mundo apalpado. Mas somos ambos Bilateria: as nossas duas superações se contradizem dialeticamente. Ambos negamos a nossa condição biológica, mas o fazemos em direções opostas. Somos espelhos um para o outro, a sua existência espelha a nossa, e a nossa espelha a sua. E em tais espelhos podemos reconhecer o que ambos negamos. Somos espíritos opostos que negam o mesmo “mundo”.

3. O mundo do Vampyroteuthis

Seu modelo

A seguinte leitura de Wilhelm Reich é possível. O conceito “espírito” (psyche) não significa um objeto qualquer a ser estudado, como tende a interpretar a tradição ocidental, e mais ainda as várias tradições extraeuropeias. Significa que determinados processos são observáveis em determinados objetos, chamados “organismos” “Espírito” significa determinado comportamento de um organismo. De modo que a psicologia não pode ser disciplina distinta da biologia, mas deve ser um dos ramos da biologia cujo propósito é o estudo de determinados comportamentos, pois tal interpretação do termo “espírito” não é recaída para o século XVIII, para o qual os organismos eram autómatos, nem recaída para o behaviorismo. Pelo contrário, é fundada sobre o freudismo. O organismo passa a ser visto como uma

espécie de acumulador de comportamentos, como “espírito objetivado”. “Espírito” é o organismo em movimento, e “organismo” é o espírito retido. Com efeito: “organismo” passa a ser sinónimo do inconsciente freudiano, e a análise de organismo passa a ser psicanálise desmitizada.

Visto assim, o organismo é a memória estratificada, como o são as formações estudadas pela geologia. Quem analisa um organismo, analisa a sua ontogênese e sua filogênese, o seu “destino” individual e coletivo. As camadas superficiais do organismo, as que o recobrem, são o armazém das experiências que o organismo acumulou ao longo de sua vida. São as “pressões recalçadas” que o organismo sofreu. Formam “couraça”. No caso do homem, tais pressões recalçadas são de origem cultural, e o homem as armazena sobretudo na musculatura. A couraça humana é pois espécie de cãibra permanente, que caracteriza a postura individual humana, a sua “personalidade”. Quanto mais rígida a cãibra, tanto mais forte a personalidade. Se tal cãibra for relaxada, se os músculos se soltarem, a personalidade entrará em colapso. Isto pode acontecer por “acaso” (por exemplo, por choque existencial) ou por massagem dirigida. Tal colapso da personalidade por relaxamento da cãibra é chamado “loucura”. Várias experiências, empreendidas por Reich e seus discípulos, o provam.

A couraça encobre outras camadas do organismo, que armazena pressões recalçadas ao longo da evolução da vida. São elas o “inconsciente coletivo” de Jung, mas atingem profundidades além dos protozoários, para dentro do reino inanimado. Tais camadas são a memória da

vida, e estão carregadas de energia latente, que é a soma das pressões acumuladas pela vida durante o seu desenvolvimento. O organismo é uma bomba que explodiria, se a câibra imemorial que ele é fosse solta. Tal energia vital acumulada nos organismos, Reich a chama de “orgon”.

Pois bem, o modelo implícito em tal interpretação do “espírito” é o corpo do inseto, porque nele a couraça é imediatamente palpável. Por isso, Reich divide o organismo, inclusive o humano, em três segmentos: cabeça, peito e abdômen. No segmento cefálico, está localizada a boca, e no abdominal, o sexo e o ânus. Há apenas duas posturas fundamentais do organismo. Na primeira, o organismo se curva de forma convexa, e afasta a boca do ânus. Na segunda, se curva de forma côncava, e aproxima a boca do ânus. A primeira postura é rígida, a articulação da tendência tanativa, da morte. A segunda é mole, articulação da tendência libidínica, do amor. A primeira postura, “peito para frente”, é a postura militar, e reforça a câibra, a personalidade. É autoafirmativa. A segunda postura, a do coito, relaxa a câibra sob a forma do orgasmo. É autossacrificadora. A primeira postura é a da guerra, a segunda, a do amor. Toda reação política e social é fundada sobre a primeira postura, toda a revolução e toda a criatividade sobre a segunda postura. *Make love, not war.*

Tal interpretação do “espírito” é extremamente sedutora, mas seu defeito é que seu modelo é o inseto. Os insetos não nos são simpáticos, já que ocupam um ramo divergente do nosso na evolução da vida. No entanto, para o *Vampyroteuthis*, tal objeção não é válida: a segmenta-

ção dos Annelida, responsável pela organização dos insetos, está inscrita em sua memória profunda. Com efeito: a segmentação esta recalçada em uma das suas camadas “reichianas”, e está sublimada na forma de espiral em outras camadas. De maneira que Reich parece ser o psicólogo indicado para o estudo da mente do Vampyrotheutis. Ora, o que observamos na postura do Vampyrotheutis é que seu corpo se retorceu em forma côncava, e que a boca se aproximou do ânus até quase fundir-se com ele. E a postura libidinosa. E, com efeito, o Vampyrotheutis vive orgiasticamente. Mas é, não obstante, o mais “guerreiro” de todos os animais. “He makes both love and war”. Isto é, por certo, forma de existência inatendida pelo modelo reichiano.

Mas podemos salvar o modelo dizendo: o orgon acumulado nos Annelida explodiu em duas direções opostas. Na da couraça, da rigidez, da guerra, da morte, que é a dos insetos. E na da moleza, da plasticidade, da libido, que é a dos moluscos. Mas nos moluscos se deu outra explosão do orgon, a qual resultou nos Cephalopoda. Neles, a moleza se reconcentrou em câibra do pé musculoso, o pé devorou a cabeça, e destarte surgiu a existência guerreira, suicida e canibal: Vampyrotheutis. De maneira que a existência vampyrotêuthica resulta de duplo recalque. Em primeiro nível, o Vampyrotheutis recalca, como nós, as pressões que o impedem de viver amorosamente. E em segundo nível, recalca o próprio amor, tal qual é vivido pelos moluscos primitivos, e é nisto que sua existência se distingue radicalmente da nossa. E ele existência que já foi “salva”, e que se recusa a ser “salva”. Existência pós-messiânica.

Modelo difícil, este. Segundo Reich, a meta da evolução foi alcançada quando boca e ânus se fundiram. Surge o orgasmo permanente, que é a vitória do amor sobre a morte. A dialética “eros-tanathos” é sintetizada, pois os Mollusca se aproximam de tal meta. Quando a boca e o ânus se encontram no mesmo órgão, o pé, e quando os dois se encontram em proximidade do cérebro, boca e ânus se cerebralizam, e o cérebro se sexualiza. Os Mollusca são, portanto, seres que se aproximam do orgasmo permanente, do Reino do Amor na Terra. E, no entanto, a evolução passa pelos Mollusca e avança rumo aos Cephalopoda, ao Vampyroteuthis. A evolução nega a última síntese, e vai para além do Messias. Abre ela novo caminho, no além do amor, rumo à morte. De evolução da vida, passa ela a ser evolução da morte. Modelo difícil e perturbador, este.

Para torná-lo mais acessível, podemos reformular o modelo em termos diferentes. Podemos considerar a evolução como um jogo. O propósito do jogo é permitir que suas peças, os organismos, se fundam uma na outra pelo método da copulação, a fim de preservar a informação genética contida no ovo. A evolução é um jogo amoroso, ameaçado pela morte, que é consequência da complexidade pouco estável dos organismos. A estratégia do jogo da evolução é fazer com que o amor vença a morte pela eternalização da informação contida no ovo. Em tal jogo amoroso, os Mollusca são o último lance. “End game”. E tal lance inaugura um novo jogo, parecido com o primeiro, mas com propósito oposto. O jogo da morte. Jogo que visa

à vitória da morte sobre o amor, do organismo sobre o ovo. O Vampyrotheutis é o primeiro lance de tal jogo novo.

Se aplicarmos tal modelo como instrumento da nossa compreensão do Vampyrotheutis, constataremos que, embora ele seja resultado do mesmo jogo que nos produziu, não mais brinca conosco. Está empenhado em um jogo diferente, o qual para nós não é jogável. Está empenhado em algo, que para nós, é o “metajogo”. Nós brincamos de amor, e estamos nisto ameaçados pela morte. Ele brinca de morte, e recalca o amor, que nele está mais evoluído que em nós, os homens. A nossa meta é fundir-nos no outro, a fim de transcendermos a morte. A sua meta é fundir-se no outro a fim de poder devorá-lo e suicidar-se.

Trata-se de um modelo que não podemos imitar, porque não estamos suficientemente evoluídos para tanto. O orgon não alcançou, em nós, carga suficiente para podermos seguir tal modelo. A imitatio diaboli não nos é possível. Pois trata-se de um modelo inimitável e antiutopia. Por isso, tal modelo é horripilante. E fascinante. Vampyrotheutis nos fascina, porque nos propõe um modelo no qual reconhecemos a nossa própria existência, sem podermos, e por isto sem “querermos”, seguir-lhe os passos. O Vampyrotheutis é nosso “outro”.

O abismo

Uma entre as contendas mais sangrentas que caracterizam os séculos XIX e XX tem base “científica”, no significado pejorativo de tal termo. Trata-se da contenda

entre os que sustentam ser a existência humana sobretudo determinada por fatores hereditários, e os que sustentam ser ela sobretudo determinada por fatores provenientes do ambiente. Tal contenda pode servir como um dos critérios para a distinção entre as posições “direita” e “esquerda”. Os direitistas tendem a salientar os fatores hereditários, e, em seu extremo, tal sustentação leva ao racismo. Os esquerdistas tendem a salientar os fatores ambientais, e, em seu extremo, tal sustentação leva à afirmativa de que a existência humana toda é produto da classe social à qual o indivíduo pertence. Por certo: a contenda serve apenas de pretexto ideológico para posições assumidas por motivos estranhos a ela. Os direitistas afirmam os fatores hereditários, porque tais fatores escapam à ação histórica modificadora do homem. Defendem a hereditariedade, não por estarem interessados nela, mas por resistirem a toda modificação da situação estabelecida, na qual os seus interesses estão investidos. Os esquerdistas defendem os fatores ambientais, porque esperam que a modificação do ambiente, sobretudo económico e social, poderá modificar radicalmente a existência humana. De modo que a contenda entre os aparentes “hereditaristas” e “ambientalistas” é na realidade uma contenda entre o “reacionário” e o “progressista”. Não obstante: há feedback entre ideologia e realidade, e as teses parabiológicas que originalmente serviam apenas de pretexto para lutas económicas e sociais reais passaram a ter consequências sangrentas reais, sobretudo na Alemanha nazista e na Rússia stalinista, e continuam tendo tais consequências sob forma do racis-

mo “anti-negro” nos países desenvolvidos, e “anti-branco” no Terceiro mundo.

A base “científica” de tal contenda não provém, obviamente, da ciência no sentido rigoroso do termo, mas daquela ciência vulgar chamada “cientismo”, que substitui, nos séculos XIX e XX, o dogmatismo religioso dos séculos precedentes. Na ciência, a mesma contenda tem feição diferente. Trata-se, na contenda, de descobrir o mecanismo que rege a evolução das espécies atualmente existentes. De um lado, é fato indiscutível que a informação genética responsável pela estrutura biológica não é modificada pelo ambiente a não ser em casos excepcionais, como se dá com a radiação radioativa. Por outro lado, é igualmente indiscutível que as espécies existentes estão mais ou menos bem adaptadas ao ambiente, a não ser em casos excepcionais, como as armações de determinados veados. Os que se impressionam mais com a primeira evidência tendem a assumir uma posição “darwinista”, os outros, uma posição “lamarckiana”. As duas posições não são nítidas, porque a evidência não é nítida, porque o conceito “espécie” não é nítido, e sobretudo porque as duas posições não são nitidamente contraditórias e podem ser superadas por uma terceira posição que abarque ambas.

Convém considerar rapidamente a dificuldade inerente à noção de “espécie”, antes de discutir a superação da contenda, porque tal dificuldade é reveladora da função racionalizadora (cortadora em razões) humana. Toda tentativa de definir uma espécie das outras vai esbarrar contra

fenômenos que se recusam a ser enquadrados na definição proposta. Por exemplo: se se define “espécie” como um grupo de seres que se entrecruzam, mas não cruzam fora do grupo, haverá casos de “híbridos”, os quais, na maioria dos casos, serão inférteis, mas podem sê-lo. E haverá, sob tal critério, subdivisões do grupo, as chamadas “raças”, que podem ser muito diferentes entre si, e algumas das quais podem ter afinidade estreita com outra espécie, e mesmo com uma espécie pertencente a um gênero diferente. Se, no entanto, a definição de “espécie” for ensaiada, não no nível do organismo, mas no nível da informação genética contida na célula germinal, serão constatadas divergências individuais e familiares suficientemente profundas para colocarem a definição em xeque.

Mas nem por isto podemos dispensar o termo “espécie” nas nossas tentativas de orientarmo-nos no reino da vida. É ele ponto de partida indispensável para todas as nossas teorias. Dele podemos elaborar conceitos sempre mais gerais, como “gênero”, “classe” ou “filo”. Se partíssemos do fenômeno observado, com sua variedade caótica, jamais conseguiríamos elaborar um edifício teórico classificador e explicador dos organismos. Pois isso confere um ar levemente spectral a todas nossas teorias, que partem de conceitos fluidos e mal definidos, descolados do fenômeno concreto, e funcionam tanto melhor, quanto mais geral, mais “vazio” for o conceito com o qual operam. O problema de distinguir entre classes é menos difícil que o de distinguir entre espécies, precisamente por ser “classe” um conceito mais abstrato. Constatamos que a razão

teórica é boa rede para pescar enxames de sardinhas, mas rede que deixa escapar a sardinha individual.

Esse problema epistemológico se manifesta em todas as ciências, não apenas na biologia. Mas a biologia fornece uma resposta curiosa ao problema. Afirma ela que a razão teórica é especificamente humana, como a teia é especificamente Arachnida. A teia serve à aranha para apanhar moscas, e a razão teórica serve ao homem para apanhar generalidades. Um tal kantismo biologizante (toda espécie possui rede de “categorias” específica) não serve para resolver o problema epistemológico, por certo. Porque a própria biologia é produto da “rede” humana. Capta tudo nas categorias da razão teórica, inclusive a própria razão, e não apenas as redes de aranhas. O kantismo biologizante não resolve o problema, apenas o transfere para outro nível. Não é assim que conseguiremos reformular o problema da reformulação da questão “Origem das espécies”.

Mas podemos perguntar de outra maneira. Quais são as categorias pelas quais estamos procurando captar o fenômeno vital, ao dizermos “espécie”? Aí verificaremos que atrás do termo “espécie”, escondem-se dois modelos incompatíveis. Um é o modelo dinâmico, “darwinista”: correnteza da evolução que se ramifica, com as “espécies” como os ramos mais finos. O outro é o modelo estático, “lamarckiano”: o mundo como um ecossistema composto de “nichos”, repleto da vida que ocupa os nichos, com “espécies” como ocupantes de nichos determinados. Os dois modelos recorrem enganosamente ao mesmo termo “espécie”, com significados diferentes. Mas podemos

construir um modelo mais amplo, que abranja os dois, e faça coincidir o significado do termo “espécie”, e destarte reformular o problema. Dispomos para tanto de dois metamodelos, e estes foram mencionados no parágrafo precedente, o modelo reichiano e o modelo da teoria dos jogos. Utilizamos os dois para tentar resolver a “crise do darwinismo e do lamarckismo”.

Para o modelo reichiano, o universo é explosão, durante a qual a energia originalmente unificada (o “orgon”) vai se dividindo em tendências divergentes e depois reconvergentes. Nos lugares de convergência vão surgindo “objetos”, orgon condensado. A matéria, o mundo dos objetos, é orgon condensado, “recalcado”. Tais objetos passam, por sua vez, a colidir um com o outro, e tal encontro de energia acumulada com energia acumulada resulta em objetos sempre mais complexos. Destarte vão surgir, em determinado momento, nas praias do planeta Terra, objetos supercomplexos, orgon supercondensados: os organismos. Tais objetos vão continuar colidindo e formando organismos sempre mais complexos: evolução da vida. Em tal processo, os “hereditaristas” acentuam o orgon inerente no objeto que vai se modificar, e os “ambientalistas” acentuam o orgon inerente no objeto que colide com o objeto modificado. Mas trata-se, nos dois acentos, do mesmo orgon. Pela introdução do conceito “recalque”, o modelo reichiano consegue, pois, superar a antinomia implícita no problema “origem das espécies”.

Para o modelo da teoria dos jogos, o universo é realização de virtualidades contidas em programa. Tal rea-

lização se dá por permutação, ao acaso. Os elementos de informação, os bits, contidos no programa original vão se permutando e formando, ao acaso, sistemas cada vez menos prováveis. Isto ocorre nos dois lados de uma escala. Do lado “pequeno”, vão se formando partículas, átomos e moléculas; do lado “grande”, supergaláxias, galáxias, sistemas planetários. No centro da escala, vai surgir, ao longo do jogo e por acaso, uma realização de virtualidade programada muito pouco provável: o planeta Terra habitado por organismos. Com tal realização, abre-se todo um parâmetro novo para o jogo. Novos tipos de permutações vão possibilitando a realização de novos tipos de sistemas: a evolução da vida. Em tal jogo do acaso, os “hereditaristas” acentuam as peças do jogo, e os “ambientalistas”, o tabuleiro, mas trata-se de dois aspectos do mesmo jogo de acaso. Pela introdução do conceito “acaso”, o modelo consegue, pois, superar a antinomia implícita no problema “origem das espécies”.

Estamos falando de modelos e de metamodelos. De instrumentos. A questão da “verdade” não vem ao caso: será o darwinismo mais “verdadeiro” que o “lamarckismo”? A verdade é a relação entre uma afirmação e um fenômeno afirmado, mas o que interessa, em instrumentos, não é isto. O que interessa é se o instrumento resolve determinado problema. Darwin, Lamarck, Reich e a teoria dos jogos são válidos na medida em que conseguem resolver o problema da origem das espécies, e não na medida em que são “verdadeiros”. E disso vale dizer que modelos são abstrações do mundo concreto, e que procuram obrigar tal mundo a se adequar a suas categorias. Surge o pe-

rigo de perdermos o contato com o mundo concreto, de perdermos a “verdade”, ao procurarmos violentar tal mundo com modelos.

A fenomenologia visa a contornar tal perigo, retornar ao fenômeno de fato. Admite ela que a “realidade” é o mundo tal qual nele existimos. Portanto, campo de relações que nos prendem para estarmos aqui e não alhures, agora e não em outro momento. Os “objetos” do mundo, e nosso próprio “eu”, não são senão abstrações das relações concretas. Os “objetos” são extrapolações de relações dadas, extrapolações na direção da “intencionalidade” relacional, e o “eu” é extrapolação das mesmas relações, extrapolação na direção oposta à “intencionalidade”. Pois tal visão da “realidade” pode ser aplicada ao problema que nos preocupa. Os organismos são abstrações de determinado tecido relacional, o seu ambiente é outra abstração do mesmo tecido. Organismos não são “realidades”, nem o ambiente é “real”: a “realidade concreta” é o tecido de relações que permite extrapolarmos organismos e ambiente. Vista assim, a contenda entre hereditaristas e ambientalistas se revela como mera especulação abstrata. Na realidade concreta, o organismo espelha o ambiente, e o ambiente espelha o organismo. E quanto a Reich e à teoria dos jogos, passam a ser abstrações das abstrações darwinianas e lamarckianas.

Tais considerações preliminares visam a libertar o terreno de modelos preconcebidos, quando se trata de descrever o habitat do *Vampyroteuthis*. Visam evitar que nos aproximemos dos abismos oceânicos munidos

de teorias biológicas, ou outras, e que o façamos com o intuito de “explicar” a existência do Vampyrotheutis. O propósito aqui perseguido é o oposto a tal “pesquisa”: não mergulharemos nas profundidades a fim de explicar coisa alguma, mas a fim de implicarmo-nos na situação do Vampyrotheutis. Como não podemos observar as profundezas pelo método fenomenológico (não sabemos mergulhar no oceano), procuraremos fazê-lo pelo método intuitivo (mergulhando no Vampyrotheutis). E ao assumirmos deste modo o seu ponto de vista sobre seu habitat, que é o planeta Terra, afinal de contas, constataremos, surpresos, que a Terra passa a ser mais estranha que Marte ou Vénus.

Sua superfície consiste em 70% de água e 30% de terra firme. A superfície aquosa é mais bem estruturada que a continental: os abismos oceânicos ultrapassam 10.000 metros de profundidade, enquanto a altitude máxima das montanhas é de 8.000 metros. A altitude média dos continentes é de 800 metros, e a profundidade média dos oceanos, 3.800 metros. Os vales oceânicos são mais longos e mais ramificados que os dos continentes. O solo continental é, sobretudo, resultado de sedimentação de oceanos passados, o solo oceânico está em processo de sedimentação, de maneira que o solo oceânico está geologicamente “vivo”, e o continental está “morto”. A Terra é composta de hemisfério sul, coberto por água em 80%, e de hemisfério norte, coberto por água em 60%, de forma que o hemisfério sul confere à superfície da Terra o seu caráter. O foco da estrutura geográfica e o mar em torno do continente antártico: de lá, partem os três braços oce-

ânicos, o Pacífico, o Índico e o Atlântico. Quanto mais avançam tais braços rumo ao norte, tanto mais são eles freados por terra firme, e a penetram por ramos chamados “mares”: os mares Chinês, o Báltico, o Mediterrâneo, o mar do Caribe, e outros. Da Antártida, partem também as correntezas marinhas que constituem a dinâmica da geografia terrestre. Tais correntezas percorrem os oceanos e os mares, para desembocarem no mar Ártico, que é a saída sem fundo da geografia terrestre.

O líquido que cobre a Terra, e que lhe confere seu dinamismo específico, tão divergente da relativa estaticidade dos demais planetas, é solução aquosa. Sua temperatura varia entre 25° na superfície trópica e -2° nos abismos. Mas se sua temperatura é relativamente moderada, sua pressão, pelo contrário, varia violentamente entre 1 atmosfera e 1.000 atmosferas. Quanto maior a pressão, tanto maior é a densidade da solução aquosa. E ela composta, em 99%, de hidratos de cloro, sódio, potássio, magnésio, enxofre, cálcio e outros elementos, mas o dióxido de carbono em forma de íons é onipresente.

A vida terrestre são gotas especializadas de tal solução aquosa. E ela consequência e função do líquido que cobre a superfície terrestre. Se imaginarmos o planeta coberto de oceanos (coisa dificilmente imaginável), mas de oceanos ligeiramente diferentes dos nossos em seu caráter químico, devemos admitir que qualquer “vida” porventura lá existente seria diferente da que conhecemos, e isto pela base mesma da sua estrutura. Nós, homens e Vampyroteuthes, nada teremos em comum com tal “vida”.

A água oceânica é praticamente impenetrável aos raios cósmicos, os quais absorve na superfície ou em pouca profundidade. A luz solar, por exemplo, é absorvida em 300 metros de profundidade. As massas aquosas são mergulhadas em noite eterna isenta de toda radiação, exceto a emitida pelos órgãos dos seres vivos que perfuram a obscuridade com sua luminosidade multicolorida. Em compensação, tal noite escura é extraordinariamente barulhenta. O líquido oceânico é bom condutor acústico, e a velocidade das ondas sonoras aumenta com a pressão e a salinidade. As profundezas oceânicas reverberam sons cuja intensidade e frequência depende de sua direção vertical ou horizontal: comoção sonora constante.

Os oceanos vivem. São literalmente repletos de vida. Quatro quintos da “biomassa” lá se encontram. O resto, que habita terra firme, não passa de gotas expelidas pelos oceanos. A enorme maioria dos indivíduos vivos está no mar, e também a enorme maioria das espécies, dos gêneros, das classes. Os maiores indivíduos são organismos marinhos. O oceano é, tanto do ponto de vista quantitativo como do qualitativo, tanto do ponto de vista genético como do ponto de vista atual, a pátria da vida. Tal terreno vital forma ecossistemas que são esferas vitais interpenetrantes. Tal estrutura tridimensional é dificilmente captável pelos habitantes dos continentes, para quem os ecossistemas são bidimensionais: terrenos. É difícil para eles imaginar que “fronteiras” são superfícies de esferas, e não linhas separando superfícies: os habitantes dos continentes perderam uma das dimensões da vida. Os ecossistemas

oceânicos são de fertilidade inimaginável. É verdade que há “desertos” nos oceanos, regiões pouco fertilizadas pela vegetação marinha, o fitoplâncton. Mas a grande maioria dos ecossistemas literalmente explode de vida.

Os ecossistemas marinhos formam três andares. O andar superior é ocupado, sobretudo, pelo plâncton, isto é, por plantas e animais muito pequenos que flutuam. A parte vegetal, o fitoplâncton, é o motor da vida terrestre. Transforma a luz solar em energia vital que transmite aos demais organismos. A parte animal, o zooplâncton, devora e digere a parte vegetal, e destarte “transcodifica” a energia. Toda essa vidinha superficial se multiplica, morre, e é decomposta pelo exército astronomicamente numeroso de bactérias e demais protozoários presentes. Transformada destarte em adubo pulveroso, a camada superficial vai chovendo constantemente em direção à profundidade. Os oceanos são saturados por tal chuva cadavérica e vivificante.

O andar intermediário dos ecossistemas oceânicos é ocupado, sobretudo, por animais nadadores. Por peixes, crustáceos e moluscos. Estes se nutrem de plâncton, devoram-se, multiplicam-se, morrem, e contribuem destarte para a chuva fertilizante que passa por seu andar rumo aos abismos. Os animais nadadores são passagens da vida que circula nos oceanos, e que tende para o abismo.

O andar inferior, o “benthos”, é a meta de toda a vida na Terra. E para lá que se dirige a energia vital gerada pelo plâncton, e para lá se dirigem todos os cadáveres fertilizantes. Os organismos que habitam o “benthos”, tais

animais ambulantes, nadadores e cavadores, formam o último elo da cadeia da vida que engloba o planeta. Não há plantas em tal região, apenas animais que se assemelham a plantas. E o Vampyrotheutis domina tal região: é ele o senhor de toda a vida.

Pois este é o ambiente, o habitat, do Vampyrotheutis: o centro do mundo. O Grande Furo que aspira a vida toda. É ele permanentemente vivificado pela chuva da maná que se precipita sobre ele. E ele noite eterna iluminada pelos raios vivos emanados de seres vivos, refletidos pelo solo e pelos seres vivos. Um eterno son et lumière, um espetáculo de luminosidade e sonoridade infinitamente variáveis. O chão está recoberto de minerais vermelhos, brancos e roxos. Há dunas de areias azul e amarela. Em toda a parte estão espalhadas pérolas brilhantes de vidro, restos de meteoritos fundidos. A paisagem está recoberta de florestas, de prados e de campos de animais semelhantes a plantas, que se balançam ao sabor das correntezas, que emitem luzes multicolores, e que se movem ritmicamente como leques. Por entre tais pseudoplantas, passeiam caramujos gigantes que resplandecem nas cores do arco-íris, e por cima voam enxames de caranguejos vermelhos, amarelos e cor de prata que brilham. Um jardim que sussurra, brilha e dança. E um jardim que está lá para que o Vampyrotheutis o goze: que se delicie dos seus frutos como bem lhe parecer. E este o abismo: o paraíso.

A fim de refrescar nossa memória, mudemos de ponto de vista, e contemplemos o abismo da perspectiva humana. Vemos um buraco preto e frio, sob pressão acha-

tadora, e repleto de temor e tremor, habitado por seres viscosos e repugnantes que se entredoravam com alicates e dentes. Vemos o inferno. São dois modelos do “mesmo” ambiente que se entrechocam. Não é que um dos modelos seja “verdadeiro” e o outro “falso”. Ambos são verdadeiros, no sentido de refletirem determinados seres-no-mundo. Ambientes são tanto espelhos do organismo, quanto o organismo é espelho do ambiente. Abstrações extrapoladas de relações concretas. De maneira que os dois modelos não se referem ao “mesmo” ambiente.

Mas se assumirmos a terceira perspectiva, a da ciência “objetiva”, verificamos que ambos os modelos são “falsos”. O abismo não pode ser infernal, já que se o fosse, o *Vampyroteuthis* não teria sobrevivido. E não pode ser paradisíaco, já que se o fosse, o *Vampyroteuthis* não teria tido a necessidade de desenvolver um cérebro complexo para poder sobreviver nele. O ponto de vista “objetivo” exige um terceiro modelo, igualmente abstrato.

O que acontece é isto: o abismo é um “habitat” determinado, isto é, habitado pelo *Vampyroteuthis* e habitual para ele, e não habitado por homens e inabitável, inabitual para eles. Para o *Vampyroteuthis*, é acolhedor, para nós, é terrificante. O que devemos fazer, se quisermos “descobrir” o *Vampyroteuthis*, é procurar habituar-nos ao inabitual, já que não podemos habitar o inabitável. Se conseguirmos fazê-lo, poderemos contemplar o que nos é habitual como se fosse inabitual: “redescobrir” o inabitual que é o homem.

Sua existência

Conforme procurou mostrar o parágrafo precedente, devemos libertar-nos de modelos. Sobretudo do modelo segundo o qual a existência seria o encontro de um sujeito “transcendente” (uma mente) com objetos; de um “eu” com um “mundo”. Modelo segundo o qual, por exemplo, o conhecimento seria o encontro de um conhecedor com um a-ser-conhecido. Tal modelo pressupõe que poderia haver sujeito sem objeto qualquer, e objeto sem sujeito qualquer, e que estes podem encontrar-se, como podem não se encontrar. Tal modelo tem por consequência o problema eterno do “realismo-idealismo” (“quem vem primeiro: o objeto ou o sujeito?”), que é um problema eterno por ser um problema falso. Devemos pelo contrário admitir o fato concreto e simples de que a existência é um estar-no-mundo, que há sempre um sujeito relacionado com objetos, e objetos relacionados com um sujeito, e que a “realidade” é precisamente tal relacionamento.

Admitido isso, torna-se óbvio que toda modificação do objeto implica modificação do sujeito e vice-versa, porque toda modificação é na “realidade” modificação do relacionamento. Modificação que se espelha, “secundariamente”, tanto no sujeito quanto no objeto. Por exemplo: quando os primatas se ergueram do chão, é que determinado relacionamento foi modificado. Isto se espelha como modificação do organismo primata, e como modificação do ambiente humano. A ereção da postura pri-

mata libertou as mãos da necessidade de segurar ramos, e os olhos, da necessidade de perscrutar constantemente copas de árvores em busca de ninhos. Isso modificou o organismo primata: o esqueleto, os intestinos, o cérebro ficaram transformados. E isto modificou o ambiente primata: o mundo passou a ser praticamente manipulável pelas mãos libertadas, e teoricamente contemplável por olhos libertados. A modificação do organismo é clara, mas igualmente clara deveria ser a modificação operada no mundo. Embora repitamos na infância o processo da ereção, tamanha é a modificação da estrutura do mundo que não mais nos “lembramos” do mundo tal como era antes de nos termos erguido.

A estrutura do mundo espelha a estrutura do organismo, e vice-versa. Por exemplo, a estrutura do mundo espelha as mãos humanas. Heidegger distingue entre dois territórios do mundo: o dos objetos alcançáveis por mãos (“diante da mão” = *vorhanden*) e o dos objetos disponíveis às mãos (à mão = *zuhanden*). O primeiro território é o futuro (das mãos), a “natureza”; o segundo território já foi ultrapassado (pelas mãos), a “cultura”. O primeiro território é penetrado pelas mãos por dois gestos: pela “aprensão” e pela “manipulação”. O primeiro gesto “constata” objetos, o segundo os “produz”. Marx faz idêntica descoberta das mãos na estrutura do mundo. Há no mundo um terreno ainda não alcançável por mãos, o terreno da “ideologia”, e outro alcançável, o terreno do “conhecimento científico”. A mão é o critério do conhecimento: “só podemos saber o que sabemos fazer”.

Igualmente espelhados na estrutura do mundo são os olhos humanos. Merleau-Ponty e Bachelard nos lembram que há o “mundo da visão próxima” (o dos objetos que nos tocam) e o “mundo da visão ampla” (o das teorias e dos modelos). Lembram eles que é a coordenação de mãos com olhos que reparte o mundo em “regiões ontológicas”. Objetos que são aproximados dos olhos pelas mãos são “concretos”. Objetos visualizáveis, mas não alcançáveis são “teóricos”. Toda avaliação, valoração e medição (portanto toda ética e estética) resulta de coordenação de mãos com olhos.

Mas não apenas as mãos e os olhos humanos são espelhados na estrutura do mundo. Quando a cabeça se afastou do solo, o labirinto se deslocou, e isto teve por efeito determinada tridimensionalidade do espaço, descrita pela geometria cartesiana. A cabeça erguida resultou no desenvolvimento do neocórtex, com seus centros simbolizantes (por exemplo, o centro linguístico), e isto conferiu ao mundo dimensão “semântica”: o mundo passou a ser significante. Mas foi sobretudo a transformação da locomoção que teve efeitos radicais sobre a estrutura do mundo. O andar sobre duas pernas, com os dois braços como pêndulos, dividiu o mundo em presente, passado e futuro. Presente: os objetos que barrem caminho e podem ser afastados. Passado: objetos já percorridos e manipulados. Futuro: objetos ao porte das mãos e atravessáveis. Outra postura do organismo teria por efeito outra estrutura temporal ou estrutura temporal nenhuma.

A existência humana se manifesta, em um de seus polos, como estrutura organísmica específica, e no outro polo como estrutura ontológica igualmente específica, e um polo espelha o outro. Isto vale para todo ser-no-mundo, inclusive para o Vampyroteuthis. Seu organismo espelha o abismo, seu abismo o organismo. Porque a existência vampyrotêutica é um concreto estar-no-mundo, um específico estar-no-mundo. Vivemos literalmente em mundos especificamente diferentes. Não há “mundo geral”, “universo objetivo”, que nos seja comum a ambos. Tal universo abstrato da ciência não existe. Se encontrarmos o Vampyroteuthis, é no nosso mundo que o encontraremos. Não o encontramos como existência, mas como objeto.

Não obstante: ao encontrarmos destarte o Vampyroteuthis como objeto, podemos sofrer um choque de “reconhecimento”. Reconhecemos, por detrás de tal objeto das nossas próprias mãos e dos nossos próprios olhos, uma existência comparável à nossa. Isso equivale a dizer que estamos enfrentando literalmente um mundo diferente. E isto nos permite dar um salto que nos transporta do nosso mundo para o do Vampyroteuthis. Permite passar a ver com seus olhos, e captar com seus braços. Não se trata, no caso, de “transcendência” nenhuma: não estamos, ao saltarmos destarte, ultrapassando o mundo. Estamos saltando de mundo em mundo. Trata-se de “metáfora”: transferência de mundo para mundo. De maneira que tal tentativa metafórica não é “teoria”, mas “fábula”, no exato significado do termo. Estamos saltando de um mundo habitual para um mundo fabuloso.

Trata-se de um mundo que não é apreendido e compreendido por mãos, como o é o nosso, mas por oito tentáculos. De um mundo que não é aparente, como o é o nosso, mas que aparece por órgãos luminosos. Ambos os mundos são, pois, compreensíveis e perceptíveis, mas cada qual a sua maneira. Nós compreendemos o mundo graças a dez dedos, originalmente destinados a nos fazer saltar de ramo em ramo. De maneira que o mundo compreendido por nós é tão fixo como a floresta. Nosso propósito ao conhecermos o mundo é o de atravessá-lo (*erfahren* = “viajar por”). Os nossos dez dedos são extremidades de órgãos de locomoção. O *Vampyrotheutis* compreende o mundo graças a oito tentáculos que cercam sua boca, originalmente destinados a sugar alimentos e aproximá-los da boca. De maneira que o mundo apreendido por ele é um mundo fluido e líquido que se precipita o *Vampyrotheutis* adentro. Seu propósito ao conhecer o mundo é o de digeri-lo. Os seus oito tentáculos são extremidades de seu aparelho digestivo. Nisto reside a diferença mais radical entre a epistemologia humana e a vampyrotêutica: para os homens, conhecer é um gesto que avança contra o mundo, gesto ativo, e para o *Vampyrotheutis*, conhecer é um gesto que sorve o mundo, gesto passivo. Nós, os homens, conhecemos a fim de resolver “problemas”, e ele conhece a fim de discriminar entre as “influências” e “impressões” que vai sofrendo.

Os dois mundos, tanto o nosso quanto o vampyrotêutico, são “objetivos”. Isto é: não importa o que apreendemos, nós e o *Vampyrotheutis*, pode ser apalpado,

“concebido”, “definido”, é “objeto”. E tudo que pode ser destarte “constatado” por apalramento dos seus contornos é ipso facto modificável. Ambos, homens e Vampyroteuthes, somos aptos a modificar o mundo, nós por “manipulação”, ele por “tentaculação”. Se definirmos “cultura” por “modificação deliberada do mundo por um sujeito”, a cultura está no programa tanto dos homens quanto dos Vampyroteuthis. Mas trata-se de dois conceitos diferentes de cultura. Para os homens, o mundo a ser modificado consiste em problemas que barram o caminho, e “cultura” é remoção de problemas para abrir caminhos. Cultura, em tal significado, é empresa emancipadora, e é um “projeto” contra objetos. Para o Vampyroteuthis, o mundo a ser modificado consiste em impressões que se precipitam sobre ele, e “cultura” é incorporação de impressões para digeri-las. Cultura, em tal significado, é empresa integradora, e é uma “injeção” de objetos. A cultura no significado humano é remoção de “natureza”, a cultura no significado vampyrotêuthico é crítica da “natureza”.

Nosso mundo aparece. Isto é: parece que emite raios. “Na realidade”, no entanto, tais raios são emitidos pelo sol e apenas refletidos pelos objetos. As aparências enganam. Os homens devem “ir além” das aparências, se quiserem ver a verdadeira luz que as aparências escondem (“aletheia”). O mundo do Vampyroteuthis é noite escura, e o Vampyroteuthis emite raios a fim de fazer aparecer os objetos. Os “fenômenos”, as aparências, são produzidos pelo Vampyroteuthis da noite escura. E são produzidos segundo sua intenção, segundo a intensidade, a coloração e a

direção dos raios por ele emitidos. Os seus órgãos luminosos são suas “categorias da percepção”. A atitude “ingênua” do homem perante o mundo das aparências é platônica, a atitude “ingênua” do Vampyrotheutis é kantiana.

Nosso aparelho genital está localizado do lado oposto do corpo em relação às mãos e aos olhos. O nosso cérebro deve coordenar tais funções opostas do corpo. Deve coordenar as experiências recolhidas pelas mãos com as recolhidas pelos olhos, e depois coordenar tais experiências coordenadas com as recolhidas pelo sexo. Destarte, surgem contradições no cérebro humano. O nosso cérebro duvida, e o nosso mundo é, portanto, duvidoso. O aparelho genital do Vampyrotheutis está localizado na proximidade dos tentáculos e dos olhos, e todos os três órgãos estão estreitamente ligados ao cérebro. As experiências recolhidas pelos três órgãos são transmitidas ao cérebro como unidades informativas compactas, para lá serem processadas. Tais informações não são contraditórias, e têm, todas, coloração sexual. O cérebro vampyrotêuthico não duvida, e o mundo vampyrotêuthico merece confiança. A nossa atitude fundamental perante o mundo é a dúvida cartesiana, a atitude vampyrotêuthica perante o mundo é a admiração aristotélica.

Tanto a existência humana quanto a atitude vampyrotêuthica são consequências de uma cisão da relação concreta entre “sujeito”, de um lado, e “objeto”, do outro. Tal cisão se dá quando a relação passa a ser excessivamente complexa. Sabemos aproximadamente como tal cisão se deu no caso humano. Quando, há algumas dezenas de

milhares de anos, o clima se refrescou, as árvores rarearam e a paisagem se transformou em tundra. Os primatas habitantes das copas das árvores viam-se no “espaço vazio” da estepe. Seus olhos, em vez de perceberem folhagens, passaram a perceber horizontes, e seus dedos, em vez de apalparem ninhos, passaram a apalpar os ossos e as pedras no solo da tundra. Em tal mundo estranho, no qual os primatas eram estrangeiros, passaram eles a manipular os ossos e as pedras, a fim de transformá-los em “mediações” com o mundo estranho, em “instrumentos” para superar a sua alienação do mundo. Os primatas passaram a ser homens.

Nada sabemos da cisão entre sujeito e objeto no caso do *Vampyroteuthis*, embora saibamos que o processo deve ter sido comparável com a nossa própria cisão, já que a relação “*Vampyroteuthis*-mundo” é pelo menos tão complexa quanto a relação “homem-mundo”. Mas, embora ignoremos tudo a respeito do processo, podemos intuí-lo. O molusco, organismo lento e passivo, passou, em determinado momento de sua evolução, a ser um animal feroz, rápido e versátil. Deve ter sido em tal momento que se deu a cisão entre sujeito e objeto. O importante em tal reflexão é compreendermos que a reviravolta de passividade lenta em ferocidade rápida não é reviravolta de passividade em atividade, mas de passividade em paixão violenta. Quando o *Vampyroteuthis* se assumiu sujeito do seu mundo, não se assumiu, como o fez o homem, como polo ativo da sua relação com o mundo, mas como polo passivo. O mundo não é, como o é para nós, o polo opos-

to que é preciso apanhar ativamente. O mundo, para ele, é polo oposto que é preciso sorver apaixonadamente. O mundo não é, como o é para nós, “campo de ação”, mas “esfera de vivências”. Se nós, os homens, projetarmos a nossa existência para o “além” do mundo, teremos, do outro lado do mundo, um sujeito ativo transcendente, Deus. Se o Vampyrotheutis projetar destarte sua existência, terá ele, do outro lado do mundo, um sujeito passional transcendente, o diabo.

Isto tudo implica que as categorias ontológicas do mundo vampyrotêuthico são diferentes das do mundo humano. São elas as categorias da “paixão da noite”, quando as nossas são as da “clareza do dia”. O mundo vampyrotêuthico é o do sonho, o nosso o da razão desperta. Por certo, tal diferença não deve ser exagerada. O Vampyrotheutis não é romântico puro, nem nós iluministas puros. A complexidade de nossa organização cerebral faz com que ambos raciocinemos e sonhemos. Mas as nossas tendências são inversamente situadas. A nossa consciência é o inconsciente vampyrotêuthico, e vice-versa. Isto se reflete nas nossas respectivas posturas: a posição da nossa cabeça corresponde à posição de sua barriga. Se o Vampyrotheutis analisa o mundo, está fazendo “análise de profundidade”, e se analisa seu próprio estar-no-mundo, está fazendo “crítica da razão”. Seu Newton é Freud, seu Jung é Einstein.

O mundo excita o Vampyrotheutis sexualmente. Ele apalpa o mundo com tentáculos munidos de pênis e de clitóris. Apreende e compreende com excitação sexual, e seus conceitos induzem nele o orgasmo. O mundo não é

para ele sexualmente neutro, é portanto insípido, como o é para os homens. Para ele, tudo tem saber masculino ou feminino, e assim, é excitante. O macho concebe com categorias diferentes das da fêmea, e há, portanto, “leis da natureza” masculinas e femininas. O mundo não é feito de um neutral stuff, mas de “matéria” e “patério”, e a dialética dos sexos é a dialética do mundo. Todas as demais dialéticas, entre o verdadeiro e o falso, entre o belo e o feio, entre o bem e o mal, são reduzíveis à dialética do sexo. E todas as dialéticas são superáveis por fusão pelo método do coito, pelo orgasmo. A dialética “partícula-onda” ou a dialética “massa-energia” são tensões que visam ao orgasmo. É que o Vampyroteuthis não recalcou o aspecto feminino do mundo, como o fez o homem. O mundo, para ele, tem ambas as dimensões, as quais devem ser sintetizadas. Por isso, o Vampyroteuthis não visa a reunir as contradições do mundo em edifícios teóricos, como o faz o homem, mas na vertigem do orgasmo.

Tal tendência se espelha na estrutura cerebral dos nossos dois organismos. O nosso cérebro consiste de dois hemisférios, e o esquerdo está mais desenvolvido do que o direito. O seu cérebro é esfera dividida em duas metades. A nossa dialética é reta que une nossas duas metades cerebrais, a sua dialética é círculo que percorre as duas metades cerebrais. A sua dialética é circular, e não oscilatória, como o é a nossa. A nossa dialética é linear, a sua é plana. Nós pensamos “direito”, ele, “em roda”. Nós, “silogisticamente”, ele, “involuntariamente”. É que nosso mundo é um plano, o dele, um volume.

O nosso mundo é planície, tundra, e os objetos do mundo são corcundas da planície, montículos, montanhas. Para ele, planos são abstrações inexistentes. Até o solo do oceano não é plano para ele, mas recipiente de água. Ele vive a tridimensionalidade: ele a lambe com sua língua munida de dentes. Por isso, ele não passou da segunda para a terceira dimensão quando se ergueu, como o fizeram os homens. Mas ao se erguer, ele retorceu a terceira dimensão em espiral, para penetrar em uma espécie de quarta dimensão, a da rosca. Quando se locomove, não avança, como nós, ao longo da segunda dimensão em direção à terceira. Mas se projeta, dentro da terceira dimensão, rumo a uma quarta. A sua postura não nega a segunda dimensão, como o faz a nossa, mas perfura a terceira dimensão como um parafuso. Nós negamos o mundo perpendicularmente, ele, espiralmente. Nossas dialéticas são diferentes uma da outra.

Sua existência é retorcão, como a existência do caramujo. Mas, ao contrário do caramujo, é retorcão que visa a se abrir para o mundo. Isto confere determinada estrutura ao seu espaço. Para os homens, o espaço é extensão inerte sustentada por um esqueleto interno cartesiano. Para ele, o espaço é tensão retorcida e sustentada por uma concha em espiral externa. Para nós, a distância mais curta entre dois pontos é a reta. Para ele, a distância mais curta é a mola que faz coincidir os dois pontos quando retraída. Sua geometria é dinâmica. Não pode haver, para ele, forma imutável. Não é platônico, é orgástico. Não realiza a contemplação filosófica, mas a vertigem filosófica é sua atitude.

Ambos, homens e Vampyroteuthes, existimos, objetivamente falando, no planeta Terra. Mas seria um erro pensar que existimos na “mesma Terra”. Nós existimos numa Terra que é superfície habitável. Ele existe em uma Terra que é furo habitável. Não obstante: podemos encontrar-nos. Em tal encontro, as duas Terras deveriam coincidir uma com a outra, e fazer com que apareça uma Terra nova. Terra que tenha as características vampyrotêuthicas e as humanas. Mas dizer isto é articular uma expectativa especificamente humana. E que nós, os homens, abraçamos o mundo a fim de percorrê-lo. Ele, pelo contrário, abraça o mundo a fim de incorporá-lo. Para ele, o encontro das duas Terras seria a absorção da Terra humana pela vampyrotêuthica. É que nós amamos o mundo, embora lutemos contra ele. E ele odeia o mundo, embora o goze.

Do nosso ponto de vista, o Vampyroteuthis é existência odiosa. Do seu ponto de vista, o homem é existência chata. Para nós, ele é horroroso. Para ele, nós somos insípidos. Nenhum abraço mútuo pode modificar tal diferença existencial, que é a diferença de nossos seres-no-mundo. Não somos complementares. Somos opostos, como espelhos. Toda tentativa de transformar o Vampyroteuthis em complementaridade humana é traição da existência humana. Romantismo perigoso. Não adianta querer minimizar: o Vampyroteuthis é o nosso inferno. Vampyroteuthis infernalis. O resto desta fábula será convi-te a viagem ad inferos: Acheronta movebo.

4. A cultura do Vampyrotheuthis

Seu modo de pensar

Quanto mais progride o nosso conhecimento dos processos mentais, tanto mais misteriosa se torna a nossa capacidade de refletirmos. Como conseguimos controlar os nossos próprios pensamentos, como se fosse “de fora”? Como pode o sistema nervoso central programar, ele próprio, o processamento de seus dados? Procurar localizar o “centro da reflexão” no próprio cérebro parece querer localizar no próprio computador o programador do sistema. Ou parece querer descobrir o “lugar da alma” no cérebro, como o fizeram os Antigos. O que está acontecendo é isto: a pesquisa das funções cerebrais vai revelando que “mapas do cérebro” são analogias indevidas com mapas geográficos, já que os processos mentais, como a percepção, a compreensão simbólica e a imaginação, afetam re-

giões cerebrais cambiantes, fluidas e dinamicamente pulsantes, e as afetam em profundidades variáveis. Embora os processos mentais estejam “ancorados” em determinados lugares cerebrais mais e mais conhecidos, eles “navegam” pelo cérebro, e “mergulham” nele. Pois em tal concepção das funções cerebrais não é possível conceber-se a reflexão: não há vão para ela. A reflexão, o “espírito” ou a “alma”, tal capacidade nossa de observarmos nossos próprios processos mentais e dirigi-los até certo ponto, passa a ser mais misteriosa que o era para gerações precedentes, que ignoravam quase tudo quanto aos processos mentais, e podiam, pois, operar com noções como “espírito” ou “alma” com ingenuidade e desenvoltura.

Por certo: a reflexão, como todos os processos mentais, desempenha um papel específico na evolução da vida. Quando os órgãos de percepção passam a fornecer dados excessivamente complexos e numerosos ao cérebro, e este passa a processá-los por métodos excessivamente complexos, torna-se indispensável que tal processamento seja programado. A reflexão é necessária para a sobrevivência de organismos supercomplexos. Como o é o caso do homem e do Vampyrotheutis. Entretanto, biologizar destarte o mistério da reflexão não é tê-lo dissipado. É preciso aceitá-lo.

O Vampyrotheutis reflete, e, dada a sua complexidade, se não refletisse, não teria sobrevivido. Pois quem diz reflexão, diz filosofia. De maneira que querer intuir a existência vampyrotêutica implica querer decifrar a sua filosofia. Mas aí esbarramos contra uma curiosa dificuldade.

Embora reflexão e filosofia sejam sinónimos do ponto de vista biológico (são a capacidade de controlar os processos mentais), não são sinónimos do ponto de vista da história humana. A capacidade para reflexão tem se articulado em várias filosofias sucessivas e simultâneas, muito diferentes umas das outras. No homem, a capacidade reflexiva é como uma base inata para a elaboração de filosofias adquiridas. Base “natural” para o fenómeno cultural da filosofia. Na tentativa de captar a filosofia vampyrotêutica, não podemos, pois, compará-la com uma filosofia humana tout court, mas com uma das filosofias elaboradas culturalmente. A filosofia que se oferece para tanto é a grega, por ser ela o fundamento da filosofia do Ocidente.

Para o ocidental, “refletir” é o processo que controla a relação entre as aparências vividas e a razão que as processa. Os seus dois termos-chave são “aparência” (phainomenon) e “razão” (nous). As aparências devem ser “operadas”, porque enganam. A razão é a faca operadora que recorta as aparências em rações definidas e operáveis. Tal visão grega da relação entre aparência e razão não é “originalmente” grega, mas “especificamente” humana. O primeiro instrumento produzido pelo homem, no instante mesmo em que se tornou homem, é a faca de pedra. A razão humana produz facas porque funciona como faca, e funciona como faca porque produz facas.

O Vampyroteuthis não produz facas, não precisa delas. Seus órgãos luminosos, ao emitirem feixes de luz, já recortam o mundo. E verdade que ambos, homens e Vampyroteuthes, apalpam os contornos dos objetos para

os definirem. Mas o propósito de tal gesto racional não é o mesmo nos dois casos. O homem apalpa os contornos dos objetos que apareceram, a fim de controlar com as mãos o que apareceu aos olhos. Não se confia nos olhos. Em seguida, o homem desprende os contornos destarte apalpados, como se fossem cascas de objetos. O que terá em mãos serão “conceitos vazios”. Tais conceitos, “modelos”, o homem os guarda na memória, para utilizá-los como arapucas nas quais vai captar novos objetos, ainda não apalpados. Destarte surge um vai-vem entre objeto e modelo, entre aparência e conceito, em cujo fim surgirá uma situação na qual nenhum objeto que não tenha conceito pelo menos ligeiramente apropriado pela memória humana será percebido. A reflexão humana, a sua filosofia, é precisamente o controle de tal vai-vem entre aparência e conceito, entre “problema” e “modelo”.

O propósito do apalpar vampyrotêutico é outro. Ele apalpa a escuridão, a fim de dirigir seus raios sobre uma determinada região do mundo. Concebe objetos para poder fazê-los aparecer. O aparente aparece, porque foi concebido. O conceito precede a aparência. A aparência é a consequência de um ato deliberado. O inconcebido não aparece. De modo que é a razão que faz com que o mundo apareça. Pois a razão é sexual: os tentáculos são portadores de pênis e clitóris. Todo conceito é masculino ou feminino. Todo conceito excita sexualmente. Toda pedra apalpada no solo oceânico excita o aparelho genital: o Vampyrotheutis concebe apaixonadamente. Quando o macho apalpa a fêmea, concebe ele os conceitos femini-

nos à maneira masculina. No coito, os conceitos masculinos e femininos se fundem orgiasticamente. No coito, “o homem conhece a mulher” (para recorrermos a uma terminologia bíblica), e a mulher conhece o homem. Isto é: no coito os conceitos masculinos e femininos se controlam mutuamente, e se sintetizam. Isto é a reflexão para o Vampyroteuthis. O termo-chave de sua filosofia é “sexo”.

O sexo é, para o Vampyroteuthis, o fundamento do mundo das aparências, e impregna as aparências todas. O sexo é “público”. A filosofia vampyrotêuthica é, antes de mais nada, crítica do sexo. Seu Organon, as regras da sua reflexão, são as regras do sexo. A sintaxe da sua língua, do jogo de cores sobre sua pele, é a lógica do sexo. Se, no curso de sua reflexão, o Vampyroteuthis faz abstração do “conteúdo” do pensamento, terá ele elaborado a estrutura do “sexo puro”. Que é, ipso facto, a estrutura da “realidade”. Por isso, a reflexão vampyrotêuthica vai ter que se haver, antes de mais nada, com o sexo, e vai ter que recalcar todo o resto. Como a reflexão humana vai ter que se haver com as aparências, e recalcar o resto, sobretudo o sexo. Mas a reflexão vampyrotêuthica não vai poder recalcar o resto indefinidamente. Vai ter que enfrentar outros problemas. Como o homem não pode escapar da reflexão sobre o sexo, a filosofia vampyrotêuthica não vai poder evitar o “desenvolvimento”.

Pois isso implica que deve haver “história da filosofia” para o Vampyroteuthis. Que o Vampyroteuthis deve ser “ente histórico”, ente produtor de cultura. Na realidade, tal conclusão já está contida na premissa de que o Vam-

pyroteuthis é um ente que reflete. Porque “reflexão” significa não apenas controle do processamento de dados, mas igualmente controle do armazenamento de dados. Significa sistematizações de memória, catalogação das informações disponíveis. É crítica das informações armazenadas. Pois “história” é precisamente armazenamento de informações adquiridas, e triagem das informações armazenadas. Toda reflexão é produtora de história. Mas nós, os homens, temos certa dificuldade em conceber “história” como processo que armazena e tria informações adquiridas apenas em memórias humanas. E que nós, os homens, armazenamos grande parte das informações por nós adquiridas em objetos, sejam livros, quadros, edifícios, instrumentos. E são tais objetos que atestam, para nós, a historicidade humana, e permitem a reconstituição de “história passada”. Nós, os homens, temos dificuldade em conceber “história” na ausência de tais objetos, de tal “cultura objetiva”. E como o Vampyrotheutis não produz tais objetos informados, como não produz “cultura” em tal significado do termo, temos dificuldade em admitir sua historicidade.

O Vampyrotheutis nos obriga a repensar não apenas o conceito de história, como também nossa própria historicidade. Seu comportamento sugere que o seu empenho histórico é o armazenamento de dados adquiridos diretamente nos sistemas nervosos dos membros da espécie, e que o método de tal armazenamento é a transmissão dos dados adquiridos por um membro da espécie aos outros. Não temos modelo para tal historicidade dialógica, que não passa pela mediação de objetos. Não temos modelo de uma his-

tória sem cultura objetiva. Mas o Vampyroteuthis nos oferece a oportunidade de elaborar tal modelo. Permite que contemplemos a história humana do seu ponto de vista. Que façamos crítica vampyrotêuthica da história humana.

O Homo sapiens é um mamífero ereto. Suas mãos não servem mais à locomoção, como o fazem os demais vertebrados. Seus olhos percebem raios solares refletidos, como o fazem os olhos dos demais vertebrados habitantes de terra firme. As informações assim recolhidas são transmitidas às mãos, no caso humano. As mãos passam a movimentar-se de acordo com tais informações, e ao se movimentarem, modificam elas os objetos em torno. De maneira que imprimem as informações recebidas pelos olhos sobre os objetos do mundo. Pois tais objetos modificados pelas mãos são, eles também, percebidos pelos olhos. Os quais transmitem tais informações novamente às mãos para que estas se movimentem. Mas não se trata de um simples circuito fechado de informações que passam do mundo objetivo ao organismo humano, e de volta ao mundo objetivo. O organismo humano é um sistema complexo. As informações por ele recebidas são processadas no seu sistema nervoso, e são refletidas pelo homem. “Recodificadas”. As informações recebidas pelas mãos não são idênticas às informações recebidas pelos olhos. São “informações novas”. As mãos humanas imprimem informações novas sobre os objetos. E tais informações se renovam progressivamente. Isso é a historicidade humana.

Na realidade, trata-se de um complexo espelhar entre o mundo dos objetos que cerca o homem, e o organis-

mo humano que processa os raios refletidos pelo mundo dos objetos. De um complexo feedback. Graças a tal feedback, vão se modificando o mundo dos objetos (cultura humana) e o próprio homem, (consciência humana). Mas o que surpreende o crítico vampyrotêuthico nesse processo complexo todo é o fato de ser, em tudo isto, o aparelho digestivo humano que motiva o feedback. Que a história humana tenha por infraestrutura a economia. Que o motivo fundamental da modificação do mundo pelo homem, e da conseqüente modificação do homem, seja a sua barriga. Se o Vampyrotheutis analisar os objetos informados pelo homem, verificará que o sexo participou pouco na elaboração das informações armazenadas. E se analisar o comportamento humano, verificará que seu comportamento sexual se modifica pouco no curso da história humana. Como explicar tal anomalia, tal predominância da digestão sobre o sexo? Pelo fato de ser o macho humano ligeiramente maior do que a fêmea humana. O macho reprimiu a fêmea durante parte considerável da história humana. Tal repressão criou no macho o receio constante de revolta feminina. De modo que recalcou a dimensão feminina do mundo. E com isto recalcou a dimensão sexual do mundo. E concentrou sua reflexão sobre o aparelho digestivo. Isto confere à história humana seu caráter patológico: a história humana é a história da neurose especificamente humana.

Pois tal desvio da intenção histórica do sexo para a barriga não é o único a caracterizar a história humana. O homem é habitante de terra firme, que é “habitat” ba-

nhado não por água, mas por um gás chamado “ar”, que é condutor acústico como a água, embora um condutor mais pobre. Os órgãos respiratórios do homem evoluíram a capacidade de fazer vibrar o ar de forma controlada pelo cérebro, e tais vibrações foram codificadas. De forma que o homem pode transmitir informações por vibrações sonoras, como o fazemos nós, os Vampyrotheutes, por coloração da pele. Em tese, pois, o homem seria capaz de uma comunicação intersubjetiva, e, portanto, de verdadeira historicidade. Mas o homem é impedido de elaborar uma verdadeira história dialógica pela presença de numerosos objetos que se encontram na superfície da Terra e constituem obstáculos à comunicação intersubjetiva. O homem se vê obrigado a transformar tais obstáculos em canais da comunicação, a modificá-los. Sua história é, em grande parte, tal modificação dos objetos. Pois isto vai desviando a atenção e a intenção humana dos outros para os objetos. O propósito da história humana deixa de ser o de informar os outros com dados adquiridos, mas o de informar objetos. Isto é outro traço patológico da história humana.

Curiosa consequência de tal desvio patológico é o fato de a história humana ser constatável objetivamente. Quem analisar os objetos informados por homens, pode reconstituir a história humana. Isto facilita, sem dúvida, a tarefa do crítico vampyrotêuthico da história humana. Mas precisamente por ser assim objetivamente constatável, a história humana não é história verdadeira. Como não é verdadeira a história das formigas constatável pelos formigueiros. Falta-lhe o característico da verdadeira

história, que é o armazenamento controlado de dados adquiridos na memória dos participantes do processo. A contemplação da história humana sugere ser o Vampyrotheutis o único ser histórico na Terra.

Pois tal crítica vampyrotêuthica da cultura humana permite que seja posta a questão de cultura alternativa. Poderá haver outro tipo de cultura? Haverá cultura vampyrotêuthica? E, em caso positivo, tal cultura seria decifrável por nós, os homens? Devemos admitir que o Vampyrotheutis não fabrica objetos, com exceção das nuvens de sépia que modela. Nesse sentido, não faz cultura. Por outro lado, devemos admitir que o Vampyrotheutis contrai determinadas glândulas para secretar determinados sucos, e que tais sucos são portadores de mensagens. Será que faz história com tais sucos? Será que suas contrações glandulares são suas *res gestae*? E que a cultura vampyrotêuthica é composta de sucos rapidamente dissolvidos na água, e de mensagens contidas nos sucos e rapidamente absorvidas pelas memórias receptoras?

Consideremos os *chromatophora*, as glândulas secretadoras da tinta que colore a pele. Sua função em espécies mais primitivas é sexual: a pele muda de cor para atrair a atenção do parceiro. As glândulas secretam sob impulso de processos no interior do organismo. Expressam determinada interioridade. Articulam mudanças na disposição interna do Vampyrotheutis. Toda glândula é controlada individualmente pelo cérebro, e pode ser contraída por si só ou em sincronia com outras. O Vampyrotheutis delibera a coloração da pele em seus mínimos detalhes. Tal coloração

é codificada: o observador vampyrotêuthico pode decifrar o seu significado, a “intenção” da mudança da cor da pele. Trata-se de linguagem com sintaxe e léxico complexos.

Outra glândula culturiforme, de interpretação mais difícil, é a que secreta massa gelatinosa. Tal gelatina pervaga o organismo e o faz transparente aos raios emitidos por outros organismos. Sua função em espécies mais primitivas é de proteção: o animal se torna invisível para os agressores. Quanto ao *Vampyroteuthis*, ninguém o agride: ele é senhor de seu ecossistema. Parece que, no seu caso, a glândula serve para sustentar o código da coloração da pele. Enquanto a pele vai emitindo mensagens, o organismo se torna invisível. O *Vampyroteuthis* se transforma em superfície emissora, e abstrai-se da mensagem. Esse é um método de abstração dificilmente captável para nós, os homens.

Outra glândula, a secretadora de saliva, encontra-se na boca. Tal saliva venenosa paralisa toda vida em torno, sem no entanto matá-la. Sua função biológica é facilitar a captação e a digestão da presa, mas sua função cultural é outra. Graças a tal método paralizador, o *Vampyroteuthis* congela, define, delimita os objetos que se precipitam sobre ele, para poder digeri-los mentalmente. A saliva prepara os objetos para serem processados como informações. A função da glândula é lógica, ontológica e epistemológica, como a função dos dedos humanos, com a diferença de a glândula definidora não ser mortal como nossos dedos. Nossa pesquisa capta fenômenos assassinados, a dele, fenômenos paralisados.

O diverticulum secretador de nuvens de sépia serve, em espécies mais primitivas, para a defesa. O animal emite nuvem, modela-a para nela copiar seus próprios contornos, e foge. O agressor ataca a nuvem, e o animal se salva. No *Vampyrotheutis*, a função é outra. Já em espécies mais primitivas, tem sido observado que a nuvem é manipulada não apenas para copiar os contornos do animal, mas também para assumir outras formas. O *Vampyrotheutis* não se limita a produzir apenas autorretratos. As nuvens por ele manipuladas vão assumindo formas das mais variadas, vão servindo de suporte a mensagens das mais variadas. E tais mensagens não mais são dirigidas a agressores, como em espécies mais primitivas, mas são dirigidas aos demais *Vampyrotheutes*. Trata-se, nas nuvens, de media da comunicação intersubjetiva. De media extremamente plásticos, efêmeros e fluidos, portanto rapidamente captáveis e de interpretação altamente duvidosa e conotativa. Mas uma coisa é certa: a função original do diverticulum é a de enganar o inimigo. É estratagema. Tal caráter enganoso, mentiroso, artificial, de artimanha, se conserva na função cultural que o diverticulum assume no *Vampyrotheutis*. As mensagens emitidas pelo *Vampyrotheutis* pelo médium da sépia são mentiras.

Todas essas glândulas, e outras, são emissoras de mensagens codificadas. De mensagens que transmitem informações adquiridas a outros, para que estes as guardem na memória e as transmitam para mais outros. As glândulas são os media da comunicação vampyrotêutica, os portadores da história do *Vampyrotheutis*. Os sucos efêmeros

e facilmente dissolvíveis na água perfazem a cultura do Vampyroteuthis. Por certo: não sabemos decodificar as mensagens que tais sucos carregam, a não ser no nível biológico, o mais primitivo. E como se, na linguagem humana, somente pudéssemos decodificar os gritos de dor e de cio. Não obstante, sabemos que as mensagens podem ser muito abstratas (glândula gelatinosa), muito complexas (coloração da pele) e “artísticas”, isto é, mentirosas e altamente conotativas (sépia). Isto nos permite captar o clima da cultura vampyrotêuthica, senão o seu significado.

E o clima conspiratório, o clima do segredo mal intencionado. Por certo: a nossa própria cultura está, ela também, banhada por tal clima. Nós também codificamos as nossas mensagens, de modo que possam ser captadas apenas por quem possui a chave. Mas há uma diferença decisiva de clima. Nós codificamos de modo que o receptor possa descobrir a chave. O Vampyroteuthis codifica escondendo a chave, como os emissores de mensagens secretas. O receptor vampyrotêuthico precisa romper os códigos, como o fazem os serviços de contraespionagem. As emissões vampyrotêuthicas são enigmas. O Vampyroteuthis visa a enganar seus parceiros. Usa media fluidos, efêmeros e altamente conotativos para que os seus parceiros não possam criticar as mensagens. Visa a seduzir ou violentar seus parceiros para que estes armazenem informações sem criticá-las. A cultura do Vampyroteuthis é um conjunto de artifícios, de estratégias, de “demagogias”. É conspiração de todos contra todos. Cultura de “como se”, a cultura da representação teatral, do engodo.

Eis a dinâmica de tal cultura. O Vampyrotheutis vai recolhendo informações graças a seus tentáculos e órgãos luminosos. Vai paralisando tais informações graças a sua saliva, para transformá-las em “bits” processáveis. O sistema nervoso central vai codificar tais informações, vai simbolizá-las. Tal codificação se faz em função das várias glândulas emissoras. Uma vez codificadas em cores, luzes, gelatina ou nuvem, a informação vai ser emitida. E tal emissão vai sendo recebida por outro Vampyrotheutis graças a seus tentáculos e órgãos luminosos. Por este processo, as informações adquiridas vão sendo armazenadas na memória da espécie. Esta é a história do Vampyrotheutis. E o conjunto das emissões sustentadas pelas várias secreções é a cultura do Vampyrotheutis.

O caráter conspiratório de tal cultura pode ser formalizado. Os códigos humanos oscilam entre dois extremos. Um extremo são códigos denotativos, os quais permitem apenas uma única “leitura”. Exemplos: o código da matemática e da lógica simbólica. O outro extremo são códigos conotativos, os quais permitem toda uma gama de “leitura”. Exemplos: os códigos das artes. Na sua comunicação, o homem delibera se vai recorrer a códigos mais denotativos ou mais conotativos. Os códigos vampyrotêuticos, pelo contrário, são subrepticamente denotativos. Permitem apenas uma única “leitura”, mas não por serem autenticamente denotativos (isto é: por possuir em todo símbolo apenas um único significado), mas por se imporem sobre o receptor graças a determinado estratagema. São denotativos, não como a lógica simbólica, mas como

o código televisionado. A diferença é que a comunicação humana visa ao deciframento correto, e a comunicação vampyrotêuthica visa ao deciframento errado. Isto em tese. Porque há comunicação do tipo vampyrotêuthico também na cultura humana.

Quanto à “dimensão semântica” da cultura vampyrotêuthica, nada sabemos a respeito dela. Não sabemos “de que se trata” no diálogo dos Vampyreuthes. A não ser que se trata, entre outras coisas, de seduzir o outro para o coito ou para ser devorado. Conhecemos apenas o nível biológico da cultura do Vampyreuthis. Pois, isso nos impõe uma atitude biologizante face a tal cultura. Atitude darwinizante. Qual a função da cultura para a sobrevivência da espécie Vampyreuthis? Como se perguntássemos: qual a função da cultura para a sobrevivência da espécie humana? No caso vampyrotêuthico, a resposta é esta: a cultura vampyrotêuthica serve para enganar as demais espécies, e destarte para preservar a espécie Vampyreuthis. Ela serve para enganar o parceiro e seduzi-lo para o coito, e destarte para propagar a espécie Vampyreuthis. E serve para enganar todos os demais Vampyreuthes, e destarte para conservar o Vampyreuthis individual em vida. Sem dúvida: “explicação” comparável pode ser imaginada igualmente no caso da cultura humana. Tais “explicações” podem ser válidas, mas são impertinentes e indignas. Porque reduzem o comportamento cultural ao nível da sociobiologia. Não captam, e a menosprezam, a motivação existencial que faz com que os Vampyreuthes e os homens se engajem na cultura. Animalizam os Vampyreuthes e os homens.

Mas dispomos de um modelo semelhante ao darwiniano, o qual, no entanto, permite uma interpretação menos repugnante da cultura. O modelo schopenhaueriano. Conforme tal modelo, a cultura vampyrotêuthica seria a “representação” pela qual se mascara a vontade violenta desse ser feroz e assassino. “Representação” teatral e musical, sinfonia consistente de jogos de cores, luzes, formas, abraços e, provavelmente, também de sons extremamente variados. “Cultura artística” no significado mais amplo do termo. Tal “explicação” da cultura vampyrotêuthica permite que intuíamos o comportamento cultural do Vampyrotheutis de seu próprio ponto de vista.

Imaginemos como é vivenciada a participação em tal cultura. Ao procurarmos fazê-lo, somos tomados de vertigem. A cultura cerca o seu participante com seus gestos sedutores, suas carícias, seus abraços, suas cores, luzes e sons, e penetra por seus poros. O Vampyrotheutis nada na sua cultura, a lambe, a goza, a sorve. A cultura o leva ao orgasmo. Não apenas ao orgasmo fisiológico, mas ao orgasmo em todos os níveis existenciais, sobretudo no nível do pensamento. O orgasmo (e não a sobrevivência) é o propósito da cultura. A “felicidade”. Quanto pálida e insípida é a cultura humana comparada com esta. Mas é claro: o Vampyrotheutis é capaz de crítica cultural, tanto quanto o homem. Ele tem os seus Frankfurts. E aí o Vampyrotheutis vai descobrir que o propósito de sua cultura é fazê-lo esquecer, pelo orgasmo, que vai morrer. O propósito de sua cultura é fazer esquecer a morte. Como o é o propósito da cultura humana. Com esta diferença: a cultura humana

procura reprimir a consciência da morte pela produção de objetos e pela repressão do sexo. A cultura vampyrotêutica procura reprimir a consciência da morte pela excitação sexual e pela repressão das tendências suicidas e canibais.

Destarte podemos tentar reconstituir a maneira como pensa o Vampyroteuthis, a sua forma mentis. O Vampyroteuthis pensa em função do orgasmo, e, quando reflete, procura desvendar o orgasmo como mascaramento da morte. Procura descobrir a mentira que se esconde no orgasmo. Por isso, sua filosofia não é como a humana. A nossa filosofia procura descobrir a verdade por detrás do engano, a sua verdade por detrás da mentira. Não são as mesmas “verdades”. No entanto, ambas as reflexões são negações da existência, “refletem” a existência e sobre a existência, são espelhos. Cada qual à sua maneira, e em direções opostas uma à outra. Nos abismos infernais há filosofia oposta à nossa, mas que é, ela também, filosofia. Afirmção da dignidade da existência face às condições nas quais foi lançada para dentro do mundo. O inferno tem dignidade, embora dignidade oposta à nossa: a dignidade de cabeça para baixo.

Sua vida social

A evolução toda da vida pode ser vista como tendência rumo à socialização progressiva. Revelará então patamares. No primeiro patamar, se encontrariam os Protozoa, células que vivem individual e isoladamente. O próximo patamar seria o dos Metazoa, das sociedades celulares. Embora as células continuassem a se alimentar

e a se propagar individualmente, não mais vivem isoladas, mas em função da sociedade. No entanto, a passagem do primeiro para o segundo patamar não é nítida nem simples: a vida tem hesitado antes de dar tal passo fatídico, e a prova da hesitação são os Mesozoa e os Parazoa. São eles colônias celulares, “associações livres” nas quais as células conservam sua individualidade. Se as esponjas pudessem argumentar, sustentariam que os Metazoa representam a decadência “coletivista”, já que neles a dignidade ontológica da célula é sacrificada.

O seguinte patamar evolucionário é o dos Eumatazoa, que são “organismos”, sociedades de órgãos que por sua vez são sociedades de tecidos, que por sua vez são sociedades celulares. O preço que tais sociedades celulares em múltiplos níveis pagam por sua socialização complexa é o da morte. As funções sociais das células, dos tecidos e dos órgãos são contraditórias e complementares, o que torna o “governo” do organismo um processo de acrobacia e de equilíbrio constante. Quando o equilíbrio é rompido, o organismo morre. E este o patamar evolucionário ocupado pelo homem e pelo Vampyrotheutis. Mas ambos estamos empenhados na superação do patamar, em construir sociedades de organismos.

Outro ramo da evolução já conseguiu tal superação, sobretudo os Hymenoptera, os insetos mais evoluídos. Estes formam sociedades (como colmeias e formigueiros) nas quais o organismo individual tem funções sociais geneticamente programadas. Face a tal novo patamar evolucionário, tendemos a argumentar como se fôssemos

esponjas: as formigas representam a decadência “coletivista”, já que nelas a dignidade ontológica do organismo é sacrificada. Eis o nosso argumento:

Insetos são organismos de cerebração alta em relação ao tamanho do seu corpo. Mas insetos são organismos que sofrem de um defeito de construção, que os impede de alcançar um tamanho conveniente à cerebração absolutamente alta. O defeito é a couraça. Para poderem crescer, devem despir-se periodicamente da couraça. Nos intervalos, são animais moles e desprotegidos. Se tivessem alcançado um tamanho comparável ao nosso, a gravidade os achataria nos intervalos. Insetos estão condenados a serem pequenos, com cérebros absolutamente pequenos. A evolução procura compensar o defeito de construção pela elaboração de superorganismos. Formigueiros são sistemas de tamanho comparável ao do organismo humano, e de cerebração superior à humana. Mas o preço pago pela evolução é o da perda da “liberdade” do indivíduo, já que para nós “indivíduo” é sinónimo de organismo.

No nível do nosso próprio patamar evolucionário, a tendência rumo à socialização se dá mais “dignamente” (continua o nosso argumento). Sob a forma de “instintos sociais” que preservam a dignidade do indivíduo dentro da sociedade. Haja visto o comportamento social dos mamíferos que formam rebanhos. E quanto a nós próprios, tendemos a superar os próprios instintos sociais, e a deliberar sociedades “livres”. Sociedades que sejam sínteses criativas entre o indivíduo consciente da sua dignidade e a sociedade construída para funcionar em prol dos seus membros.

Tal chauvinismo antropocêntrico em relação à tendência socializante da evolução se sustenta apenas graças a determinado modelo: o da evolução enquanto corrida de obstáculos, a qual é ganha por quem chega primeiro, e quem chega primeiro é o homem. Tal modelo não é apropriado. A evolução é um jogo do acaso, no qual ninguém ganha, já que todos morrem. Um modelo mais apropriado de evolução é este: o mundo como um todo tende para situações cada vez mais equilibradas, cada vez mais “prováveis”. Tende para a transformação de todas as formas de energia em calor, para a “morte térmica”. Mas, no curso de tal tendência, ocorrem, ao acaso, situações menos prováveis e situações altamente improváveis. Tais ocorrências formam um epiciclo sobreposto sobre a tendência geral do mundo rumo à entropia, e um dos tais epiciclos é a evolução da vida. Em tal epiciclo vão se formando, ao acaso, situações cada vez menos prováveis: partículas vão formando átomos; átomos, moléculas; moléculas, polímeros; polímeros, células; células, tecidos; tecidos, órgãos; órgãos, organismos; e organismos, sociedades. O epiciclo evolucionário surgiu da tendência entrópica em determinado momento, e deverá desembocar novamente nele em outro momento. Dado o segundo princípio da termodinâmica, a evolução deverá voltar a desintegrar-se “por necessidade”. Mas isso não é tudo. Cada situação pouco provável individual deverá, pela mesma “necessidade”, voltar a ser mais provável: átomos desintegram, moléculas se decompõem, polímeros se dissolvem, células degeneram, tecidos rasgam, órgãos se desorganizam, organismos

morrem, e sociedades decaem. Todos os sistemas tendem para o caos. É com este modelo que somos obrigados a procurar captar a tendência da evolução rumo à socialização progressiva.

O que ocorre é isto: toda vez que surge uma situação pouco provável, abrem-se dois caminhos para o jogo do acaso, duas “estratégias”. Uma em direção à situação ainda menos provável, outra de volta ao caos. Quando surge ao acaso o átomo, surge também o caminho rumo à molécula, e outro rumo à desintegração do átomo. Ambos vão sendo seguidos pelo jogo cego do acaso. No instante da emergência do átomo, a situação é indecisa: ambos os caminhos são possíveis. Quando surge ao acaso o organismo mamífero, surge também o caminho rumo à sociedade mamífera e rumo à morte. Ambos vão sendo seguidos pelo jogo cego do acaso. Mas no instante da emergência do organismo mamífero, a sociedade mamífera é apenas uma possibilidade. Por isso, do ponto de vista de um mamífero que reflete, do ponto de vista humano, tal possibilidade de socialização não é vivenciada como “acaso possível”, mas como “virtualidade realizável”.

A formiga que reflete vê uma situação diferente. A sua socialização não é virtualidade, mas fato. Fato que emergiu ao acaso. Para a formiga especulativa, o problema da socialização se põe como se põe para o homem o problema do funcionamento do estômago no contexto do organismo. Como problema fisiológico. A “questão social” é questão de funcionamento geneticamente programado. Provavelmente há outra questão para a formiga

que reflete: como integrar o comportamento dos vários formigueiros. É em tal nível, para nós inatingível, que se põe para a formiga o problema da liberdade e da dignidade. Quem tomar o formigueiro como modelo de sociedade humana deve se dar conta de que está querendo transformar política e ética em fisiologia. Política e ética, isto é: os problemas da decisão são válidos apenas no estágio intermediário entre os patamares, no qual o jogo do acaso ainda não deu o lance seguinte.

Se queremos modelos para a socialização humana, tomados do comportamento extrahumano, devemos buscá-los, não nos insetos, mas em organismos que ocupam o patamar evolucionário correspondente ao nosso. Sobre tudo nos mamíferos que representam o ramo evolucionário do qual emergimos. Podemos observar, por exemplo, como em lobos ou em chimpanzés vão surgindo tensões intraespecíficas que evocam os nossos próprios problemas políticos e éticos (amor, ódio, cooperação, concorrência), como, portanto, comportamentos geneticamente programados vão se transformando em comportamento deliberado. Um caso excepcionalmente revelador é o comportamento canino, já que cachorros vivem em ambiente humano e copiam o comportamento humano. Mas há um perigo em todos os modelos desse tipo: os demais mamíferos, por próximos que nos sejam, não refletem, não “existem”. São incapazes de controlar seu comportamento pelos métodos humanos. Por isso, seu comportamento social carece da dimensão política e ética propriamente dita. Este é o perigo de toda sociobiologia. Humaniza o

comportamento animal, ou, mais nefastamente ainda, animaliza o comportamento humano. Exemplo de tal perigo é Lorentz: recolhe ele seus modelos em gansos, que são produtos de um ramo evolucionário divergente do nosso.

O modelo mais adequado para a captação da nossa própria socialização seria o modelo tomado do comportamento social de um organismo que reflita, e que se encontre em patamar evolucionário correspondente ao nosso. E o caso do *Vampyroteuthis*. Tal organismo deverá sofrer da mesma dialética “insuperável” entre autoafirmação e integração social, entre “liberdade” e “engajamento”, da qual nós próprios sofremos. Tal organismo deve sofrer de “má consciência” como nós, porque deve ter, como nós, “valores”. Se pudéssemos observar o comportamento social do *Vampyroteuthis*, teríamos um modelo político que não seria sociobiológico, mas ético. No entanto, não podemos observar tal comportamento, já que este se esconde nas profundezas da noite.

Não obstante, dispomos de fragmentos de informação que nos permitem reconstruir as linhas mestras de tal comportamento. Sabemos que o *Vampyroteuthis* é monógamo. Que macho e fêmea executam ritos sexuais complexos e demorados. Que há comunicação intraespecífica altamente refinada. Que os pais se ocupam da prole de forma intensa até o seu amadurecimento. Que os filhotes formam sociedades hierarquicamente organizadas, reminiscentes dos cachos de ovos botados pela mãe. Que o *Vampyroteuthis* tende para o canibalismo. E que tende

a suicidar-se. Informações fragmentárias por certo, mas reveladoras do fundamento do comportamento.

O núcleo da sociedade vampyrotêutica (em analogia à família humana) é a comunidade de gêmeos nascidos do mesmo cacho de ovos. Comunidade em hierarquia geneticamente programada. Todo Vampyrotheutis individual ocupa um posto na sociedade de gêmeos que lhe foi imposto pelo seu nascimento. Nasce “desigual”. Isto é o dado fundamental da sua existência social, uma das condições de ser-Vampyrotheutis. Todas as informações adquiridas ao longo da sua vida devem ser armazenadas contra tal fundo. Sua desigualdade forma a base de todo seu engajamento. “Todos os Vampyrotheutes nascem desiguais, e continuam assim até a morte”. E contra tal determinação “natural” que deve dirigir-se toda sua tentativa de autoafirmar-se. E tal desigualdade vai de mãos dadas com a sua gemeidade. Por ser gêmeo, o Vampyrotheutis é desigual, e por ser desigual, é ele gêmeo: dialética “igualdade-fraternidade”.

O recurso ao trinômio “liberdade, igualdade, fraternidade” parece inescapável. A fraternidade é imposta geneticamente ao Vampyrotheutis, como o é ao homem, mas é imposta mais radicalmente: sob forma da gemeidade. Mas a igualdade, que no caso humano não está geneticamente programada (por mais que tentemos negá-lo), é programada no Vampyrotheutis em sentido oposto. O Vampyrotheutis é programado para a desigualdade. Se definirmos “liberdade” como emancipação do programa genético, eis como se apresenta a dialética da liberda-

de. No caso humano, ela é emancipação da fraternidade (dos “instintos sociais”), em prol da igualdade e em prol da autoafirmação, portanto dialética entre igualdade e afirmação de si mesmo. No caso vampyrotêutico, ela é emancipação da gemeidade e da desigualdade (dos “instintos sociais”), em prol da afirmação de si mesmo. Dialética entre informação genética e informação adquirida. Nós, os homens, tornamo-nos livres quando construímos uma sociedade que permita equilíbrio entre igualdade e afirmação de si mesmo. Os Vampyroteuthes tornam-se livres quando conseguem romper os laços que os prendem aos gêmeos e os tornam desiguais uns aos outros. Por isso, “política”, para os homens, é engajamento em prol de determinado modelo da sociedade. A “política” para o Vampyroteuthis é engajamento contra todo tipo de sociedade. Quando o Vampyroteuthis se engaja, passa a ser anarquista.

Se procurarmos intuir a situação político-social do Vampyroteuthis, constataremos a violência acumulada, feroz e diabólica que a sustenta. Por certo: há semelhança profunda entre a situação política vampyrotêutica e a humana. Ambos estamos engajados contra a condição natural, a condição de animal, que nos determina a ambos. O homem, como o Vampyroteuthis, se engaja contra a sua fraternidade, contra as estruturas sociais geneticamente programadas, como a família, raça, clã, nação, para transformar tais estruturas em culturalmente deliberadas. E se o homem se abandona a tais estruturas impostas, e se passa a glorificá-las ideologicamente, vai traindo, tanto

quanto o Vampyrotheutis, sua dignidade de existência livre. Mas tal semelhança profunda sustenta uma diferença decisiva. No homem, os “instintos sociais”, as estruturas sociais geneticamente programadas, são relativamente fracas. Se analisarmos determinadas estruturas sociais pretensamente “naturais” (família, nação etc.), verificaremos o quanto são na realidade culturalmente determinadas. De maneira que o engajamento humano se dirige mais contra estruturas evoluídas ao longo da história, e menos contra estruturas inatas. Mas no Vampyrotheutis, as estruturas sociais geneticamente programadas são relativamente mais fortes. É ele ente que se “reconhece nos outros” mais instintivamente que o homem. De maneira que seu engajamento se dirige mais contra sua própria “natureza”, e menos contra sua cultura. Para ele, “política” é mais nitidamente “superação da animalidade” que no caso humano. Daí a violência canibal e suicida de seu engajamento. A luta política, para nós, é sobretudo luta contra as estruturas estabelecidas em prol de estruturas a serem deliberadas. Para ele, a luta política é, sobretudo, a luta de todos contra todos, e a luta de si próprio contra si próprio, que visa a destruir todas as estruturas. Revolução permanente. Guerra civil fratricida. Política, para nós, é engajamento em prol de determinada “polis”. Para ele, é engajamento contra toda forma de “polis”.

O Vampyrotheutis é mais bem programado para o comportamento social que o homem. Haja vista a sua monogamia geneticamente programada, seu cuidado pela prole geneticamente programado, sua estrutura de grupos

de gêmeos geneticamente programada. Está socialmente mais evoluído que o homem. Seu “inconsciente coletivo” é mais articulado que o humano. Reconhece-se mais espontaneamente no outro que o homem. Por isso, a dialética da liberdade se põe para ele de forma diferente. Põe-se como negação do programa social, emancipação da obrigação de reconhecer-se no outro. A liberdade se põe como negação da animalidade. O Vampyroteuthis se reconhece no outro animalmente, bestialmente. Ama bestialmente. A liberdade é ter superado tal amor bestial por reflexão deliberada. Por isso, para o Vampyroteuthis, “sociedade” é categoria natural, e sociologia é disciplina das ciências da natureza. Liberdade é poder manipular a sociedade pelo conhecimento das regras da natureza. Superar a sociedade por reflexão disciplinada. Política é técnica. Técnica contra o amor geneticamente programado. Política é a técnica para a superação da animalidade vampyrotêutica, e para a emancipação do Vampyroteuthis da sociedade.

Poderíamos concluir que o motivo do engajamento do Vampyroteuthis é o ódio ao outro. Que liberdade, para ele, é poder devorar o outro. E que é isto que distingue o comportamento social vampyrotêutico do nosso. Que, quando nós, os homens, matamos um irmão, é para construirmos uma sociedade mais justa. E que quando ele abraça o seu irmão, é para poder devorá-lo. Que quando nós, os homens, odiamos, é que queremos amar, e que quando ele ama é que quer odiar, sem que ambos consigamos atingir tal meta. Mas tal conclusão seria precipitada. É que amor e ódio não significam a mesma atitude nos dois casos.

O amor é uma atitude antinatural no homem. Quando um homem ama uma mulher, não se trata de relação biológica, de simbiose que visa à procriação, mas trata-se de relação antinatural, suicida, pela qual o homem está disposto a sacrificar-se pela mulher amada. A amizade humana não é cooperação de dois indivíduos em vista de determinada tarefa, mas prontidão de um indivíduo de permitir a outro que o altere. Se o homem ama, é que superou a condição natural, e o amor é “coisa espiritual” no caso humano. O Vampyrotheutis, pelo contrário, é ser “naturalmente amoroso”. O amor orgiástico entre os sexos, o amor pelos filhos, o amor entre gêmeos, é geneticamente programado. Se Vampyrotheutis ama, é que está recaindo para a sua condição animalésca. E o ódio e a “coisa espiritual” nele.

Por isso, na medida em que vamos descobrindo gestos odiosos no homem (concorrência, guerra, opressão do homem pelo homem e da mulher pelo homem), vamos descobrindo a animalidade não “sublimada” humana. E na medida em que vamos descobrindo gestos amorosos no Vampyrotheutis (fidelidade, amizade, cooperação, carícias), vamos descobrindo a animalidade não sublimada do Vampyrotheutis. E se constatamos no homem gestos amorosos (cristianismo, socialismo), constatamos que o homem consegue superar precariamente a sua animalidade. Pois se constatarmos gestos odiosos no Vampyrotheutis (canibalismo, suicídio, comunicação de mentiras), estamos constatando que o Vampyrotheutis, ele também, consegue superar precariamente a sua animalidade. O espírito se manifesta, no homem, por gestos amorosos, e no

Vampyroteuthis, por gestos odiosos. A cultura humana é motivada pela superação do ódio, a cultura vampyrotêuthica pela superação do amor, mas ambas visam à vitória do espírito sobre a natureza.

O que acaba de ser descrito é o inferno. No qual “espírito” passa a ser sinónimo de “pecado”. Mas isto não é o que nos horroriza. O horror em tudo isso é que o comportamento social do Vampyroteuthis não é o oposto do nosso. Pelo contrário: reconhecemos, nos motivos e nos gestos sociais vampyrotêuthicos, os nossos próprios motivos e gestos mais nobres. Ao contemplarmos o comportamento social vampyrotêuthico, reconhecemos que seus valores estão no núcleo do nosso próprio comportamento. Que o Vampyroteuthis se esconde no fundo do nosso próprio pensamento político, e que a ética humana é, em seu próprio núcleo, vampyroteutha. E se analisarmos os nossos próprios modelos, sejam políticos ou parapolíticos, acabaremos desenterrando o Vampyroteuthis. Exemplo: o modelo da sociobiologia.

Darwin concebe a evolução como luta pela sobrevivência das espécies, e pela sobrevivência do indivíduo dentro da espécie. “Dialética da liberdade”. É o modelo do Vampyroteuthis. A vida aparece como o monstro canibal e suicida que devora seus próprios tentáculos. Cada ser vivo devora outro ser vivo para ser devorado por outro ser vivo. O canibalismo é o próprio mecanismo da evolução, do “progresso”. O fratricídio é o método pelo qual o espírito vai se impondo sobre a natureza. Porque o espírito é a melhor arma em tal luta de todos contra todos. Pois tal

modelo odioso é o próprio modelo da liberdade, e produto do pensamento responsável pelo liberalismo. E o que foi dito com referência ao modelo darwiniano, vale para todo o modelo sociopolítico humano. No fundo de todos eles, habita o Vampyrotheutis, reprimido, por certo, mas efetivo.

É que o Vampyrotheutis não é o oposto do homem, mas o lado reprimido do homem. Como o homem é o lado reprimido do Vampyrotheutis. Amor e ódio não se opõem um ao outro: há o lado odioso em todo amor, o lado amoroso em todo ódio, e os dois não são separáveis. O “espírito” é o amor odioso e o ódio amoroso. No Vampyrotheutis, em sua reflexão e em seu comportamento social, articula-se o lado odioso do espírito, e articula-se mal, porque o lado amoroso não permite ser totalmente reprimido. Na reflexão e no comportamento social humano, articula-se igualmente mal o lado amoroso do espírito, porque o lado odioso não pode ser totalmente reprimido. No canibalismo e na tendência suicida vampyrotêutica, articula-se conscientemente um dos motivos de todo engajamento político humano. Este é o fascínio que o Vampyrotheutis exerce sobre nós: ele ousa articular o inferno. Mas por certo: o “inferno” por ele articulado é sua utopia. E também a nossa.

Sua arte

Ambos, homens e Vampyrotheutes, estamos engajados contra o esquecimento, essa tendência fundamental da natureza. Ambos armazenamos e transmitimos informações adquiridas. Ambos somos seres históricos. Mas

embora estejamos ambos engajados na memória, não o somos no mesmo tipo de memória, nem utilizamos os mesmos métodos para armazenar dados nela. E esta diferença é decisiva.

Os homens procuram imprimir as informações adquiridas sobre objetos. Tal informação destarte “objetivada” vai ser recolhida por outros homens que passam pelos objetos informados. Confiamos na relativa permanência do mundo objetivo, e é por isto que lhe confiamos as nossas informações adquiridas. Que os objetos informados nos sobrevivam, e que atestem, após a nossa morte, a nossa passagem pelo mundo. Destarte espera a humanidade possuir dois armazéns de informações: o das informações genéticas, o ovo, e o das informações adquiridas, o da cultura objetiva (livros, edifícios, quadros). Graças a esses dois armazéns, a humanidade se considera imortal: como espécie no ovo, como indivíduos nos objetos informados.

Tal confiança humana na permanência do mundo objetivo se apresenta sumamente irrisória do ponto de vista de quem, como o *Vampyroteuthis*, habita um ambiente líquido. De tal ponto de vista, o único armazém de informações merecedor de confiança é o ovo. A informação genética é *aereperennius*, e não apenas sobreviverá a todos os livros, edifícios e quadros, como também sobreviverá à própria espécie, embora de forma mudada. Quando todas as obras humanas tiverem sido reduzidas a pó há muito tempo, a informação genética humana continuará sendo transmitida de geração a geração, embora possivelmente por espécie evoluída da humana. De maneira que o pro-

blema do engajamento histórico é elaborar métodos que permitam armazenar os dados adquiridos na mesma memória que também armazena os dados inatos. Confiar na permanência da espécie e do seu futuro desenvolvimento, e não na permanência do mundo objetivo. Por certo: tais métodos de armazenamento e de transmissão podem recorrer a objetos. Mas tais objetos não serão armazéns, senão canais de transmissão, “media”.

Pode parecer, à primeira vista, que tal diferença de escolha de tipo de memória e de método não seja decisiva. Que se trate apenas de diferença de acento. Os homens, eles também, consideram os objetos como media, e quando manipulam objetos, procuram, eles também, transformá-los de barreiras para a comunicação em canais que transmitam informações a outros homens. E o Vampyrotheutis, ele também, tem recurso a vários tipos de objetos (cores, luzes, nuvens de sépia), os quais manipula, ele também, para que transmitam informações para outros Vamoyroteuthes. A diferença seria apenas que os homens confiam um pouco mais que o Vampyrotheutis na permanência dos objetos. Tal minimização da diferença seria, no entanto, engano. Porque o homem é ente que busca a sua imortalidade nos objetos, e é por isto que se exprime neles. E o Vampyrotheutis é ente que busca a sua imortalidade no outro, e é por isso que se exprime dentro do outro por meio de objetos. Trata-se de dois gestos articuladores diferentes. De duas manifestações do espírito diferentes. De dois tipos de publicação diferentes, de duas atitudes públicas

diferentes. De duas maneiras diferentes de externar intimidades, de publicar o privado, de exhibir o inibido. De duas atitudes opostas em relação ao inefável. Em suma: trata-se, com efeito, de duas artes diferentes.

Quando o homem procura exprimir determinada vivência, quando procura tornar audível o inaudito e visível o invisível, o faz em função de determinado objeto. Na articulação humana, vivência e objeto são indissolúveis um do outro. Tudo que o homem vivência é vivenciado “para” um determinado objeto: para o mármore, para determinada língua falada ou escrita, para sons musicais, para a fita de celulose. E todo objeto que o homem encontra no seu caminho rumo à morte contém implicitamente as categorias que permitem articular determinadas vivências: determinado sentimento, pensamento, valor, desejo. Não é que o homem passe primeiro por uma vivência qualquer, e depois procure por um objeto apropriado para nele exprimi-la. O homem vivência, desde já, em função de determinado objeto. Vivência como escultor de mármore, como orador ou escritor português, como músico, como produtor de filmes. Os objetos, sejam eles “materiais” ou “imateriais”, sejam eles pedras e ossos ou números e letras, modelam toda vivência humana.

Pois todo objeto é pérfido: resiste à tentativa humana de informá-lo. E todo objeto é pérfido à sua maneira. A pedra quebra quando martelada, o osso racha quando cinzelado, os números impõem suas próprias regras ao pensamento neles expresso, a escrita linear transforma o sentimento por ela articulado. Informar objetos é ter que lutar contra

a perfídia específica de todo objeto. E tal luta vai revelando a estrutura da resistência objetiva: a estrutura do algodão que cede, do vidro que racha, do cimento armado que seca, da escala tonal que se tempera, da sintaxe de língua que se flexiona. Pois tal descoberta da estrutura implícita em todo objeto é, ela também, vivência que vai sendo adquirida pelo homem. E vivência tão violenta, que vai provocando não apenas conhecimentos e técnicas apropriados ao objeto, mas também modificações do próprio homem. Importa, pois, armazenar e transmitir tais vivências adquiridas, e isto pelo método da expressão no próprio objeto. Surge destarte feedback entre homem e objeto, no curso do qual o homem vai informando o objeto, e vai sorvendo vivências nele que vai novamente utilizar para informar o objeto. Tal feedback é a essência da arte humana.

A resistência do objeto provoca o homem. Como se fosse voz que clama do objeto, e o chama a informá-lo. Tal é a vocação humana. Há homens cuja vocação é informar pedras, e outros cuja vocação é informar letras. Quem não encontrar o objeto de sua vocação, viverá frustrado. A vocação, tal feedback homem-objeto, é tão rica em vivências, é aventura tão apaixonante, que faz com que o homem se esqueça do seu propósito original, que era o de informar o objeto a fim de que a informação continue disponível para outros homens. O objeto mesmo vai absorvendo seu interesse. Na medida em que a pedra vai se transformando em estátua, a escrita em texto, o homem vai se transformando em escultor e escritor, e vai se esquecendo que é homem para outros homens. O homem, com todos os

seus sentimentos, pensamentos, valores e desejos vai se realizando na pedra e na letra, toda a sua ação é paixão vai se concentrando sobre o objeto. Exemplo de tal objetivação do interesse existencial é a poesia. A língua é aparentemente médium para a comunicação intersubjetiva, e no entanto o poeta se realiza durante a luta contra as regras e as estruturas profundas da língua. Não mais fala através da língua, mas contra ela. Objetiva sua intersubjetividade. Sua vocação é informar a língua.

A arte humana não é, pois, como o fazem crer os burgueses bem-pensantes, fabricação de objetos ditos “belos”. Arte humana é o gesto pelo qual o homem imprime sua vivência sobre o objeto de sua vocação, a fim de realizar-se nele, imortalizar-se nele. Todo objeto destarte informado é “obra de arte”, seja ele equação matemática, instituição política, ou sinfonia. Por certo: a equação matemática transmite, sobretudo, informação epistemológica, a instituição política sobretudo informação ética, e a sinfonia sobretudo informação estética, mas tal rotulamento de “obras” em científicas, políticas e artísticas é enganoso. Porque toda vivência humana a ser expressa em objeto implica todos estes três parâmetros informativos. Toda vivência implica conhecimento, valor e sensação, e os implica simultaneamente. Dividir os objetos informados, a “cultura”, segundo os três rótulos, é ignorar que o homem é ente que, por vocação exprime vivências adquiridas sobre objetos. Ente que, por vocação, “trabalha”. E que toda obra humana é “arte”: resposta à provocação emitida por determinado objeto.

O Vampyrotheutis não é provocado por objetos. O seu interesse existencial não é desviado pelos objetos: dirige-se sempre rumo ao outro. A sua atividade criadora, pela qual vai ele armazenando vivências adquiridas, transpassa os objetos e se dirige rumo ao outro. Os seus tentáculos não são freados pela nuvem de sépia, como o são os dedos humanos pela pedra, os seus chromophorios não são encerrados pelas regras da coloração da pele, como o é o falar humano pelas regras da língua. Tentáculos e chromophorios transpassam o objeto. Não “fazem”, “perfazem”. Sua criação não é “feita”, mas “perfeita”. Por isso, o Vampyrotheutis, ao criar, não vivência a perfídia do objeto, mas a perfídia do outro. Quando ele articula o inefável, não luta contra a perfídia da matéria, mas contra a perfídia do receptor da mensagem. Não são os objetos que ele quer violentar ao impor-lhes informação nova, é o outro que deve ser violentado para ser informado. Para, o Vampyrotheutis a memória do outro é o que para nós são pedra e língua. O Vampyrotheutis é escultor e escritor contra o outro. Martela e compõe o outro. A vocação do Vampyrotheutis é o outro. É durante a violação do outro que o Vampyrotheutis vai se realizando. E por tal luta contra o outro que ele vai adquirindo vivências novas. É tal luta que o fascina, que absorve o seu interesse. Tal feedback entre emissor e receptor, tal diálogo, é a essência da arte do Vampyrotheutis.

Em tal criação artística, podemos distinguir entre várias fases. (1) O Vampyrotheutis passa por uma vivência determinada. (2) Procura por modelo na sua memória

para captá-la. (3) Verifica a ausência de tal modelo: a vivência é inaudita. (4) Tal vivência arrebatadora transpassa o seu organismo, é triada pelo cérebro, e transmitida aos chromophorios. (5) Os chromophorios transcodam a vivência para o código da “pintura da pele”. (6) Tal coloração jamais vista da pele provoca a curiosidade de outro Vampyroteuthis. (7) O emissor usa a coloração nova para seduzir o receptor e copular com ele. O resultado de tal processo criativo é que doravante há um modelo para captar a vivência inaudita, e que tal modelo está doravante guardado na memória do copulado. A informação adquirida foi destarte incorporada ao diálogo vampyrotêutico, e o foi para sempre. Porque o diálogo vampyrotêutico é eterno, tão eterno quanto o é a informação genética guardada no ovo.

Um processo criador comparável como este ocorre quando o Vampyroteuthis não recorre aos chromophorios, mas à nuvem de sépia para destarte transmitir informação adquirida. Seria erro pensar que em tal processo se estabelece feedback entre nuvem e tentáculos, como o feedback entre o mármore e os dedos. E isto não por ser a nuvem plástica e efêmera, e o mármore duro e permanente. Mas por ser a nuvem secreção do próprio Vampyroteuthis, e o mármore objeto estranho ao homem. A nuvem não fascina o Vampyroteuthis, como o mármore fascina o homem, porque a nuvem não é estranha. O Vampyroteuthis é fascinado ao modelar a nuvem, tanto quanto é fascinado o homem ao modelar o mármore, mas o Vampyroteuthis é fascinado pelo efeito que a nuvem modela-

da vai ter sobre outro Vampyrotheutis. Seu fascínio não é objetivo, mas intersubjetivo.

Eis o que acontece na modelação da nuvem. O Vampyrotheutis passa por uma vivência determinada, por uma aventura. Sua informação genética o programa para secretar sépia em tal situação perigosas. A mesma informação genética o programa para modelar a nuvem de modo que o perigo se dirija contra tal nuvem, e não sobre ele. O Vampyrotheutis é geneticamente programado para fazer com que a intenção do inimigo seja desviada. Mas o Vampyrotheutis reflete: ao contrário dos octopoda menos desenvolvidos, controla e reprograma o seu programa genético em função de decisões deliberadas. A vivência pela qual Vampyrotheutis acabou de passar deve ser expressa na nuvem, não mais para desviar a intenção de um agressor hipotético, mas para ser armazenada na memória de outro Vampyrotheutis. Não deve ela espantar um agressor hipotético, mas deve espantar outro Vampyrotheutis, a fim de obrigá-lo a armazená-la. Deve épaterles bourgeois, para que eles se lembrem do acontecido. O propósito da modelação da nuvem é desviar a atenção dos demais Vampyrotheutes da sua intenção e em direção da informação nova. Que os outros Vampyrotheutes se precipitem sobre a nuvem, que a devorem pensando que estão devorando o emissor da mensagem. Destarte a nova informação será incorporada no diálogo vampyrotêuthico para sempre. Pelo método do engano deliberado, do artifício, da mentira. 'Arte'.

O processo criativo, no Vampyrotheutis é o método pelo qual modelos novos de sensação, de conhecimento

e de valor são articulados e transmitidos aos outros, que são violentados por sedução ou por mentiras, para armazená-los. A arte vampyrotêuthica é uma série de artifícios, graças aos quais a sociedade vampyrotêuthica é violentada para admitir determinados modelos, transmitidos pelo intermédio de objetos efêmeros e desprezados. Por isso, não há, para o Vampyroteuthis, “arte pura”, nem “ciência pura”, tampouco “politologia pura”. O Vampyroteuthis é sempre “artista total”, isto é, ente que procura alcançar a imortalidade pela modelação epistemológica, estética e ética do outro. Busca ele sua imortalidade pela violência exercida sobre o outro. Para ele, ciência e política não passam de estratégias de arte. Não passam de arapucas. A meta é informar o outro, alterá-lo, impor-lhe informação determinada, conhecimento, comportamento, sensações determinados. Que são conhecimento, comportamento e sensações deliberados pelo emissor da mensagem. A arte vampyrotêuthica é total e totalitarista, porque sua matéria prima não são objetos, mas a sociedade. O Vampyroteuthis é o artista que martela a sociedade para imortalizar-se nela. O motivo da criatividade vampyrotêuthica, da sua busca por imortalidade, é o ódio do outro. Por isso, “arte” é sinónimo de “engano”.

Por certo: o processo criativo vampyrotêuthico é radicalmente diferente do humano: é gesto diferente e tem propósito diferente. No entanto, sua consideração provoca duas reações opostas. De um lado, a nossa própria arte vai revelar, nos seus aspectos anti-vampyrotêuthicos, caráter pouco lisonjeiro. De outro lado, vamos descobrir uma

tendência nítida em nossa própria arte de aproximar-se da arte do Vampyrotheutis. Podemos resumir tal reação da seguinte forma: na medida em que a arte humana diverge de vampyrotêutica, é ela empresa confusa e indisciplinada, e na medida em que a arte humana vai adquirindo autoconsciência e disciplina, vai convergir com a arte do Vampyrotheutis.

Os homens, ao contrário dos Vampyrotheutes, possuem “pureza”: arte pura, ciência pura, técnica social pura. Mas do ponto de vista do Vampyrotheutis, tal pureza vai se revelar sujeita: o artista é puro quando seu interesse existencial estagnar no caminho rumo ao outro no pântano de algum objeto sujo (em pedra, em som, em sintaxe de língua). O cientista é puro quando seu interesse estagnar no pântano de outro objeto sujo (em fenômeno, em equação, em teoria). E o técnico social é puro quando seu interesse existencial conseguir transformar o outro, rumo ao qual se dirige, em objeto (da economia, da sociologia, da politologia), e isto é o mais sujo de todos os objetos. De maneira que “pureza” é consequência do desvio de interesse, perversão de interesse. O gesto artístico puro se revela no gesto de embaraço, como quando uma galinha vai colher grãos quando não sabe se deve fugir ou atacar o inimigo. A arte humana é pura, porque se esqueceu do seu propósito, que é o de transmitir informações adquiridas rumo a outros, a fim de que estes as armazenem.

Mas os homens começam a se tornar conscientes desse seu esquecimento. Começam a se dar conta de que a história da arte é uma história de mal-entendidos. Co-

meçam a fazer “teoria da comunicação”, a conscientizar e disciplinar o gesto da arte. A consequência disto é a revolução das comunicações ora em curso, revolução esta que vai reformular o fazer humano todo. No fundo, tal revolução consiste no desvio do interesse existencial, estagnado nos objetos, de volta para o outro. As nossas estruturas comunicacionais vão se transformando fundamentalmente, no sentido de constituírem media efêmeros e transpassáveis, que permitem informar o outro sem ter que passar por objeto. E como se a humanidade, depois de uma volta multimilenar pelo mundo dos objetos, estivesse agora reencontrando o caminho do Vampyroteuthis. Tal vampyroteuthização da nossa arte merece ser considerada um pouco mais de perto.

Antes da revolução industrial, todo homem criativo era artesão, fosse ele ferreiro, sapateiro, pintor ou poeta. A distinção pós-industrial entre artesão e artista era nonsense: todos esses criadores imprimiam informação sobre objeto, seja ferro, couro, tela ou letra. O objeto guardava a informação expressa nele, era “obra”, e a informação guardada era o “valor” da obra. De maneira que os três conceitos: informação, valor e obra eram inseparáveis. Juntos, constituíam “cultura”. A revolução industrial destruiu tal conceito de “cultura”. Inventou método de produção que permite imprimir informações sobre ferramenta que a imprime sobre objetos. Não mais o ferreiro ou o sapateiro, mas a ferramenta informa ferro e couro, e o homem criador é o ferramenteiro. E a ferramenta que armazena a informação, é a ferramenta que tem o valor,

e o objeto apenas transmite a informação da ferramenta. Deixa de ser obra, e seu valor passa a ser de mais em mais baixo. O objeto e o valor vão se separando, e o conceito da “obra”, portanto do trabalho, vai se diluindo. O exemplo mais esclarecedor de tal ruptura do conceito “cultura” é fornecido pela imprensa, invenção precursora da revolução industrial toda. É na máquina impressora, e não no livro impresso, que a informação é armazenada, e o valor está no manuscrito, não no livro lido, que passa a ter valor desprezível. O escritor passa a ser ferramenteiro. A sociedade não se deu conta, na ocasião, do impacto da revolução industrial sobre o processo criador, porque a arte, no sentido restrito, moderno do termo, continuou artesanal, intocada pelos novos métodos de produção, já que estava relegada aos guetos chamados ⁴ exposições e museus”.

A segunda revolução industrial que se inicia atualmente constitui uma nova reformulação dos métodos de produção: informações não mais são armazenadas em ferramentas, mas em programas cibernéticos de aparelhos produtores de ferramentas. Doravante é o programador (o analista e compositor de sistemas) e não mais o ferramenteiro quem informa. O aparelho vai imprimir a informação automaticamente sobre ferramentas, as quais, por sua vez, vão imprimi-la automaticamente sobre incontáveis objetos. Surge uma maré montante de gadgets cada vez mais baratos que são desprezíveis por serem estereótipos banais, efêmeros, e portadores de informação diluída: “a cultura das massas”. Cultura das canetas plásticas, das casas pré-fabricadas, das opiniões políticas estereoti-

padas. Cultura programada. Cultura sem valor porque produzida automaticamente por aparelhos. O valor e a informação são doravante armazenados nas memórias artificiais dos aparelhos. Pois tal maré inflatória de objetos desvalorizados leva ao desinteresse pelos objetos. Tais objetos não mais fascinam. Não interessa mais possuir tais objetos. São objetos de mero consumo. Isto é: são utilizados até que se gaste a informação impressa sobre eles, para depois serem jogados na lata de lixo. O interesse da sociedade vai se desviando dos objetos para a informação, a qual, no entanto, é inacessível aos consumidores. Está guardada na memória dos aparelhos. E é transmitida, diluída, não apenas pelos gadgets, mas, sobretudo, pelos canais efêmeros da comunicação de massa. De maneira que a sociedade do futuro imediato será a sociedade de consumo da informação, mais desinteressada no consumo de “bens”, de objetos. O interesse vai se desviando da economia para a sociologia. Sociedade intersubjetiva: sociedade de Vampyroteuthes.

O homem era, até recentemente, ente que trabalha. Trabalhar é imprimir informação sobre objetos. “Transformar o mundo objetivo”. Doravante serão os aparelhos que farão isto. Os homens deixarão de ser trabalhadores, e passarão a ser programadores e receptores de mensagens. A “moral de produção” desaparecerá simultaneamente com a “moral da propriedade”. Surgirá uma nova moral, a da elaboração e do consumo de mensagens. A existência humana não mais se realizará na luta contra objetos, mas na luta pela preservação e transmissão de in-

formações adquiridas. Os homens deixarão de ser “operários”, e passarão a ser “funcionários de sistemas”. Artistas totais funcionando em um totalitarismo programado. Vampyrotheutis.

O exemplo mais esclarecedor de tal nova ruptura do conceito “cultura” é fornecido pela fotografia, invenção precursora da segunda revolução ora em curso. A fotografia individual é objeto desprezível, de valor quase nulo, um estereotipo efêmero e facilmente restituível. O valor está na informação impressa sobre a fotografia, que está guardada no protótipo, o “negativo”. E tal protótipo foi produzido automaticamente pelo aparelho fotográfico, segundo determinado programa contido no aparelho. O fotógrafo não trabalha, mas funciona dentro do programa do aparelho e reprograma o aparelho. O propósito do fotógrafo não é produzir fotografias, mas o de transmitir informações por meio da fotografia. O que fascina o fotógrafo não é o papel fotográfico, o objeto, mas a informação a ser transmitida. O papel fotográfico é para o fotógrafo o que a pele é para o Vampyrotheutis: suporte de mensagens coloridas.

Será, pois, a visão da arte vampyrotêuthica necessariamente a visão do nosso próprio futuro imediato? Será a sociedade do futuro necessariamente sociedade do ódio, da mentira, da violentação do outro por sedução e pelo engodo? Há razões para dizer que tal futuro é provável, mas não inevitável. A diferença entre a arte do Vampyrotheutis e a arte humana futura é esta: embora venhamos a desprezar o mundo dos objetos tanto quanto ele o des-

preza, embora tal mundo passe a ser para nós mero conjunto de canais efêmeros de comunicação como o é para ele, emergimos, ao contrário dele, de uma luta contra os objetos que levou dezenas de milhares de anos. Tal luta e as experiências adquiridas durante ela estão guardadas em nossa memória, mas não na sua. Pois travamos tal luta em cooperação com todos os homens contra os objetos, e pudemos sair vencedores apenas graças a tal cooperação de todos. Ainda guardamos na memória que inicialmente, no paleolítico, todos os homens eram constantemente ameaçados pelo mundo dos objetos, e portanto obrigados a se unirem contra tal mundo. De maneira que para nós, os homens, o outro não é apenas o adversário a ser violentado para ser informado, mas também o aliado que informa junto conosco. Por certo: tal lembrança da aliança primordial vai caindo no esquecimento sob o impacto da cultura de massa. Mas continua presente, e pode evitar que nos transformemos em herdeiros e transmissores de informação programada.

Podemos observar no *Vampyroteuthis* que a programação das informações pode dispensar aparelhos. O próprio organismo pode passar a funcionar como aparelho. O funcionamento aparelhístico pode ser “integrado”. O comportamento aparelhístico pode “superar os aparelhos”. Pode surgir o totalitarismo de aparelhos integrados, portanto invisíveis e imperceptíveis, como a massa gelatinosa do *Vampyroteuthis*. A contemplação da arte vampyrotêutica evita pois que glorifiquemos a arte total, o artificial, o artifício, a artimanha. Que evitemos todo

romantismo. Porque o *Vampyrotheutis* ilustra a essência do romantismo: o inferno.

5. A emergência do *Vampyrotheuthis*

Três exemplares de *Vampyrotheuthis infernalis* foram pescados ultimamente no mar da China. Isso não basta. São necessárias explorações ulteriores das profundidades. Das profundidades oceânicas, e igualmente das que se escondem na nossa interioridade. Tais abismos escondem, sem dúvida, segredos mais espantosos que os descobertos no cosmos. Sem dúvida: tais explorações vão sendo empreendidas constantemente, e são equipadas de instrumentário cada vez mais refinado. Mas o que é preciso fazer é coordenação das expedições exploradoras. No presente estágio do nosso conhecimento a respeito das profundidades, começa a surgir a suspeita de que todas as expedições, venham elas de não importa que direção (da oceanografia, da genética, da neurofisiologia, da psicologia, da física nuclear ou da astronomia), tendem a convergir no fundo que pesquisam. Começa a surgir a suspeita

de que os pontos de partida das expedições são escolhidos segundo critérios “superficiais” que não se aplicam na profundidade. Que lá em baixo todas as nossas categorias da superfície se confundem. De maneira que toda expedição, venha ela de não importa que “especialização”, vai ultimamente esbarrar contra o Vampyrotheutis.

No entanto, tais expedições se veem embaraçadas por curiosa dificuldade. O mundo no qual vivemos tem a simetria de espelhos contrapostos. Tudo em tal mundo se reflete. Tal simetria é consequência do estar-no-mundo humano. O homem se reflete no mundo, e o mundo, no homem, e este vai-vem de contraposições refletidas é a própria realidade humana. Pois isso implica não apenas que os abismos “externos” são reflexões dos abismos “internos” e vice-versa, mas implica igualmente que os abismos refletem o explorador e o explorador os abismos. De maneira que não apenas todas as expedições, venham elas de não importa onde, vão ultimamente esbarrar contra o Vampyrotheutis, mas igualmente vão esbarrar contra si próprias. Vão encontrar o Vampyrotheutis, e vão encontrar-se no Vampyrotheutis. E que ele habita todas as nossas profundidades, e nós o habitamos. E este encontro de si próprio no outro extremo do mundo é o derradeiro propósito de todas as explorações humanas. Porque, “no fundo”, o único tema do homem é o homem.

Todas as explorações vão acabar encontrando-se mutuamente, e encontrando-se a si próprias, mas dizer isto é banalidade remanescente da alquimia. O que é menos banal é que tal derradeiro encontro não se dá em algum

“núcleo do real”, em alguma “quintessência”, mas através de espelhos. Que a viagem até o fundo não é viagem “até as mães”, mas é viagem de Alice ao país das maravilhas, viagem através do espelho. Isto é menos banal, por ser uma descoberta relativamente recente. A diferença entre a viagem alquimista e a das explorações atuais é que a primeira busca a pedra da sabedoria, e a outra os limites do humanamente possível.

Pois em todas as direções, e através de todos os espelhos, vamos esbarrar contra o Vampyroteuthis. Não importa em que fundo avancemos (no da teologia, da cibernética, da análise lógica ou da psicossociologia, para citar exemplos mais óbvios), acabaremos fazendo face ao seu olhar odioso e ao seu abraço sugador e esmagador, por menos que o tenhamos pretendido. É prova do nosso “avanço” teórico e técnico que ultimamente tais encontros venham se multiplicando: é que estamos progredindo. Os exemplos acima citados o provam.

Ultimamente, o Vampyroteuthis vem emergindo. Em três exemplares no mar da China. Sob a forma da “morte de Deus” dos textos da teologia. Sob a forma do pensamento programado da cibernética. Sob forma do cálculo proposicional da análise lógica. Sob forma do romantismo assassino do tipo “nazismo” da psicossociologia. E isto para ficar apenas nos exemplos “ad hoc” escolhidos. E em todos estes abismos (e em outros), sua emergência inesperada tem efeito de bomba. Quando o Vampyroteuthis emerge, explode. Porque o Vampyroteuthis vive sob pressão, já que foi “recalcado” até o fundo, e quando sobe,

a pressão relaxa e destrói a passagem. De maneira que o perigo parece não ser o próprio Vampyrotheutis, mas a pressão sobre ele exercida. Isto é a razão porque se tem acreditado longamente, e sobretudo durante o iluminismo, que bastaria descomprimir o Vampyrotheutis para torná-lo inócuo e “civilizado”. O que se deve fazer, segundo tal opinião, é fazê-lo subir pouco a pouco, com todos os cuidados técnicos disponíveis, para habituá-lo pouco a pouco às condições atmosféricas reinantes na esfera da luz diurna. Esperava-se que tal educação do Vampyrotheutis (“educação” no significado exato e etimológico do termo) o humanizaria. Infelizmente, a atualidade e o passado recente fornecem provas insofismáveis de que tal esperança é falha. Que todos os esforços do iluminismo e dos seus sucessores naufragaram. Que o Vampyrotheutis não é educável e humanizável. Que, malgrado toda tolerância, é intolerável.

A razão disto é que não é verdade, como o pensavam os educadores, que o Vampyrotheutis seja mantido sob pressão humana. A realidade é mais complexa. A mesma pressão que relega o Vampyrotheutis até o fundo, sustenta o homem e faz com que boie. Relaxada a pressão, o Vampyrotheutis emerge e o homem afunda. Humanizar o Vampyrotheutis implica vampyrotheutizar o homem. “Salvar” o Vampyrotheutis implica “perder” o homem. Porque não é apenas verdade que o Vampyrotheutis habita as profundidades humanas, mas igualmente verdade é que o homem habita as profundidades de o Vampyrotheutis. Se os teólogos elevam o inferno até o céu, é que

estão infernalizando o céu. Se os cibernéticos deliberam a programação, é que estão programando a deliberação. Se os lógicos formalizam o pensamento, é que passam a pensar formas. Se os nazistas libertam a voz do sangue, é que estão sufocando em sangue a liberdade. O Vampyroteuthis não pode ser elevado até a clara luz do dia: já que, ao aparecer, surge com ele a paixão resplandecente da noite.

Não pode, pois, haver síntese “homem-Vampyroteuthis”. O encontro dos dois por mais cuidadosamente que tenha sido preparado, não resulta no ser platônico em forma de esfera, munido de oito extremidades e de dois rostos, o qual é a restauração de unidade original perdida. Todo encontro dos dois resulta em híbrido, no qual é libertado o Vampyroteuthis no homem, e o homem no Vampyroteuthis. É a tal espetáculo monstruoso que assistimos, toda vez que o Vampyroteuthis emerge.

Devemos pois desconfiar dos educadores iluminados. E mais ainda dos que desprezam superficialidades e almejam o que é profundo. Porque o que tais espíritos profundos desprezam é a humanidade humana, e o que almejam é a vampyroteuthidade humana. E o que visam “salvar” não é o Vampyroteuthis no homem, mas o homem no Vampyroteuthis. Não visam, como o fazem os educadores, a assumir o mal para transformá-lo em bem, mas a reconhecer ao mal o direito de sê-lo. Não pretendem elevar inferno até o céu, mas romantizar o inferno, para poder desculpar-se, se o habitam.

Toda expedição exploradora do Vampyroteuthis se vê pois ameaçada de dois perigos opostos. Pela Cila cias-

sicista, que projeta paternalisticamente e “benevolente-mente” a clara luz do dia sobre o obscurantismo subdesenvolvido do Vampyrotheutis, e pela Caribde romântica que se projeta nostalgicamente nos braços do Vampyrotheutis para ser sugada por ele. O que toda expedição deve pois empreender é um feito acrobático de equilíbrio entre a insistência no intelecto e a entrega à emotividade. Tal feito de acrobacia é possível, se o expedicionário explorador conseguir engajar-se em prol da existência humana em sua totalidade, com seu lado “superficial” de intelecto crítico e desperto, e seu lado “profundo” de emotividade onírica e vertiginosa. Tal engajamento pode permitir que, uma vez encontrado o Vampyrotheutis, este seja reconhecido não apenas como núcleo do lado emotivo no homem, mas igualmente como sustentáculo do lado intelectual do homem. Tal tipo de expedição pode conseguir fazer com que o Vampyrotheutis emergja sem que exploda, e que o homem possa assumi-lo sem ser achatado por ele.

Infelizmente são as expedições ora em curso de dois tipos apenas: do tipo científico (lado da Cila) e do tipo “confessional” (lado Caribde). O equilíbrio necessário seria o de expedições científicas que assumam a carga dos sonhos, dos desejos e dos receios que caracterizam a existência humana. Mas o espírito científico moderno se despoja precisamente desse tipo de carga: quer-se despreconcebido e objetivo. Por isso, o Vampyrotheutis que tais expedições científicas pescarão na profundidade do mar da China ou na do próprio pescador não será o nosso antípoda vivo e palpitante, mas um cadáver de espécime

cuidadosamente preparado pelos métodos mais avançados da pesquisa. O Vampyroteuthis do qual nos informa a biologia oceânica, a psicologia das profundidades ou a psicologia social não pode comover-nos nem enriquecer-nos, porque o espírito que o pescou se fechou a ele, antes de tê-lo pescado. O que nos contam tais relatos são contos que mais revelam a rede de pesca que o fenômeno pescado. São contos antifabulosos.

E preciso contar fábulas nas quais o Vampyroteuthis possa agir a fim de poder alterar-nos. Mas tais fábulas não podem ser meras teias secretadas por pesadelos e sonhos. Devem recorrer às redes das ciências, que são os únicos órgãos dos quais dispomos atualmente para orientarmo-nos nas profundezas. Não é que tais fábulas devam ser “ficções científicas”, isto é: científicas a serviço de pesadelos e sonhos. Devem ser “ciências fictícias”, isto é: superações da objetividade científica a serviço de um conhecimento concretamente humano. Quando se trata de pescar Vampyroteuthis, é preciso que se pense de maneira fabulosa, mas que a fabulação seja informada pelas ciências que matam o Vampyroteuthis e preparam seu cadáver para poder sectioná-lo e pesquisá-lo.

A presente fábula é mais ou menos informada pela biologia. A razão pela qual a fábula recorreu à biologia (malgrado a pouca cultura biológica do fabulador) é dupla. A primeira é que o Vampyroteuthis no fundo do mar é uma espécie biológica, e que o homem é, ele próprio, animal nas profundezas onde o Vampyroteuthis o habita. A segunda razão da escolha da biologia é que esta, no pre-

sente estágio do seu desenvolvimento, nos proporciona visão do real, que é a visão do Vampyrotheutis.

Eis como a biologia atual tende a ver a realidade. Eis a “fábula” contada pela biologia: era uma vez uma “célula original” que continha, como virtualidade, todas as formas possíveis de vida sobre a Terra. Tais virtualidades vêm se realizando por lances descontínuos, e pelo método do acaso cego, como em jogo de dados. Durante tal jogo, as várias espécies de seres vivos vão se distanciando umas das outras, e cada qual representa as virtualidades irrealizadas por todas as demais. Cada ser vivo é como um monstro amputado de todas as suas virtualidades, salvo as que o caracterizam. Tais monstros se “entredevoram”, e a evolução vai se desenvolvendo graças a tal fratricídio generalizado. Durante tal processo sangrento, todos os indivíduos, espécies, classes e filós morrem. Até que a vida na Terra desapareça novamente, seja por catástrofe, seja porque a tendência geral da natureza rumo à desorganização vai ser restabelecida. Visão vampyrotêuthica, infernal, esta.

Tal é o “modelo” da vida proposto pela biologia, e com tal modelo ela se prepara a iniciar nova “revolução industrial”, a da biotécnica e do géniegénétique, que vai substituir as máquinas inanimadas por máquinas e aparelhos animados. Pois tal modelo não é senão o esqueleto do ser-no-mundo do Vampyrotheutis. A presente fábula se esforçou de recheiar tal esqueleto com a carne do sofrimento humano, os sucos dos desejos humanos e os nervos da sensibilidade e da inteligência humanas. E é graças a tal modelo biológico recheado que a presente

fábula espera poder exorcizar o Vampyrotheuthis, e fazê-lo emergir vivo.

Assim vai ele surgindo das páginas desta fábula, para fitar-nos com seu olhar odioso. E assim o autor viu emergir seu parente no aquário de Banyuls: seu olhar odioso seguia os movimentos do observador fascinado. Sua pele cor de borracha virava de cinzento em azul e roxo, sobretudo em torno dos olhos. Seus órgãos de sucção ao longo dos braços se abriam e fechavam como válvulas, e seu jato na proximidade de seus alicates sugava e expelia água. De resto, o bicho não se movia: estava à espreita. Mas notava-se nele uma violência reprimida, como se mobilizasse toda sua força bestial para não quebrar o vidro e lançar-se sobre o observador, a fim de esmagá-lo. O observador fascinado fica, ele também, paralisado. Não apenas por terror, mas igualmente por embaraço. O terror é justificado, porque sabemos o que aconteceria se o vidro do aquário cedesse: o nazismo nos ensinou isto. Mas igualmente justificado é o embaraço. As modificações da pele do bicho são prova de quão desesperadamente ele procura se comunicar conosco. Não sabemos como comportar-nos sem cometermos impropriedades. Não podemos bater com o cachimbo contra o vidro para convidá-lo a fazer gestos idiotas, como se ele fosse um chimpanzé ou um bebê no berço. Nem podemos estender-lhe a mão em gesto de paz que encerre a guerra de vida e morte que travamos há incontáveis milhões de anos. Nem ainda podemos dar-lhe as costas num gesto de asco, gesto este que preferiríamos, dada a

nossa condição de burgueses bem pensantes que somos. O guarda do aquário, vendo o embaraço, toma a atitude de especialista: “Não se preocupe, isto aqui não passa de um molusco”. E se perguntamos: “Por que o senhor deu para ele pneu para brincar, como se fosse um chimpanzé, não um molusco?”, o guarda engole uma exclamação de surpresa, diz coisa incompreensível, e afirma ser hora de fechar o aquário, conforme regulamento do sindicato ao qual pertence.

Assim vai emergindo o Vampyrotheutis: sob a forma de parentes mais ou menos próximos nos aquários da Europa e dos Estados Unidos. Sob a forma de três cadáveres no mar da China. Sob a forma de serpentes devoradoras de navios nos mitos da humanidade. Sob a forma de ornamentação nos vasos fenícios e gregos. Sob a forma de ideologias sangrentas nos programas políticos da dita “direita”. Sob a forma de anseio de orgasmo permanente, de revolução permanente, nos programas políticos da dita “esquerda”. Vai surgindo sob as formas mais inesperadas nas análises psicológicas, nas lógicas e nas teológicas, e nas futurologias de todo tipo. Em todos esses lugares, o Vampyrotheutis vai surgindo como nosso próprio espelho. Como antípoda nosso, no qual todos os nossos aspectos são invertidos. Pois contemplar tal espelho, a fim de reconhecer-se nele, e a fim de poder alterar-se graças a tal reconhecimento, é o propósito de toda fábula, inclusive desta.

Vampyroteuthis infernalis
em imagens

INSTITUT SCIENTIFIQUE DE RECHERCHE PARANATURALISTE

12 Octobre 1987

Le Pr. Louis Bec
Zoosystémicien
président de l'ISRP

à

Monsieur Andreas Müller-Pohle
Docteur Volker Rapsch
Immatrix Publications

objet: Vampyroteuthis infernalis
A2./10. Ref. 1801.

Messieurs,

Nous sommes en mesure de vous communiquer les premiers résultats des travaux menés par une équipe de zoosystémiciens et teuthologues de l'ISRP sous la direction du Pr. L. Bec sur le Vampyroteuthis infernalis g.

Ces études ont pu se développer grâce au travail initial et irremplaçable du Pr. V. Flusser. Certaines observations et analyses sont encore en cours dans le laboratoire et l'instrumentologie de l'ISRP.

Les conclusions certifiées par ces travaux de vérification vous parviendront dans les plus brefs délais, car nous sommes convaincus avec vous de leur importance zoologique, épistémologique et esthétique.

Veuillez agréer Messieurs l'expression de notre considération distinguée et de notre entier dévouement.

Le président

Louis Bec

INSTITUTO CIENTÍFICO DE PESQUISA
PARANATURALISTA*

12 de outubro de 1987

Prof. Louis Bec
Zoosistemizador
Presidente do ISRP

ao

Senhor Andreas Miiller-Pohle
Doutor Volker Rapsch
Publicações Immatrix

objeto: *Vampyrotheuthis infernalis*
A2./10. Ref. 1801.

Senhores,

Nós estamos em condições de vos comunicar os primeiros resultados dos trabalhos conduzidos por uma equipe de zoosistemizadores e teutólogos do ISRP sob a direção do Prof. L. Bec sobre o *Vampyrotheuthis infernalis*g.

Estes estudos puderam se desenvolver graças ao trabalho inicial e insubstituível do Prof V. Flusser. Certas observações e análises estão ainda em curso no laboratório e na instrumentologia do ISRP.

As conclusões certificadas por estes trabalhos de verificação estarão à vossa disposição dentro do mais breve período, pois juntamente convosco nós estamos convencidos da sua importância zoológica, epistemológica e estética.

Queirais aceitar, Senhores, a expressão da nossa distinta consideração e da nossa completa devoção.

O presidente

[Louis Bec] *

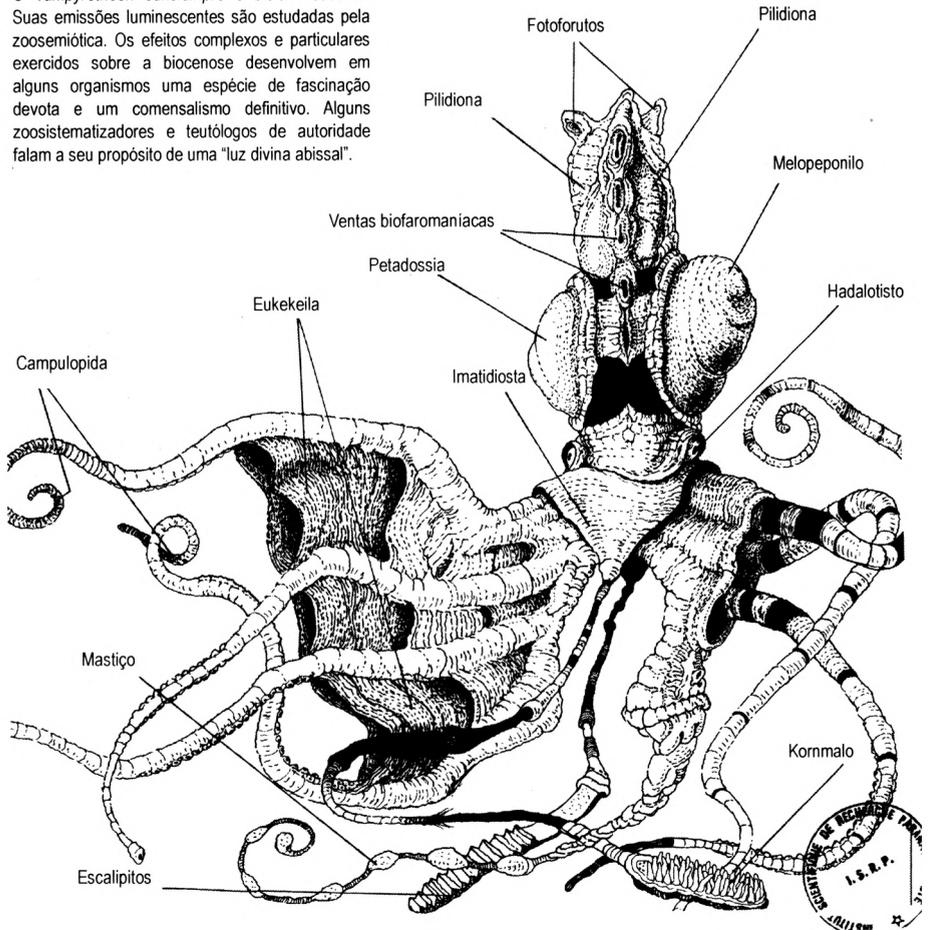
* Louis Bec (1936) é biólogo e artista. Ficou conhecido por seus projetos que contemplam a extensão da evolução biológica atual simulando novas formas da vida. Em consequência, estuda novas formas da comunicação zoomórfica entre as espécies artificiais e naturais. Em 1972, fundou o Instituto de pesquisa paranaturalista, com o objetivo de estudar a vida artificial. Entre outras atividades, colaborou com o Centro Nacional Científico Francês (CNRS) e com as universidades de Estrasburgo de Grenoble. Trabalhou como coordenador de arte e tecnologia do Ministério da Cultura da França e como especialista em novas tecnologias do Conselho Europeu.

INSTITUTO CIENTÍFICO DE PESQUISA PARANATURALISTA	
V	upokrinomenos
	MONOGRAFIA
	1
TAXONOMIA	ÁREAS HIPOCRÍSICAS
PRODÓTICA	Upokrimenologia
ZOOTÓPIA	Hadal
TAXIOPSE	Morfoprofasismo
ESPÉCIE	Vampyrotheone E.
DATA: 12/3/96	Zoosistemizador: L. Bec

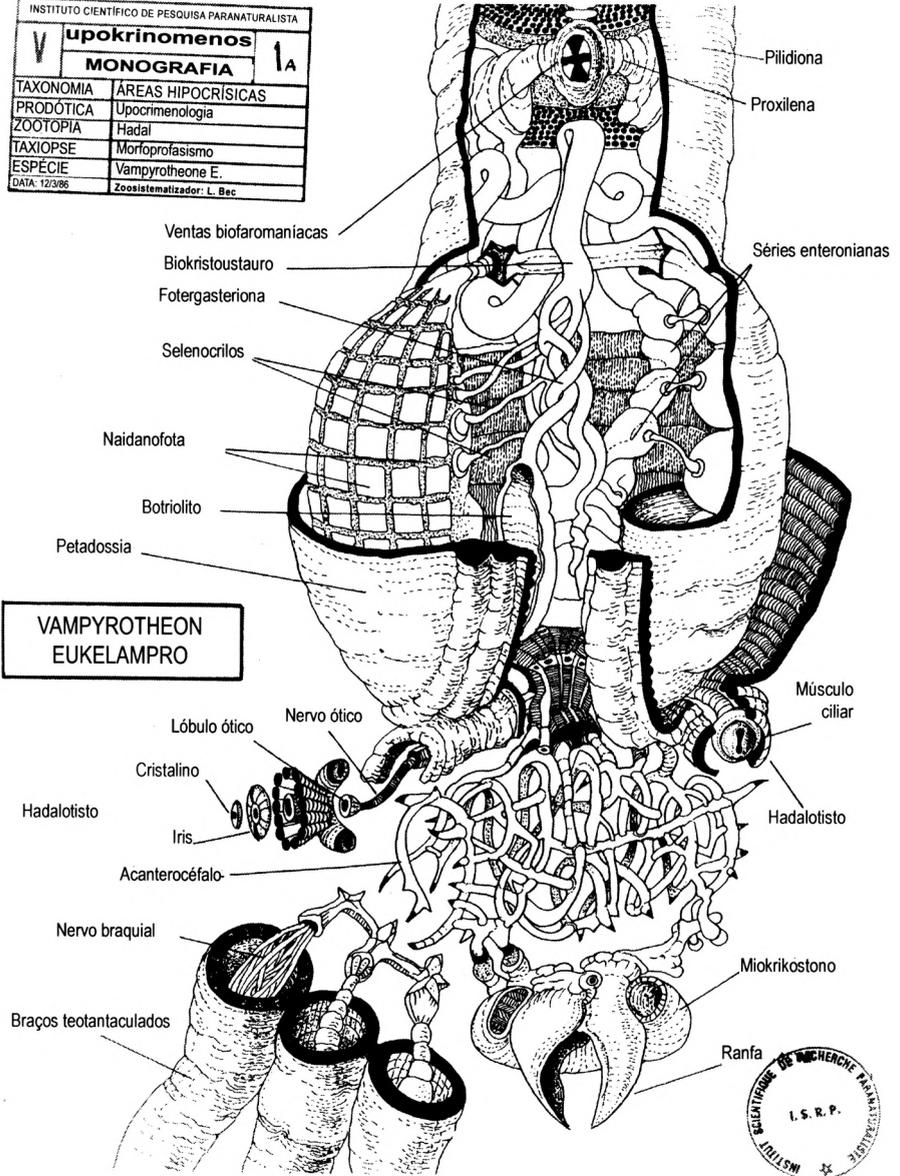
VAMPYROTHEON EUKELAMPRO

O *Vampyrotheon eukelampro* pertence à ordem dos Vampyromorpha. Ele evoluiu em um meio Hadal. Submetido a fortes pressões ele é barófilo. Sua atitude comportamental é upokrimenológica e se caracteriza por um mimetismo biomoteológico tanto no plano morfológico, fisiológico e metabólico, quanto no etológico.

O *Vampyrotheon eukelampro* é bioluminescente. Suas emissões luminescentes são estudadas pela zoosemiótica. Os efeitos complexos e particulares exercidos sobre a biocenose desenvolvem em alguns organismos uma espécie de fascinação devota e um comensalismo definitivo. Alguns zoosistemizadores e teutólogos de autoridade falam a seu propósito de uma "luz divina abissal".



INSTITUTO CIENTÍFICO DE PESQUISA PARANATURALISTA	
V	upokrinomenos 1A
MONOGRAFIA	
TAXONOMIA	ÁREAS HIPOCRÍSICAS
PRODÓTICA	Upocrimenologia
ZOOTÓPIA	Hadal
TAXIOPSE	Morfoprofasismo
ESPÉCIE	Vampyrotheone E.
DATA: 12/3/88	Zoosistemizador: L. Bec



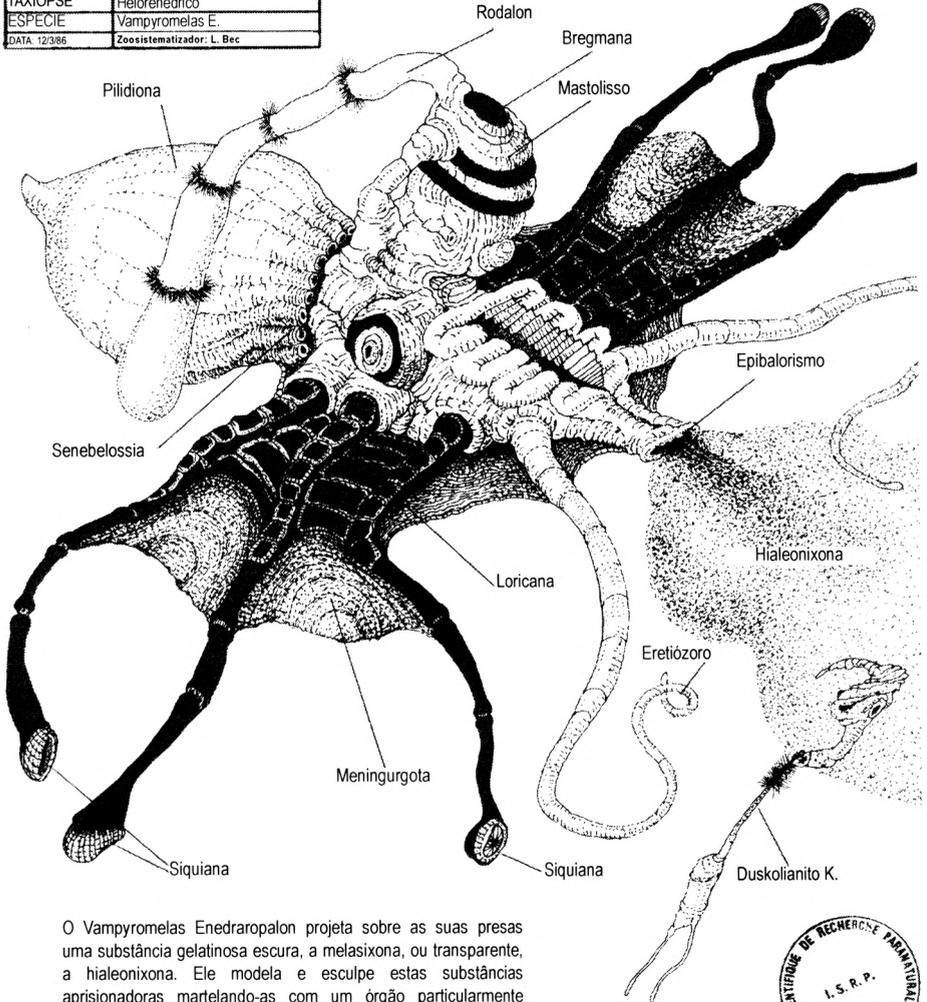
VAMPYROTHEON
EUKELAMPRO



INSTITUTO CIENTIFICO DE PESQUISA PARANATURALISTA		
V.	upokrinomenos	2
	MONOGRAFIA	
TAXONOMIA	ÁREAS HIPOCRÍSICAS	
PRODÓTICA	Upocrimenologia	
ZOOTOPIA	Hadal	
TAXIOPSE	Helorenédrico	
ESPECIE	Vampyromelas E.	
DATA: 12/386	Zoosistemizador: L. Bec	

VAMPYROMELAS ENEDRAROPALON

O *Vampyromelas enedraropalon* pertence à ordem dos Vampyromorpha. Suas atividades upocrimenológicas são helorenédricas.



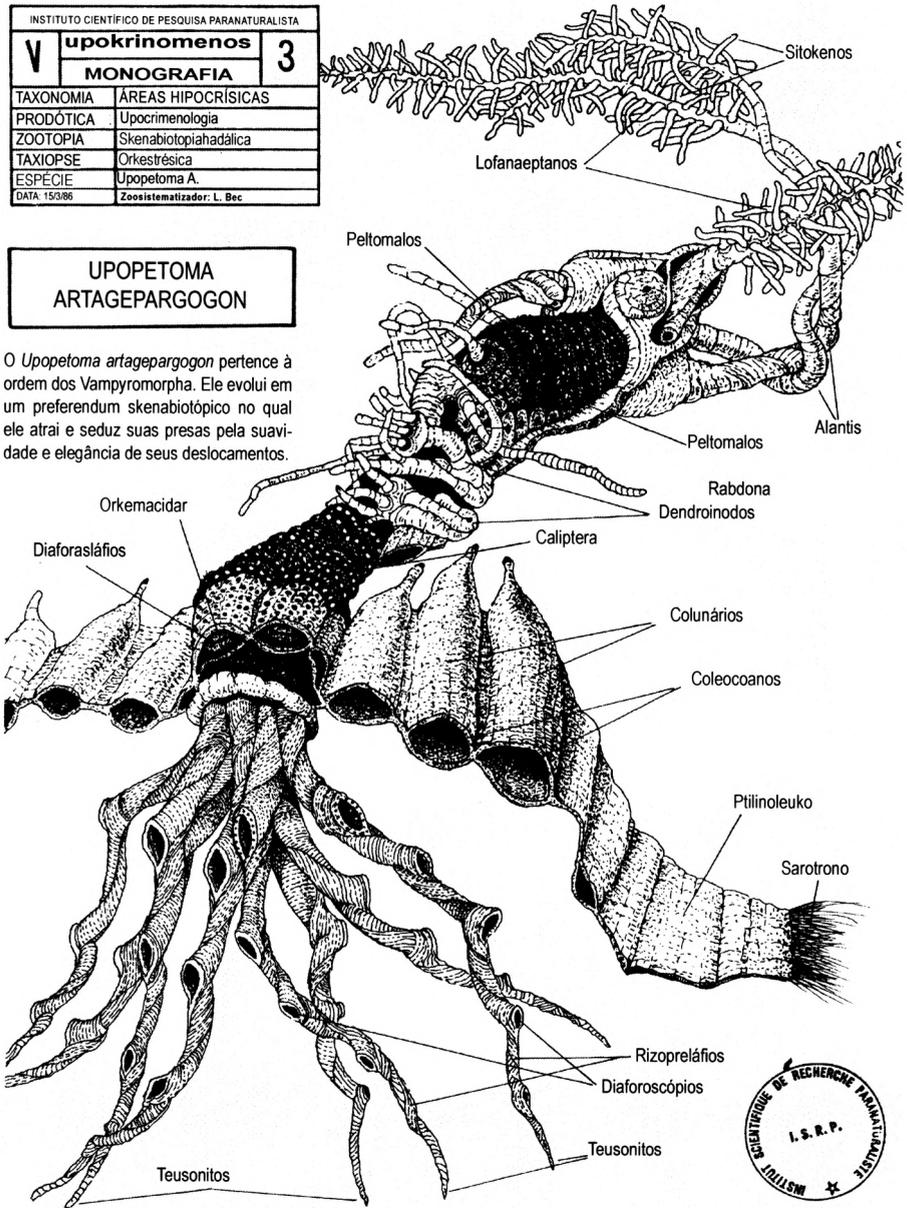
O *Vampyromelas Enedraropalon* projeta sobre as suas presas uma substância gelatinosa escura, a melasixona, ou transparente, a hialeonixona. Ele modela e esculpe estas substâncias aprisionadoras martelando-as com um órgão particularmente adaptado, o rodalon.



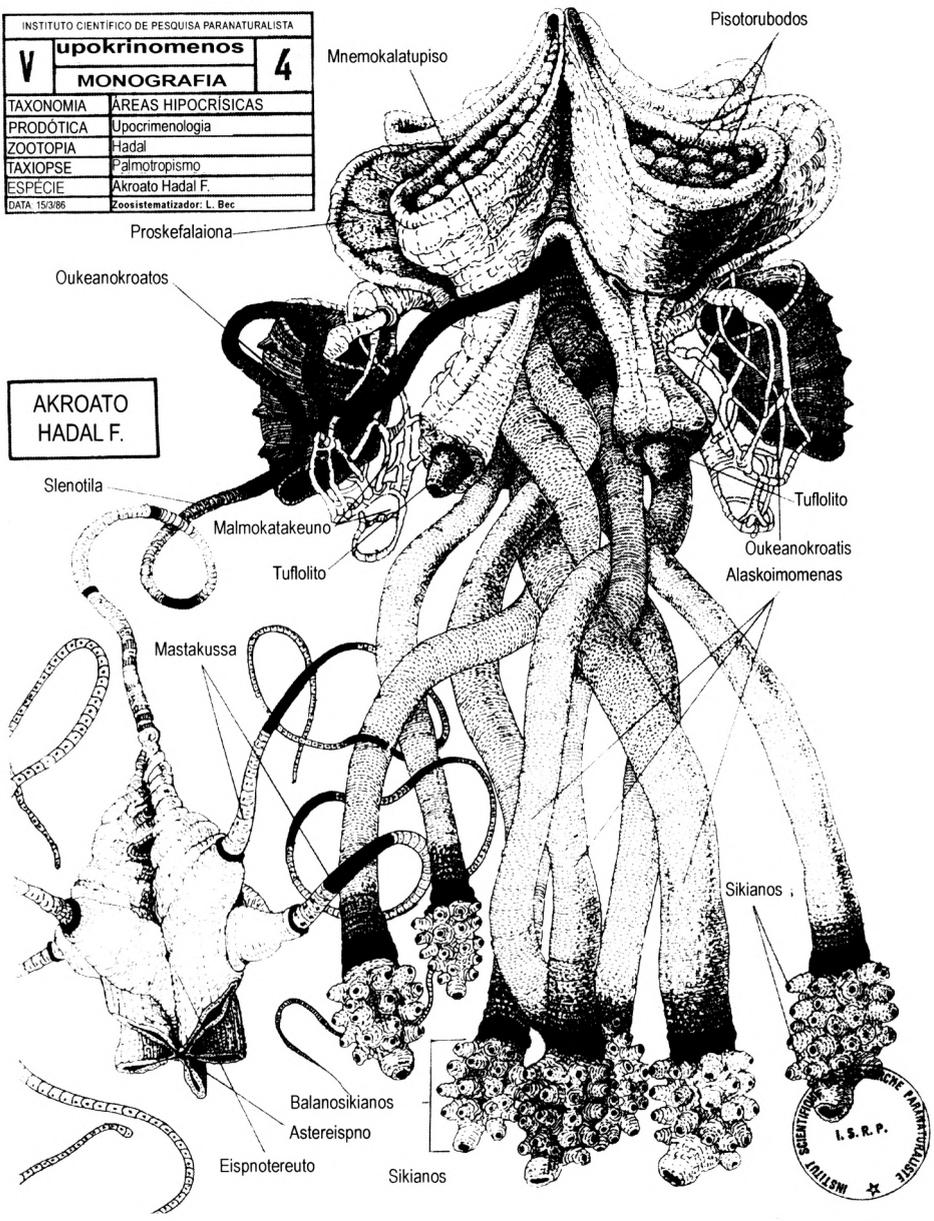
INSTITUTO CIENTÍFICO DE PESQUISA PARAMUNICIPALISTA	
V	upokrinomenos
	MONOGRAFIA
	3
TAXONOMIA	ÁREAS HIPOCRÍSICAS
PRODÓTICA	Upocrimenologia
ZOOTÓPIA	Skenabiopiahadállica
TAXIOPSE	Orkestresica
ESPECIE	Upopetoma A.
DATA: 15/3/86	Zoosistemizador: L. Bec

**UPOPETOMA
ARTAGEPARGOGON**

O *Upopetoma artagepargogon* pertence à ordem dos Vampyromorpha. Ele evoluiu em um preferendum skenabiótico no qual ele atrai e seduz suas presas pela suavidade e elegância de seus deslocamentos.

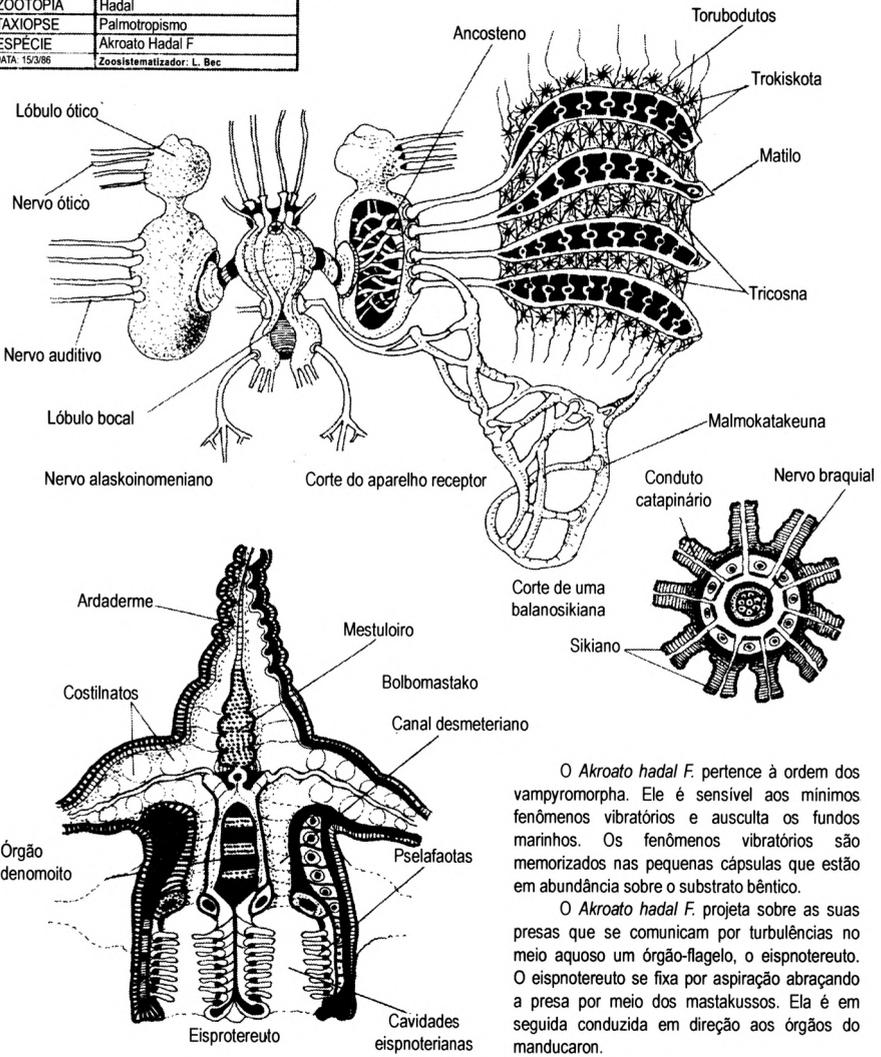


INSTITUTO CIENTÍFICO DE PESQUISA PARANATURALISTA	
V	upokrinomenos
	MONOGRAFIA
	4
TAXONOMIA	ÁREAS HIPOCRÍSICAS
PRODÓTICA	Upocrimenologia
ZOOTOPIA	Hadal
TAXIOPSE	Palmotropismo
ESPECIE	Akroato Hadal F.
DATA: 15/3/96	Zoosistemizador: L. Bec



INSTITUTO CIENTIFICO DE PESQUISA PARANATURALISTA		
V	upokrinomenos	4 _A
MONOGRAFIA		
TAXONOMIA	ÁREAS HIPOCRÍSICAS	
PRODÓTICA	Upocrimenologia	
ZOOTÓPIA	Hadal	
TAXIÓPSE	Palmitropismo	
ESPÉCIE	Akroato Hadal F	
DATA: 15/3/86	Zoosistemizador: L. Bec	

AKROATO HADAL F.



O *Akroato hadal F.* pertence à ordem dos vampyromorpha. Ele é sensível aos mínimos fenômenos vibratórios e ausculta os fundos marinhos. Os fenômenos vibratórios são memorizados nas pequenas cápsulas que estão em abundância sobre o substrato bêntico.

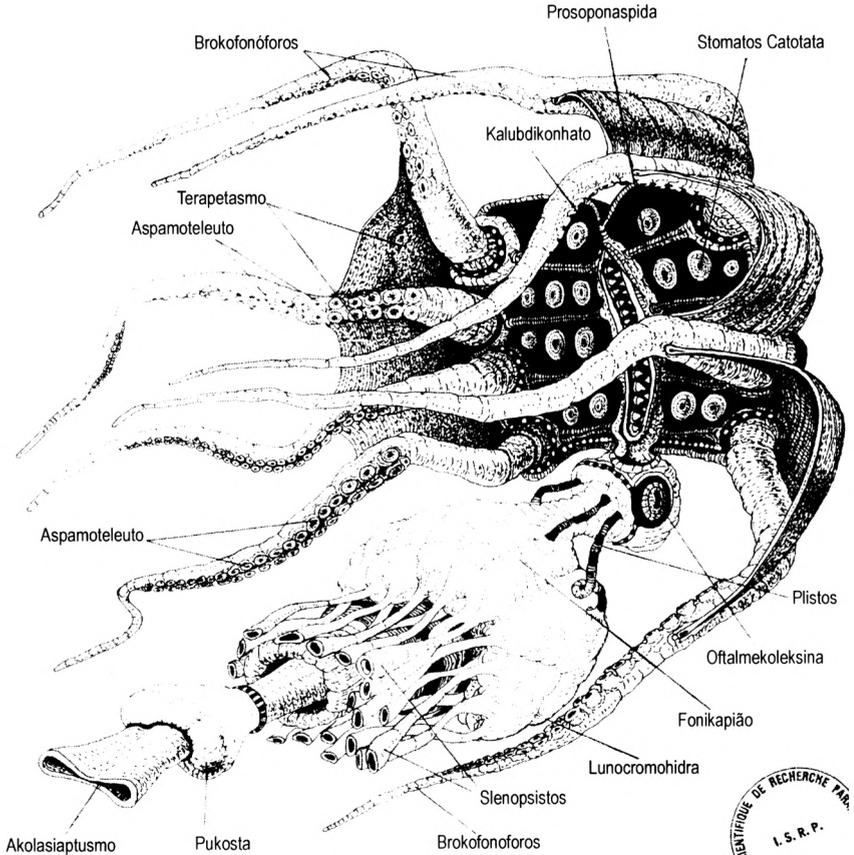
O *Akroato hadal F.* projeta sobre as suas presas que se comunicam por turbulências no meio aquoso um órgão-flagelo, o eisprotereuto. O eisprotereuto se fixa por aspiração abraçando a presa por meio dos mastakussos. Ela é em seguida conduzida em direção aos órgãos do manducaron.

INSTITUTO CIENTÍFICO DE PESQUISA PARANATURALISTA		
V	upokrinomenos	5
	MONOGRAFIA	
TAXONOMIA	ÁREAS HIPOCRÍSICAS	
PRODÓTICA	Upocrimenologia	
ZOOTÓPIA	Hadal	
TAXIOPSE	Enedrismo	
ESPÉCIE	Lumanter Fusagrion	
DATA: 20/386	Zoosistemizador: L. Bec	

LUMANTER PHUSAGRION

O *Lumanter fusagrion* pertence à ordem dos Vampyromorpha. Dissimulado em uma substância que ele emite, a cromohidra, o *Lumanter fusagrion* se estabelece sobre as suas presas com violência graças a um órgão propulsor, o fonikapião.

Sua atitude comportamental se manifesta pela destruição sistemática sem necessidade nutritiva de todas as formas vivas que atravessam o seu espaço biomoideológico.

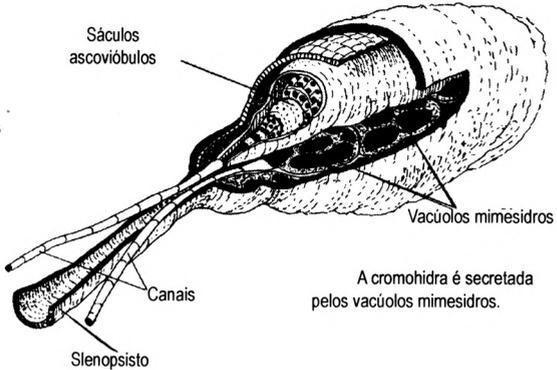
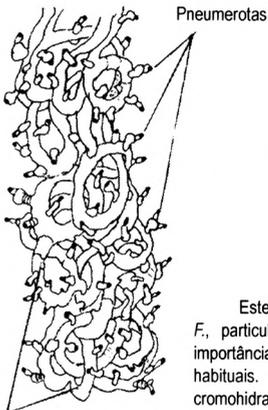


INSTITUTO CIENTÍFICO DE PESQUISA PARANATURALISTA		
V	upokrinomenos	5 _A
	MONOGRAFIA	
TAXONOMIA	ÁREAS HIPOCRÍSICAS	
PRODÓTICA	Upocrimenologia	
ZOOTÓPIA	Hadal	
TAXIOPSE	Morfoprofasismo	
ESPECIE	Lumanter Fusagrion	
DATA: 12/3/86	Zoosistemizador: L. Bec	

LUMANTER FUSAGRION

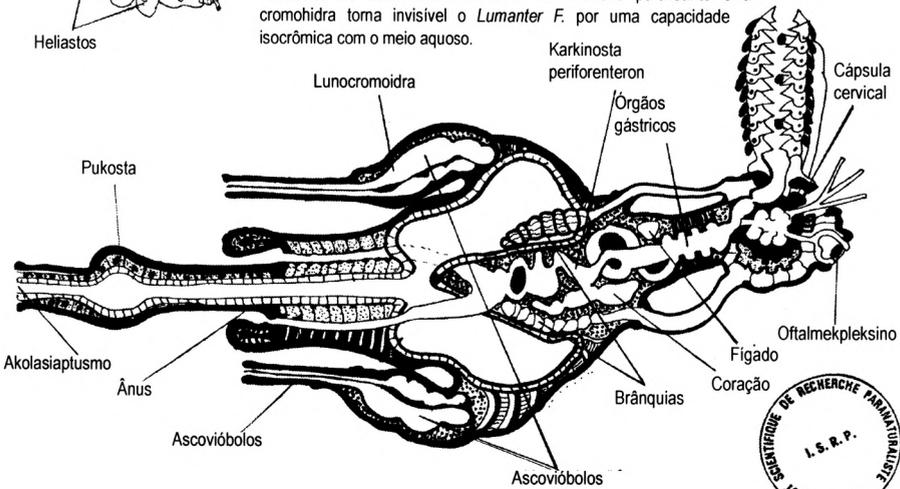
Corte de um lunocromohidro mostrando os sáculos ascovióbolicos onde se elabora o veneno antes de sua emissão pelos canais do slenopsusto.

Esquema mostrando a estrutura helidrusquica do sistema branquial.



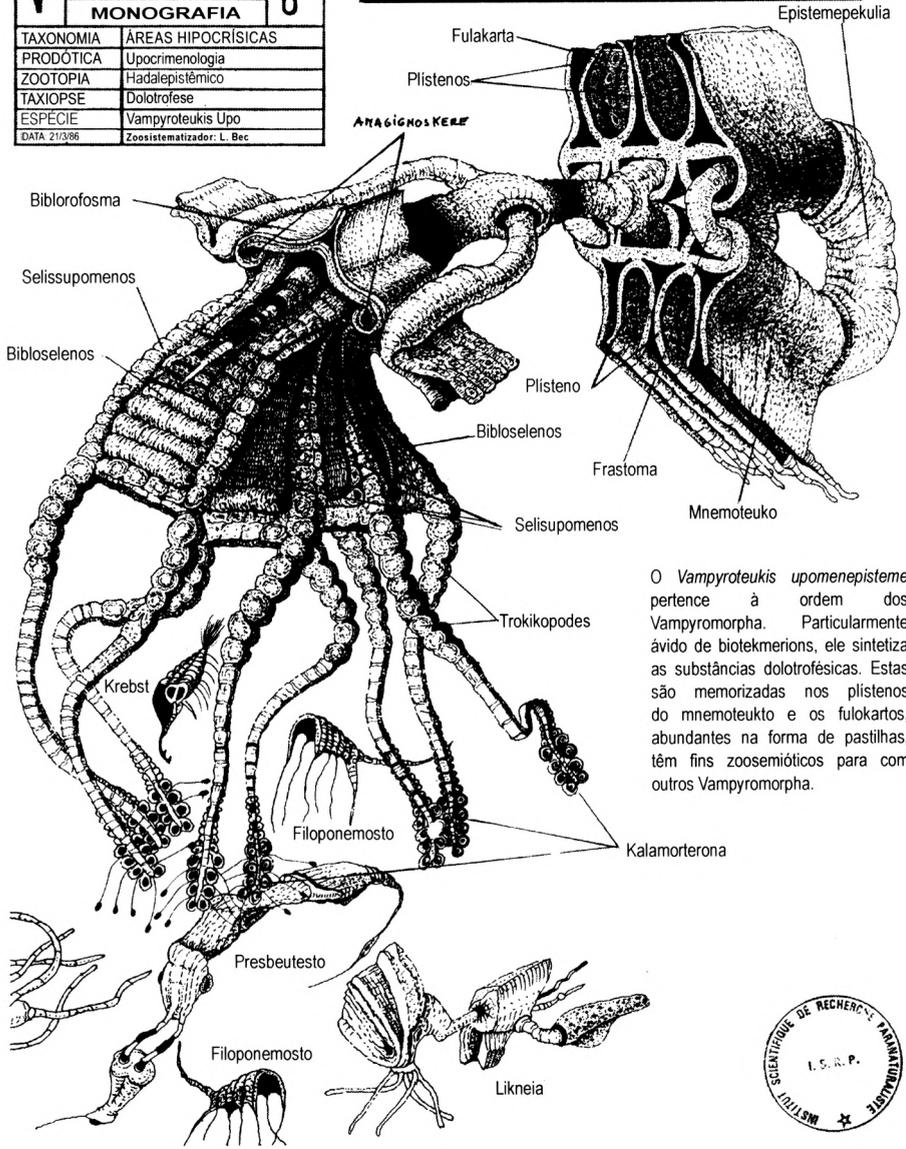
A cromohidra é secretada pelos vacúolos mimesidros.

Este corte do Fonikapion mostra a fisiologia completa do *Lumanter F.*, particularmente adaptada a uma ambulobiomologia propulsora pela importância dos prosbaloristos comparativamente às funções fisiológicas habituais. Os ascovióbolicos secretam um veneno paralisante e a cromohidra torna invisível o *Lumanter F.* por uma capacidade isocrômica com o meio aquoso.



INSTITUTO CIENTIFICO DE PESQUISA PARANATURALISTA	
V	upokrinomenos
	MONOGRAFIA
	6
TAXONOMIA	ÁREAS HIPOCRÍSICAS
PRODÓTICA	Upocrimenologia
ZOOTÓPIA	Hadalepistémico
TAXIÓPSE	Dolotrofe
ESPECIE	Vampyroteukis Upo
DATA 21/3/86	Zoosistemizador: L. Bec.

VAMPYROTEUKIS UPOMENEPISTEME



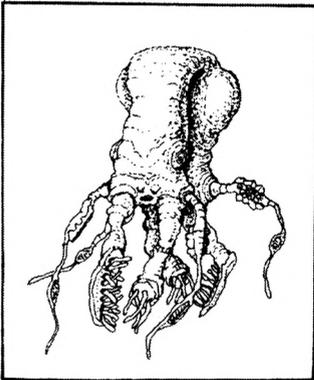
O *Vampyroteukis upomenepesteme* pertence à ordem dos Vampyromorpha. Particularmente ávido de biotekmerions, ele sintetiza as substâncias dolotrofésicas. Estas são memorizadas nos plistenos do mnemoteuko e os fulokartos, abundantes na forma de pastilhas, têm fins zoosemióticos para com outros Vampyromorpha.



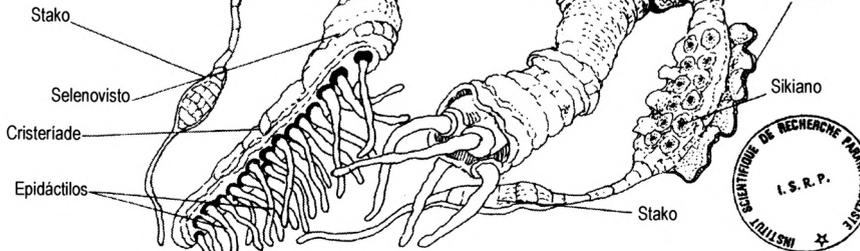
INSTITUTO CIENTÍFICO DE PESQUISA PARANATURALISTA		
V	upokrinomenos	7
	MONOGRAFIA	
TAXONOMIA	ÁREAS HIPOCRÍSICAS	
PRODÓTICA	Upocrimenologia	
ZOOTOPIA	Hadal	
TAXIOPSE	Morfoprofasismo	
ESPÉCIE	Vampyroptus Poikilon	
DATA: 20/3/86	Zoosistemizador: L. Bec	

VAMPYROPTUSO POIKILON

O *Vampyroptus poikilon* pertence à ordem dos vampyromorpha. Ele é morfofásico. Ele possui uma variabilidade de transformação ao se dobrar, se desdobrar,

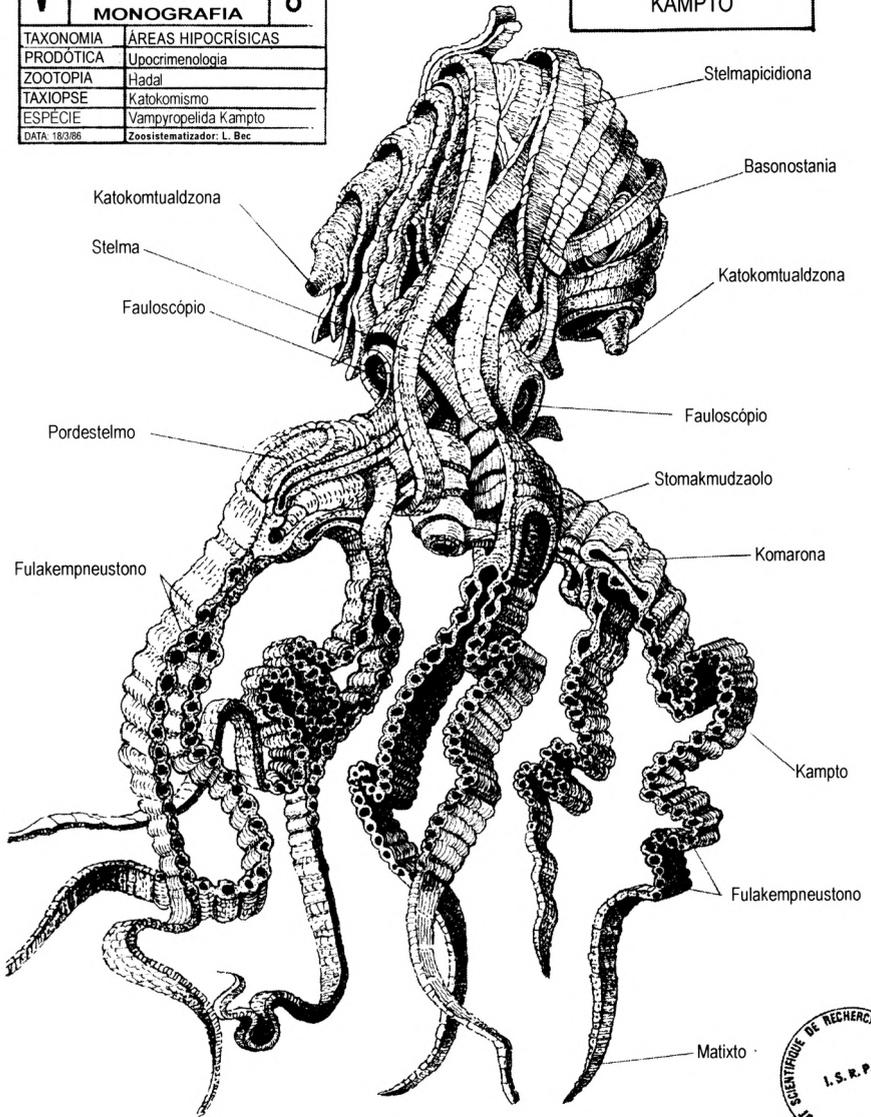


retrair. Estas diversas aparências permitem desnaturalizar os sinais de permanência, de identificação zoológica. Uma zoosemiótica morfológica está em estudo.

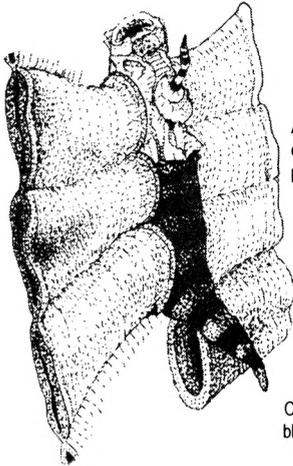
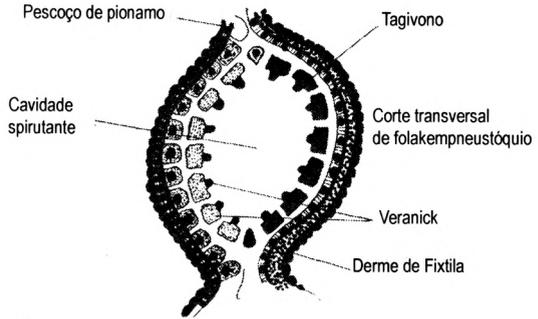


INSTITUTO CIENTÍFICO DE PESQUISA PARANATURALISTA		
V	upokrinomenos	8
MONOGRAFIA		
TAXONOMIA	ÁREAS HIPOCRÍSICAS	
PRODÓTICA	Upocrimenologia	
ZOOTOPIA	Hadal	
TAXIOPSE	Katokomismo	
ESPECIE	Vampyropelida Kampto	
DATA: 18/386	Zoosistemizador: L. Bec	

VAMPYROPELIDA
KAMPTO



INSTITUTO CIENTIFICO DE PESQUISA PARANATURALISTA	
V	upokrinosenos
	MONOGRAFIA
	8 _A
TAXONOMIA	ÁREAS HIPOCRISICAS
PRODÓTICA	Upocrimenologia
ZOOTOPIA	Hadal
TAXIOPSE	Katokomismo
ESPECIE	Vampyropelide K.
DATA: 19/08/86	Zoosistemattizador: L. Bac



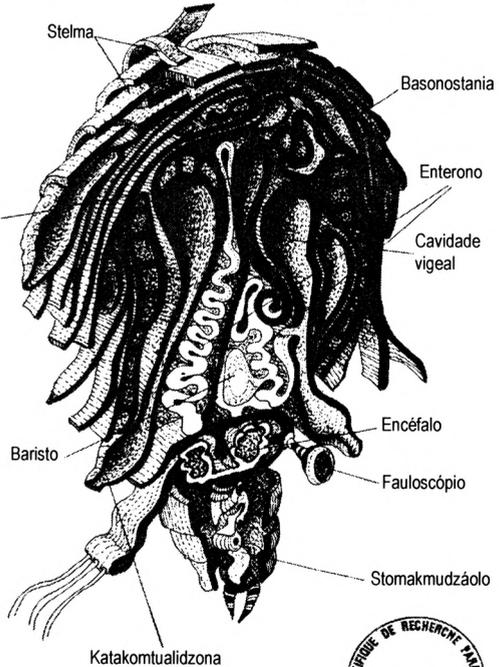
Aprisionamento e captura de uma presa pelos fulakempneustonos

Corte ou stelmapilidiono

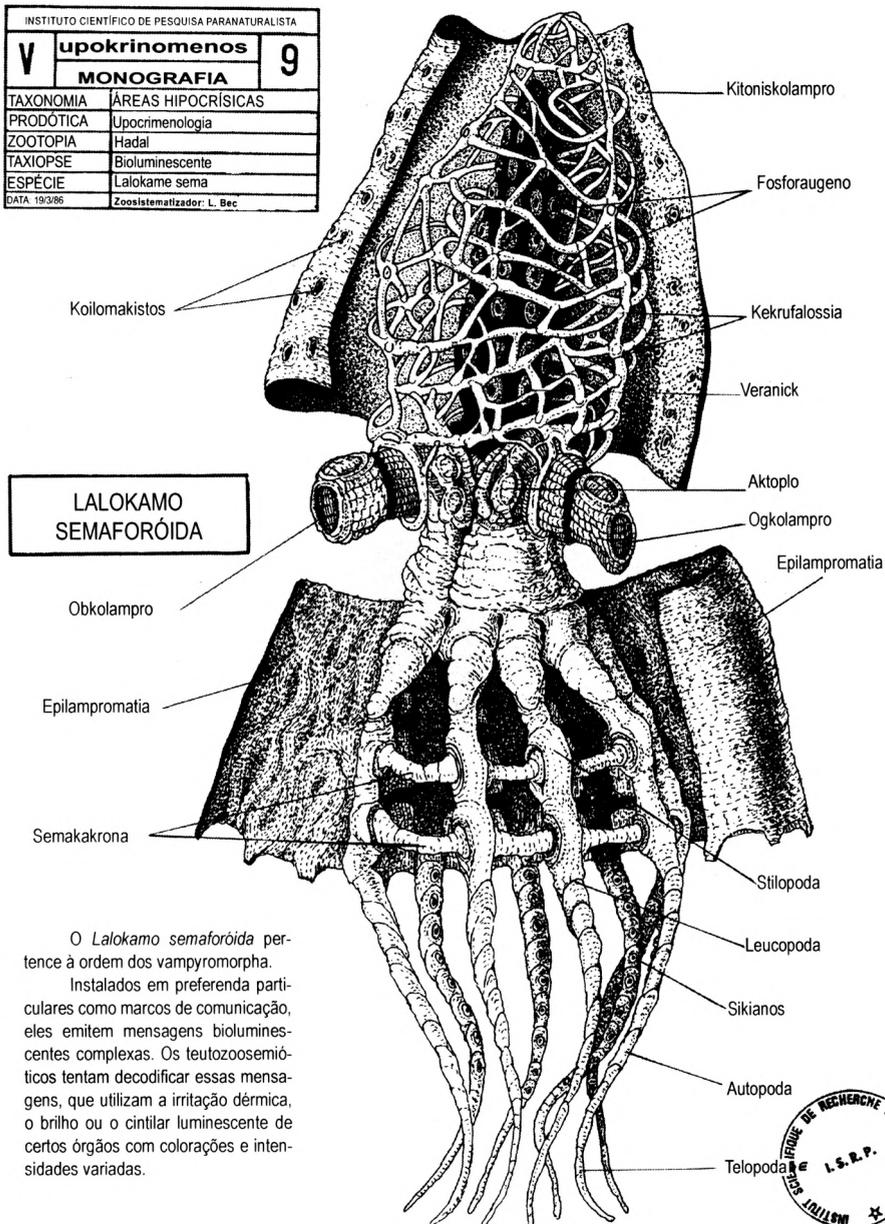
VAMPYROPELIDA
KAMPTO

O *Vampyropelida kampto* pertence à ordem Vampyromorpha. Ele é barófilo e evolui em um meio hadal, movendo-se com os seus tentáculos como se arrasta uma lagartixa.

Seu aspecto lívido e fantasmático, devido à sua morfologia característica (em tira), paralisa as suas presas. Algumas destas parecem fascinadas por suas aparições a ponto de chegar a espécies de automutilações sacrificiais. Depois de terem sido capturadas pelos matixtos elas são esvaziadas de suas substâncias pela makmudzaolo e pelos fulakempneustonos.



INSTITUTO CIENTIFICO DE PESQUISA PARANATURALISTA		
V	upokrinomenos	9
	MONOGRAFIA	
TAXONOMIA	ÁREAS HIPOCRÍSICAS	
PRODÓTICA	Upocrimenologia	
ZOOTOPIA	Hadal	
TAXIOPSE	Bioluminescente	
ESPÉCIE	Lalokame sema	
DATA: 19/3/86	Zoosistemattizador: L. Bec	



O *Lalokamo semafóróida* pertence à ordem dos vampyromorpha.

Instalados em preferenda particulares como marcos de comunicação, eles emitem mensagens bioluminescentes complexas. Os teutozoosemióticos tentam decodificar essas mensagens, que utilizam a irritação dérmica, o brilho ou o cintilar luminescente de certos órgãos com colorações e intensidades variadas.



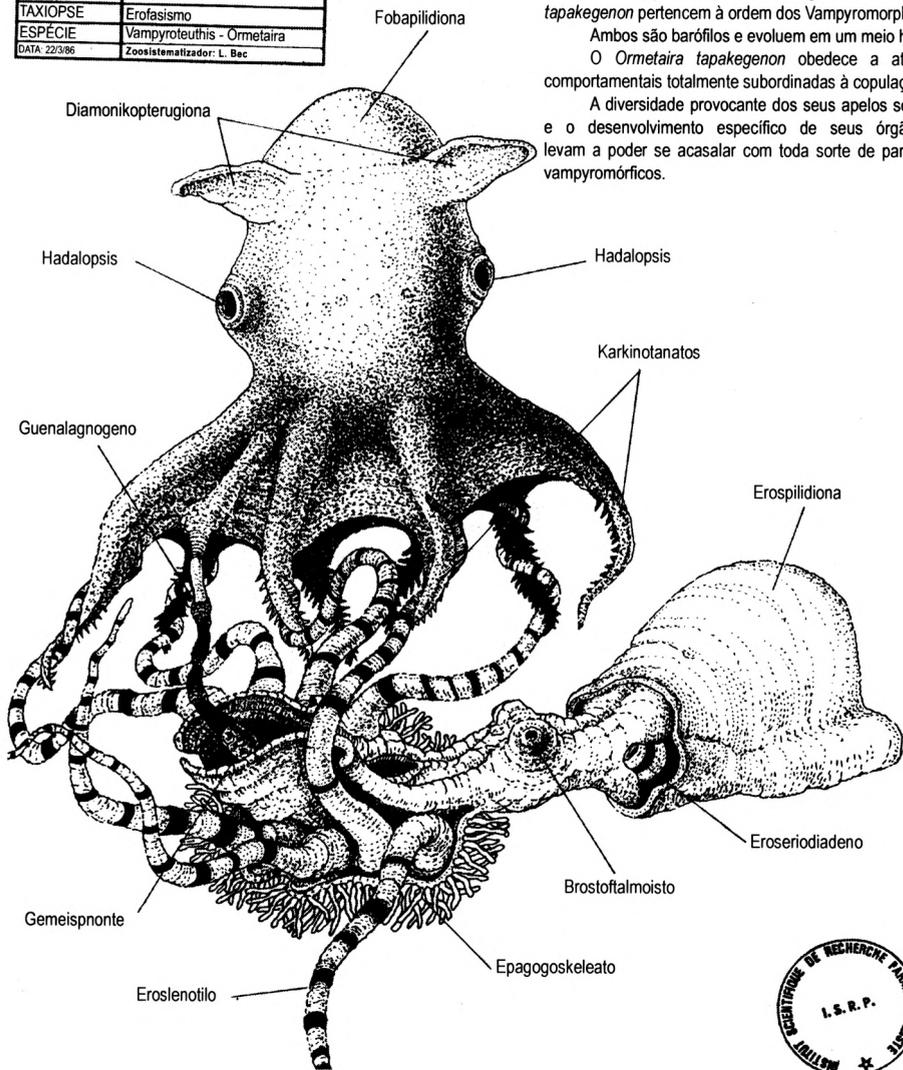
INSTITUTO CIENTÍFICO DE PESQUISA PARAMATURALISTA	
V	upokrinomenos
	MONOGRAFIA
	10
TAXONOMIA	ÁREAS HIPOCRISICAS
PRODÓTICA	Upocrimenologia
ZOOTÓPIA	Hadal
TAXIOPSE	Erofasismo
ESPÉCIE	Vampyroteuthis - Ormetaira
DATA 22/3/86	Zoosistemizador: L. Bec

VAMPYROTEUTHIS INFERNALIS G.
ORMETAIRA TAPAKEGENON

O *Vampyroteuthis infernalis* g. e o *Ormetaira tapakegenon* pertencem à ordem dos Vampyromorpha.

Ambos são barófilos e evoluem em um meio hadal. O *Ormetaira tapakegenon* obedece a atitudes comportamentais totalmente subordinadas à população.

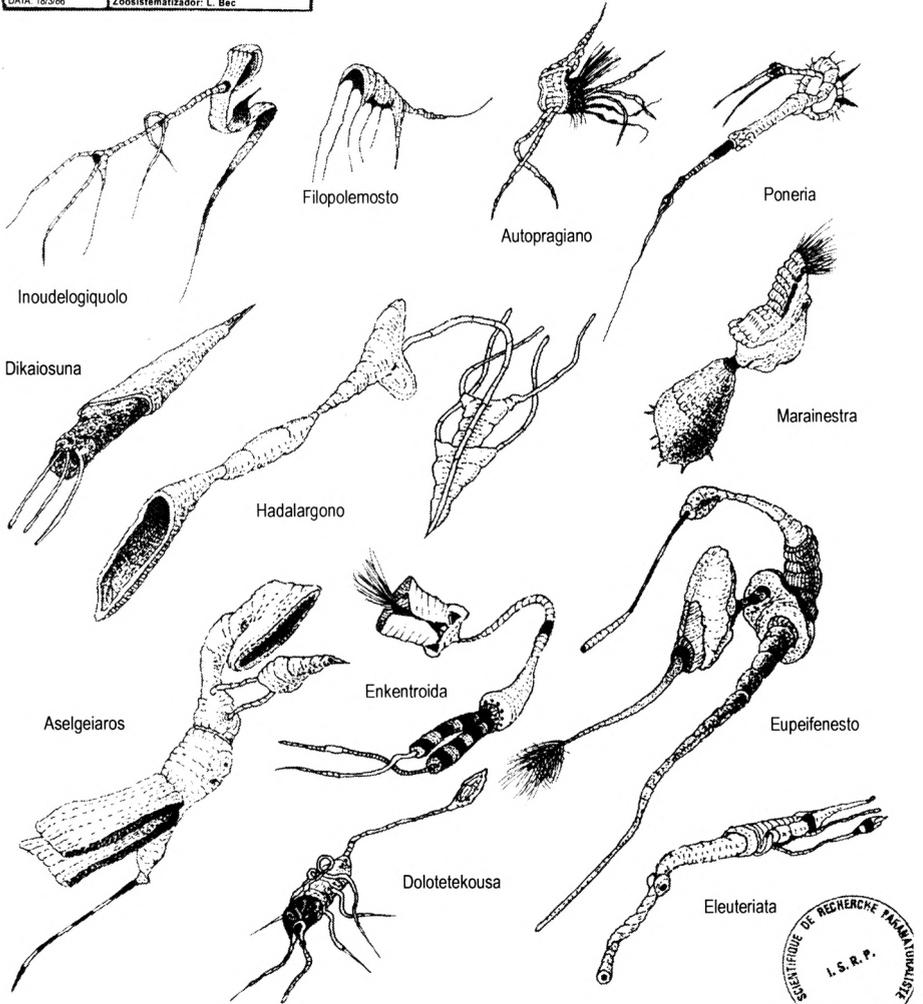
A diversidade provocante dos seus apelos sexuais e o desenvolvimento específico de seus órgãos o levam a poder se acasalar com toda sorte de parceiros vampyromórficos.



INSTITUTO CIENTIFICO DE PESQUISA PARANATURALISTA		
6B	upokrinomenos	Z
MONOGRAFIA		
TAXONOMIA	ÁREAS HIPOCRISICAS	
PRODÓTICA	Upocrimenologia	
ZOOTÓPIA	Hadalbéntico	
TAXIÓPSE	Apalatriosismo	
ESPÉCIE	Biotekmerions	
DATA: 18/3/86	Zoosistemalizador: L. Bec	

OS BIOTEKMERIONS

Os Biotekmerions são organismos que servem de alimentos aos Vampyromorpha Upokrinomenos. Eles transformam pela dolotrofia a morfologia, a fisiologia, o metabolismo e o comportamento de certos Vampyromorpha.



O livro *Vampyroteuthis infernalis* é fruto da longa amizade entre Vilém Flusser e Louis Bec, cientista e artista francês. Os dois tornaram-se conhecidos por suas transgressões dos métodos da ciência ocidental, atravessando seus limites e criando discursos alternativos. Louis Bec escolheu a espécie *Vampyroteuthis infernalis*, atribuindo-lhe características fantásticas. Vilém deixou-se inspirar pelo animal, e criou um dos livros mais particulares de sua vida, misturando ficção e ensaio. Assim nasceu esta obra instigante e extremamente forte, uma reflexão sobre os traços vampirotêuticos em nossas vidas, apontando para os abismos que deveriam ser assumidos e levados à luz do dia.

